

SABER CAPOEIRA ANGOLA

**COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS:
CAPOEIRA: MÚSICA, CANTOS, MOVIMENTOS E LUTA**

PIBIC. JR-AL 2025/2026

Marco Antonio Santos da Silva
(Organizador)

SABER CAPOEIRA ANGOLA

**COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS:
CAPOEIRA: MÚSICA, CANTOS,
MOMENTOS E LUTA**

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas

DESIGNER DE CAPA: Autores

ARTE FINAL: Editora Kattleya

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.



Todos os livros publicados pela Editora Kattleya estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05

Antares, Maceió - AL, 57048-230

Site: www.editorakattleya.com

E-mail: editorakattleya@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

S115

Saber capoeira angola: coletânea de artigos científicos /
Organização de Marco Antonio Santos da Silva. – Maceió-
AL: Kattleya, 2026.

(Capoeira: música, cantos, momentos e luta)

Livro em PDF

ISBN 978-65-83366-23-8

1. Capoeira. 2. Cultura afro-brasileira. I. Silva, Marco Antonio Santos da (Organizador). II. Título.

CDD 796.45

Índice para catálogo sistemático

I. Capoeira

Marco Antonio Santos da Silva
(Organizador)

SABER CAPOEIRA ANGOLA

**COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS:
CAPOEIRA: MÚSICA, CANTOS,
MOMENTOS E LUTA**

Maceió-AL | **Kattleya**
2026 EDITORA

Direção Editorial

Luciele Vieira da Silva

Comitê Científico Editorial

Dr. Edson Hely Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Dra. Adlene Silva Arantes

Livre Docente pela Universidade de Pernambuco - UPE (Brasil)

Dr. Augusto César Acioly Paz Silva

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Dr. João Paulino da Silva Neto

Universidade Federal de Roraima | UFRR (Brasil)

Dra. Ana Maria de Barros

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Ana Maria Tavares Duarte

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Kalline Flávia Silva de Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF | (Brasil)

Prof. Me. Laudemiro Ramos Torres Neto

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Prof. Denivan Costa de Lima

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Dr. José Luís Romero Hernández

Universidade Nacional Autónoma do México | UNAM (México)

Me. Ruth Nitzia Botello Ortiz

Instituto Politécnico Nacional | IPN (México)

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta obra a Capoeira – território de saber, resistência e reexistência.

Aos Mestres e Mestras ancestrais da Capoeira, cuja ginga, canto, música, jogo e sabedoria moldaram um caminho de liberdade e dignidade, mesmo diante da opressão e da criminalização. Suas vozes, seus movimentos e sua memória são as raízes profundas que nutrem esta coletânea.

Às mulheres capoeiristas, que, com sua *mandinga de enfrentamentos*, ressignificam a roda, desafiam o patriarcado e reafirmam a potência do corpo feminino como ferramenta de resistência.

A todos que lutam diariamente por uma educação decolonial, pela valorização das relações étnico-raciais e pela efetivação da Lei 10.639/2003, construindo pontes para que os saberes afro-brasileiros sejam reconhecidos como parte central e legítima da nossa história e cultura.

Que a força da Capoeira continue a inspirar a busca por justiça social, equidade e o pleno reconhecimento da riqueza da ancestralidade africana no Brasil e no mundo.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta coletânea, um valioso registro da riqueza e profundidade da Capoeira Angola, representa o resultado de um esforço coletivo e da fundamental contribuição de diversas pessoas e instituições.

Expressamos nossa mais profunda gratidão ao organizador, Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva, cuja visão, dedicação e empenho foram cruciais para a compilação e o registro deste trabalho. Nosso reconhecimento à Direção Editorial, Luciele Vieira da Silva, e à equipe responsável pela Diagramação, Bruna Natalia de Freitas, e Arte Final, Editora Kattleya, pela excelência e cuidado dedicados à materialização deste projeto. A Editora Kattleya pelo apoio na publicação e pela iniciativa de disponibilizar esta obra sob a licença Creative Commons 4.0, promovendo o livre acesso ao conhecimento.

Estendemos nossa gratidão às instituições acadêmicas e de fomento à pesquisa que proporcionaram o suporte necessário para o desenvolvimento das investigações. Destacamos o Instituto Federal de Alagoas (IFAL), na pessoa de seu Diretor Geral, Prof. Dr. Givaldo Oliveira dos Santos, pelo incentivo e apoio institucional; a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), representada por seu Diretor Presidente, Prof. Dr. Fábio Guedes Gomes, pelos recursos concedidos para o desenvolvimento dos estudos; e a Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares Alagoas (ABCCAP-AL), bem como seu presidente, Mestre Marco Baiano, pela disponibilização do campo de estudo e pela inestimável colaboração. Registramos, com pesar, nossa homenagem póstuma ao Prof. Me. Gerson Maciel Guimarães, pelo seu apoio e presença constante em nossos trabalhos.

Finalmente, e com profundo respeito, agradecemos à vasta comunidade da Capoeira, especialmente aos Mestres e Mestras ancestrais. Sua resistência, sabedoria e vivência inspiram cada página desta obra, reafirmando a Capoeira como um legado cultural afro-

brasileiro vivo e uma *mandinga de enfrentamentos* inconfundível. Sem suas histórias, suas rodas e sua inestimável contribuição, a concretização deste trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 11

CAPÍTULO 1

CAPOEIRA NA ESCOLA: pedagogia decolonial e resistência étnico-racial

Arthur Guilherme de Oliveira Silva

Josias Jhon Santos de Lima

Emylly Vitória da Conceição Lima

Marco Antonio Santos da Silva..... 13

CAPÍTULO 2

MANDINGA DE ENFRENTAMENTOS: o corpo feminino como ferramenta tecnológica de resistência na capoeira

Rodôlfo da Silva Aquino

Yasmin Vitória da Silva de Oliveira

Maria Eduarda da Silva

Marco Antonio Santos da Silva..... 38

CAPÍTULO 3

CAPOEIRA EM ALAGOAS: história, espaços e práticas culturais

Emanuel Felix Monteiro

Williams Boaz Fernandes da Silva

Marco Antonio Santos da Silva..... 55

CAPÍTULO 4

MESTRES ANCESTRAIS: história, trajetória e legado dos Mestres de Capoeira de Alagoas

Maria Luiza Silva de Vasconcelos¹

Katarina Marques Guimarães

Marco Antonio Santos da Silva..... 74

CAPÍTULO 5

CAPOEIRA EM ALAGOAS: história, espaços e práticas culturais

Emanuel Felix Monteiro

Williams Boaz Fernandes da Silva

Marco Antonio Santos da Silva..... **108**

CAPÍTULO 6

A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA, CULTURAL E DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Adryan Kauã Macena dos Santos Lima

Venicio Benigno da Silva

Fernanda Luiza dos Santos Silva

Marco Antonio Santos da Silva..... **127**

APRESENTAÇÃO

O presente e-book é resultado do projeto de pesquisa PIBIC Jr., financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) e desenvolvido por estudantes do Instituto Federal de Alagoas – Campus Maceió, intitulado “A prática da Capoeira, Resistência e Cultura Popular: Músicas, cantos, movimentos e luta”. A iniciativa teve como objetivo investigar e sistematizar a Capoeira Angola como prática cultural, linguagem corporal e campo de produção de conhecimento científico no contexto da Iniciação Científica Júnior. Ancorado na valorização dos saberes afro-brasileiros e na aproximação entre cultura popular e educação formal, o projeto ampliou o acesso de estudantes do ensino médio à pesquisa e contribuiu para consolidar a Capoeira como experiência formativa vinculada à identidade, à memória e às dinâmicas sociais.

Esta coletânea reúne estudos sobre a Capoeira em sua relação com educação, cultura e sociedade. O artigo Capoeira na escola: pedagogia decolonial e resistência étnico-racial discute sua inserção no espaço escolar como prática comprometida com o enfrentamento do racismo e com a valorização das matrizes africanas na educação. Em diálogo com essa perspectiva, A Capoeira como prática pedagógica, cultural e de resistência: reflexões sobre formação, interculturalidade e inclusão social aborda seu papel na formação dos sujeitos, no fortalecimento identitário e na construção de práticas educativas mais inclusivas. Na sequência, Mandinga de enfrentamentos – o corpo feminino como ferramenta tecnológica de resistência na capoeira reflete sobre a presença das mulheres nesse campo cultural, destacando experiências de enfrentamento ao machismo e afirmação de protagonismo. O artigo Capoeira em Alagoas: história, espaços e práticas culturais percorre a trajetória dessa manifestação no estado, resgatando memórias, territorialidades e formas de organização que sustentam sua continuidade. Encerrando a coletânea, Mestres Ancestrais: história, trajetória e legado dos Mestres de Capoeira de

Alagoas destaca o papel dos mestres e mestras na preservação e transmissão de saberes, reafirmando sua centralidade na continuidade histórica e cultural da Capoeira.

Além de apresentar resultados acadêmicos, este e-book materializa experiências construídas no encontro entre juventude, ciência e cultura popular. Ao transformar vivências em produção científica, os(as) estudantes afirmam a Capoeira Angola como prática educativa, patrimônio cultural e forma legítima de conhecimento. Esta obra expressa o potencial da iniciação científica como espaço de formação crítica e de reconhecimento de saberes historicamente marginalizados, projetando a cultura popular como fundamento de reflexão, pertencimento e transformação social.

CAPÍTULO 1

CAPOEIRA NA ESCOLA: pedagogia decolonial e resistência étnico-racial

Arthur Guilherme de Oliveira Silva¹

Josias Jhon Santos de Lima²

Emylly Vitória da Conceição Lima³

Marco Antonio Santos da Silva⁴

1 INTRODUÇÃO

A presença da capoeira na escola, especialmente no contexto da educação básica, tem sido cada vez mais discutida como uma possibilidade concreta de construção de práticas pedagógicas decoloniais, capazes de tensionar e enfrentar o racismo estrutural que atravessa o sistema educacional brasileiro. Embora, historicamente criminalizada, marginalizada e associada a discursos de inferiorização das culturas afro-brasileiras, a capoeira consolidou-se como expressão cultural, artística e política de resistência — um “corpo-escrevivência” que carrega saberes ancestrais, epistemologias de reexistência e formas próprias de organizar o mundo (Reis, 1997; Souza, 2018). No espaço escolar, tais saberes tensionam visões eurocêntricas de conhecimento, apresentando-se como potente ferramenta para a educação das relações étnico-raciais.

¹ Acadêmico do curso Edificações do Instituto Federal de Alagoas – Ifal. E-mail: agos3@aluno.ifal.edu.br . 2025.

² Acadêmico do curso Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal de Alagoas – Ifal. E-mail: jjsl3@aluno.ifal.edu.br . 2025.

³ Acadêmica do curso Edificações do Instituto Federal de Alagoas – Ifal. E-mail: evcl1@aluno.ifal.edu.br . 2025.

⁴ Doutor em educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal. E-mail: marcobaiano4@gmail.com

A promulgação da Lei 10.639/2003 e a posterior elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004) marcaram um divisor de águas ao reconhecer a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Entretanto, como apontam Gomes (2017) e Munanga (2005), sua implementação tem enfrentado desafios significativos, incluindo a folclorização das práticas culturais negras, a escassez de formação docente e as resistências institucionais. A capoeira, muitas vezes reduzida a uma atividade física ou recreativa desprovida de densidade histórica, política e filosófica, torna-se exemplo emblemático dessas tensões: pode ser instrumento de conscientização crítica, mas também corre o risco de ser transformada em mero espetáculo escolar.

Nesse cenário, a pedagogia decolonial surge como perspectiva que problematiza a colonialidade do saber, do poder e do ser, propondo epistemologias que reconhecem e valorizam outras racionalidades — africanas, indígenas, diaspóricas, periféricas — silenciadas pelo projeto moderno-colonial (Mbembe, 2017). A capoeira, enquanto prática que historicamente se opôs a regimes de captura, vigilância e disciplinamento do corpo negro, alinha-se a essa perspectiva ao encarnar um modo de aprender que não separa corpo e mente, música e movimento, estética e política. Trata-se de um espaço de formação crítico-humanizadora, que dialoga com a proposta freireana de educação libertadora (Freire, 2020), na qual os sujeitos se constituem como agentes históricos capazes de compreender e transformar a realidade.

Quando inserida no ambiente escolar com intencionalidade crítica, a capoeira pode atuar como forma de enfrentamento ao racismo estrutural — entendido, a partir de Almeida (2019), como um sistema de práticas e instituições que reproduzem desigualdades raciais independentemente de intenções individuais. Ao fomentar o reconhecimento da ancestralidade africana, promover valores como respeito, solidariedade e cooperação, e possibilitar o questionamento das hierarquias raciais que estruturam a sociedade brasileira, a prática

da capoeira na escola contribui para a construção de identidades positivas e para a formação de estudantes antirracistas.

Assim, este artigo investiga como a capoeira pode ser incorporada na escola como instrumento pedagógico decolonial e de resistência étnico-racial, analisando os desafios, potencialidades e limites de sua aplicação no cotidiano escolar. Para tanto, dialoga com autores fundamentais da educação, da filosofia política e dos estudos étnico-raciais, buscando compreender de que maneira esta prática ancestral pode fortalecer a implementação da Lei 10.639/2003 e ampliar os horizontes epistemológicos da educação brasileira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A discussão sobre a capoeira na escola como prática pedagógica decolonial e instrumento de resistência étnico-racial encontra respaldo em um conjunto robusto de produções teóricas que abordam racismo estrutural, colonialidade do saber, educação libertadora e cultura afro-brasileira. Nesta seção, apresentam-se os principais marcos conceituais que fundamentam o debate, organizados em quatro eixos: (2.1) Racismo estrutural e suas implicações na escola; (2.2) Pedagogia decolonial, colonialidade e epistemicídio; (2.3) Educação das relações étnico-raciais e os desafios da Lei 10.639/2003; e (2.4) Capoeira: ancestralidade, resistência e produção de saberes.

2.1 Racismo estrutural e suas implicações na escola

O racismo é sempre estrutural, isto é, elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (Almeida, 2019, p. 15).

O conceito de racismo estrutural, formulado por Silvio Almeida (2019), é o pilar central para compreender por que práticas culturais afro-brasileiras enfrentam barreiras e são frequentemente esvaziadas de sentido no ambiente escolar. Para o autor, o racismo não deve ser lido

como uma patologia individual ou um desvio de conduta pontual, mas como um sistema que organiza as instituições, os hábitos e as formas de pensamento de maneira a reproduzir desigualdades raciais de forma automática.

No campo educacional, esse sistema manifesta-se no currículo escolar, que é historicamente marcado pelo eurocentrismo e pela normalização da branquitude como o padrão universal de inteligência e civilidade. Essa estrutura produz o que se chama de "normalização das hierarquias raciais", onde o apagamento sistemático de referências negras nos conteúdos gera a percepção de que tais conhecimentos são suplementares, secundários ou inferiores. Quando a capoeira é inserida nesse contexto, ela frequentemente sofre processos de marginalização ou é reduzida a uma atividade física desprovida de sua densidade histórica e política.

A escola, enquanto instituição social, muitas vezes contribui para esse processo ao invisibilizar saberes ancestrais ou reduzi-los à condição de folclore, o que reforça a ideia de que a contribuição negra é apenas estética e não intelectual. Portanto, a presença da capoeira na escola deve ser entendida como um ato político de enfrentamento a esse racismo institucional. Ela tem o potencial de questionar currículos monoculturais e interpelar práticas pedagógicas eurocêntricas, abrindo espaço para a construção de novas formas de convivência e reconhecimento racial que desafiam a lógica de subalternização imposta pelo projeto moderno-colonial.

Ao compreender o racismo como algo que estrutura a sociedade, a escola pode utilizar a capoeira como um dispositivo pedagógico para ampliar a consciência crítica dos estudantes sobre como o racismo se inscreve nas práticas sociais e como é possível enfrentá-lo coletivamente para a construção de uma educação comprometida com a justiça social.

2.2 Pedagogia decolonial, colonialidade e epistemicídio

A pedagogia decolonial emerge como uma perspectiva crítica indispensável ao modelo ocidental de produção de saberes, oferecendo ferramentas para compreender porque determinadas epistemologias são historicamente silenciadas. Achille Mbembe (2017), ao discutir a "razão negra", descreve como a modernidade ocidental se constituiu a partir da desumanização dos povos africanos, culminando no "epistemicídio" — o assassinato ou apagamento deliberado de sistemas de conhecimento não europeus.

Aplicada ao contexto escolar, essa perspectiva evidencia que a educação ainda opera sob uma lógica colonial que valoriza apenas a racionalidade abstrata e invisibiliza outras formas de existência, corporalidade e linguagem. A capoeira desafia frontalmente essa lógica ao propor uma aprendizagem integral onde corpo, ritmo, ancestralidade e resistência são indissociáveis, funcionando como uma "tecnologia social de reexistência". Em vez de uma visão fragmentada do conhecimento, ela apresenta uma epistemologia própria que ensina a partir do corpo e não apesar dele, rompendo com a separação moderna entre mente e teoria.

Essa proposta dialoga profundamente com as contribuições de Paulo Freire (2020) e sua pedagogia do oprimido, que defende uma educação pautada no diálogo, na conscientização e na superação da opressão. A roda de capoeira funciona como a materialização desse pensamento: um espaço horizontal e circular onde todos os sujeitos são convocados a participar e construir significados coletivamente. Na roda, a hierarquia do ensino tradicional é deslocada em favor de uma aprendizagem partilhada, onde o mestre e o aprendiz trocam saberes através do improviso e do movimento.

Ao incorporar a capoeira, a escola assume um compromisso decolonial, pois reconhece o corpo negro não como objeto de exotismo ou força bruta, mas como produtor de conhecimento, memória e humanidade. Esse movimento pedagógico permite que a escola se

transforme em um território de revalorização de saberes afro-diaspóricos, onde a estética, a ética e a política se fundem para criar novas possibilidades de subjetivação e emancipação dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

2.3 Educação das relações étnico-raciais e os desafios da Lei 10.639/2003

A promulgação da Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004) constituem marcos jurídicos fundamentais na luta contra o racismo no ambiente escolar brasileiro. Entretanto, como apontam autores, como Nilma Lino Gomes (2017) e Kabengele Munanga (2005), a efetivação dessas normas ainda enfrenta barreiras significativas, como a resistência institucional e a falta de preparo técnico do corpo docente.

Gomes (2017) destaca que, embora o movimento negro tenha sido protagonista na construção dessas políticas, muitos conteúdos, ao entrarem na escola, sofrem um processo de "folclorização". Isso ocorre quando a capoeira, o samba ou a congada são reduzidos a atrações festivas e exóticas em datas específicas, como o Dia da Consciência Negra, sem que haja uma reflexão crítica sobre seus fundamentos filosóficos ou sua história de luta. Esse esvaziamento político transforma um patrimônio cultural em mero entretenimento, reforçando estereótipos em vez de combatê-los.

Complementarmente, Munanga (2005) ressalta que a formação docente é o ponto de maior fragilidade; muitos professores, por não possuírem repertório sobre a história africana, sentem-se inseguros e acabam reproduzindo práticas equivocadas ou superficiais. Enfrentar o racismo escolar exige, portanto, mais do que a simples inclusão de novos temas: requer uma mudança estrutural no currículo e na própria concepção de educação. A capoeira apresenta-se como uma ferramenta potente para essa transformação, desde que seja abordada em sua

complexidade histórica e política, e não apenas como um "adereço pedagógico" ou atividade recreativa.

Para que a Lei 10.639/2003 seja plenamente cumprida, é necessário que a escola estabeleça um planejamento contínuo, articule-se com mestres da comunidade e promova uma formação continuada que contemple as epistemologias decoloniais. Somente assim será possível transitar de uma educação que apenas "mostra" a cultura negra para uma educação que efetivamente valoriza a ancestralidade africana como parte integrante e legítima da formação nacional, fortalecendo a construção de identidades positivas para todos os estudantes.

2.4 Capoeira: ancestralidade, resistência e produção de saberes

A capoeira é amplamente reconhecida como uma das expressões culturais mais emblemáticas da resistência negra no Brasil, carregando em si a memória viva das estratégias de liberdade dos povos escravizados. Conforme documentado por Reis (1997), sua origem reside na criatividade e na inteligência estratégica dos africanos e seus descendentes, que articularam luta, música e jogo como formas de comunicação e organização política contra o sistema colonial. Cada toque de berimbau, cada canto e cada movimento da ginga representa um fragmento dessa história de sobrevivência que foi transmitida oralmente e corporalmente através das gerações, resistindo a séculos de criminalização e marginalização.

No contexto contemporâneo, autores como Ana Lúcia Souza (2018) ampliam essa compreensão ao definir a capoeira como uma prática de "letramento de reexistência". Nesse sentido, a capoeira funciona como um espaço onde sujeitos negros constroem identidades afirmativas, elaboram narrativas próprias e desenvolvem uma criticidade racial necessária para navegar em uma sociedade marcada pela ideologia da branquitude.

O corpo, na capoeira, torna-se o meio principal de aprendizado e afirmação política, posicionando-se em oposição direta às formas

coloniais de disciplinamento e subalternização. Quando inserida no ambiente escolar com intencionalidade decolonial, ela deixa de ser apenas uma atividade física para se tornar uma prática educativa complexa e interdisciplinar. Ela permite conexões ricas com a História (estudo dos quilombos), com a Língua Portuguesa (análise das ladainhas e oralidade), com a Educação Física (consciência corporal ética) e com as Artes (musicalidade e construção de instrumentos). Essa abordagem integral oferece aos estudantes, especialmente aos negros e periféricos, a possibilidade de ler o mundo através da ancestralidade, encontrando na escola um espaço de pertencimento e valorização de sua história.

Assim, a capoeira na escola atua como um potente mecanismo de reconstrução das relações étnico-raciais, promovendo valores de solidariedade e cooperação que são fundamentais para a formação de cidadãos antirracistas e para a valorização definitiva da matriz africana na cultura brasileira.

3 CAPOEIRA, DECOLONIALIDADE E RESISTÊNCIA ÉTNICO-RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR

A inserção da capoeira na escola, quando realizada a partir de uma perspectiva crítica e decolonial, constitui um potente mecanismo de enfrentamento ao racismo estrutural e de valorização das identidades afro-brasileiras. Diferentemente de abordagens que limitam a prática a uma dimensão puramente esportiva ou recreativa, a capoeira é aqui compreendida como uma tecnologia ancestral de resistência que permite ressignificar o espaço escolar de forma profunda. Essa prática desafia as hierarquias raciais, epistemológicas e corporais que foram historicamente naturalizadas pelo sistema de ensino eurocêntrico. Ao ocupar a escola, ela propõe um novo projeto político-pedagógico que valoriza a ancestralidade negra e promove a justiça social.

3.1 A capoeira como prática de saberes decoloniais

A perspectiva decolonial, fundamentada em autores como Mbembe (2017), denuncia os modos pelos quais a colonialidade do saber hierarquiza conhecimentos e produz epistemicídios, ou seja, o apagamento de saberes não europeus. A capoeira emerge como uma prática que produz conhecimento através do corpo, da musicalidade, da oralidade e da ritualidade, questionando a racionalidade moderna que privilegia formas abstratas de aprendizagem. Ao ser incorporada ao cotidiano escolar, ela opera como uma pedagogia que ensina a partir do corpo e não apesar dele, subvertendo a lógica de silenciamento imposta aos povos da diáspora.

Em oposição à fragmentação moderna que separa mente e corpo, teoria e prática, ou conhecimento e experiência, a capoeira constitui uma forma integrada e holística de aprender. Seus toques, cantos, movimentos e jogos constituem uma epistemologia própria, que não apenas complementa o currículo tradicional, mas o reconfigura ao inserir saberes afro-diaspóricos como centrais e não meramente periféricos ou exóticos.

Essa centralidade contraria diretamente a lógica colonial que, por séculos, marginalizou as corporeidades negras, associando-as à animalização ou à força bruta desprovida de intelecto. No ambiente escolar, a capoeira transforma essas narrativas ao reinscrever o corpo negro como um legítimo produtor de conhecimento, memória e humanidade. Trata-se de um movimento profundamente decolonial que desloca o olhar eurocentrado e constrói novas possibilidades de subjetivação para todos os estudantes.

Além disso, a capoeira permite que o currículo deixe de ser monocultural, passando a incluir racionalidades africanas e periféricas que foram silenciadas pelo projeto da modernidade. Ao tensionar a colonialidade do saber, ela abre caminhos para que a escola reconheça múltiplas formas de inteligência, valorizando a estética e a política indissociáveis do movimento. Essa abordagem integrada rompe com

modelos pedagógicos fragmentados, promovendo uma educação que respeita a complexidade do ser humano e a diversidade das raízes culturais que formam a sociedade brasileira.

3.2 A roda de capoeira como espaço pedagógico libertador

A roda de capoeira, enquanto prática social e cultural, é um dos ambientes pedagógicos mais ricos para a formação humana integral. Inspirada em princípios fundamentais, como a circularidade, a coletividade, a ancestralidade e o respeito mútuo, a roda configura-se como um espaço horizontal. Nela, todos os sujeitos — sejam iniciantes ou experientes — participam ativamente da construção do conhecimento, rompendo com a passividade muitas vezes encontrada em salas de aula tradicionais. Essa dinâmica dialoga diretamente com os princípios da pedagogia freireana (Freire, 2020), especialmente no que diz respeito à educação como prática da liberdade.

Freire defende que é no diálogo, na problematização e na ação coletiva que os sujeitos se tornam conscientes de sua condição histórica e ganham ferramentas para transformá-la. A roda funciona como uma metáfora viva e uma prática pedagógica concreta desse processo libertador: aprende-se com o outro através da escuta, da observação atenta, do canto coletivo e do improviso rítmico. Ao reproduzir no espaço escolar valores como solidariedade, disciplina coletiva, autocontrole e cooperação, a roda rompe com modelos de ensino que privilegiam apenas a competição e as relações hierárquicas rígidas entre professor e estudante. Ela favorece uma pedagogia participativa e dialógica, na qual múltiplas vozes são reconhecidas como legítimas, desafiando o silenciamento histórico de estudantes negros e periféricos.

Nesse ambiente, a aprendizagem ocorre de forma compartilhada, onde o mestre ou o educador atua como um facilitador do processo, e não como o único detentor do saber. Essa horizontalidade desloca o poder e permite que o estudante se sinta pertencente a um coletivo, desenvolvendo habilidades sociais e sensibilidade estética. A

roda, portanto, não é apenas um local de jogo, mas um território de formação crítico-humanizadora que prepara os indivíduos para uma atuação consciente e ética na sociedade, promovendo valores que são essenciais para a convivência democrática e para o respeito à diversidade humana.

3.3 Capoeira e identidade negra: pertencimento, memória e ancestralidade

A construção de identidades positivas é um dos eixos centrais da Educação das Relações Étnico-Raciais, especialmente em sociedades marcadas pela ideologia da branquitude como padrão de humanidade. A capoeira exerce um papel fundamental nesse processo, pois oferece às crianças e adolescentes negros referências ancestrais de força, sabedoria e criatividade. Ela atua como uma poderosa contra-narrativa às imagens estereotipadas e inferiorizantes que ainda permeiam o cotidiano e os livros didáticos escolares.

Conforme demonstra Reis (1997), a capoeira não é apenas uma prática física, mas uma memória viva das estratégias de resistência dos africanos escravizados e de seus descendentes no Brasil. Cada canto entoado, cada toque de berimbau e cada ritual na roda representa fragmentos dessa história de luta, transmitidos oralmente e corporalmente ao longo de gerações. Ao acessar essa memória ancestral dentro da escola, estudantes negros encontram formas de identificação que fortalecem sua autoestima e seu sentido de pertencimento.

Souza (2018) reforça essa ideia ao analisar a capoeira como uma prática de "letramentos de reexistência", que são formas de expressão e produção de conhecimento que afirmam a vida negra em contextos de violência simbólica. No ambiente escolar, esse letramento permite ler o mundo através da ancestralidade, compreendendo-se como herdeiro de uma história de resistência ativa e não apenas de subalternização ou sofrimento. Esse fortalecimento identitário é crucial para enfrentar o apagamento cultural e a estigmatização que muitos jovens vivenciam

no sistema de ensino. Quando a escola valoriza esses símbolos e estéticas de matriz africana, ela oferece representações afirmativas que combatem a naturalização das desigualdades raciais.

Além disso, estudantes não negros também são beneficiados, pois passam a perceber a centralidade da cultura afro-brasileira na formação nacional, o que contribui para a construção de relações mais respeitadas e para a desconstrução de imaginários racistas. Assim, a capoeira torna-se um dispositivo de valorização identitária que rompe lógicas de silenciamento e promove o orgulho racial.

3.4 A capoeira como enfrentamento ao racismo estrutural

Inserir a capoeira na escola com intencionalidade crítica é, antes de tudo, um ato político de enfrentamento às estruturas de poder. O racismo estrutural, conforme argumenta Almeida (2019), não é apenas um comportamento individual, mas opera por meio de instituições e normas que naturalizam desigualdades raciais historicamente construídas. A escola, enquanto instituição social, muitas vezes contribuiu para esse processo, ao invisibilizar saberes afro-brasileiros ou reduzi-los à categoria de "folclore" ou curiosidade exótica. Quando a capoeira ocupa o espaço escolar como uma prática complexa, dotada de densidade histórica e epistemológica, ela desafia diretamente essa estrutura desigual. Ela questiona os currículos monoculturais e interpela as práticas pedagógicas eurocêntricas que dominam o sistema educacional. Mais do que uma simples atividade extracurricular ou recreativa, a capoeira torna-se um instrumento de transformação institucional e de reparação histórica. Ela cria condições reais para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as relações raciais no Brasil.

Ao conhecer a história da capoeira — marcada por períodos de criminalização oficial, perseguição policial e resistência cultural — os estudantes compreendem como o racismo se inscreve nas práticas sociais e como é possível enfrentá-lo coletivamente. A capoeira atua,

portanto, como um dispositivo pedagógico antirracista que articula corpo, história, estética e política para interpelar a realidade. Essa prática permite analisar processos de "reexistência", ampliando a capacidade de intervenção social dos alunos. Ao trazer mestres de capoeira como detentores de saberes tradicionais para dentro da escola, a instituição reconhece outras autoridades intelectuais, desafiando a hierarquia racial dos saberes. Assim, a capoeira funciona como um projeto político-pedagógico que busca construir uma escola verdadeiramente democrática, plural e comprometida com a justiça social, capaz de questionar as raízes da desigualdade e promover a libertação dos sujeitos.

4 CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A inserção da capoeira na educação básica representa uma oportunidade significativa para a construção de práticas pedagógicas que valorizem saberes afro-brasileiros e promovam relações étnico-raciais positivas. No entanto, essa incorporação não ocorre sem desafios. Ela depende de condições institucionais, formação docente adequada, compreensão crítica da Lei 10.639/2003 e, sobretudo, de um projeto pedagógico comprometido com uma perspectiva decolonial.

Esta seção analisa práticas possíveis, obstáculos estruturais e caminhos para fortalecer a capoeira como elemento curricular transformador.

4.1 Práticas pedagógicas com capoeira: interdisciplinaridade e potência educativa

A capoeira possui dimensões múltiplas — histórica, artística, corporal, musical, linguística, filosófica e política — que a tornam uma prática altamente interdisciplinar. Esse caráter oferece aos professores inúmeras possibilidades de articulação com o currículo escolar.

Algumas das abordagens pedagógicas mais recorrentes e eficazes incluem:

a) Capoeira e história

- Estudo da diáspora africana no Brasil;
- Criminalização e resistência dos povos negros;
- Relação entre capoeira, quilombos e lutas por liberdade;
- Análise da abolição e pós-abolição a partir de perspectivas negras (Gomes, 2017; Reis, 1997).

Essa abordagem permite que estudantes compreendam o protagonismo negro na formação da sociedade brasileira, desconstruindo narrativas eurocentradas.

b) Capoeira e educação física

- Desenvolvimento da coordenação motora, equilíbrio, força e flexibilidade;
- Valorização de movimentos ancestrais e expressões corporais afro-brasileiras;
- Trabalho com jogos, gingas, esquivas e golpes em perspectiva formativa e não violenta.

Ao contrário da visão equivocada de que capoeira seria “luta perigosa” ou “agressiva”, essa prática oferece uma educação corporal ética, colaborativa e disciplinada.

c) Capoeira e língua portuguesa

- Análise de cantigas, ladainhas e corridos;
- Leitura crítica de letras, metáforas e narrativas presentes na oralidade capoeirística;
- Produção textual inspirada nas histórias e figuras da capoeira.

Como demonstra Souza (2018), a capoeira também é um letramento racial crítico, no qual língua, música e memória se entrelaçam para construir identidades.

d) Capoeira e artes

- Exploração de ritmos, instrumentos, construção de berimbaus e pandeiros;
- Desenvolvimento da musicalidade e percepção sonora;
- Reflexões estéticas sobre corporeidade e ancestralidade.

O enfoque artístico permite que estudantes reconheçam a capoeira como forma legítima de criação cultural e sofisticada tecnologia social.

4.2 Formação docente: o principal desafio apontado pela literatura

Apesar de seu potencial, a presença da capoeira nas escolas esbarra em um limite recorrente: a falta de formação docente. Como aponta Munanga (2005), a ausência de preparo específico faz com que muitos professores reproduzam visões superficiais ou equivocadas sobre a cultura afro-brasileira. Isso resulta em:

- Uso da capoeira como atividade recreativa, sem densidade histórica;
- Reforço de estereótipos e exotizações;
- Práticas descontextualizadas e esvaziadas de significado;
- Insegurança e medo de trabalhar temas étnico-raciais.

A formação continuada, portanto, é fundamental. Ela deve contemplar:

- História da capoeira e dos povos africanos no Brasil;
- Discussão sobre racismo estrutural e branquitude (Almeida, 2019);
- Epistemologias africanas e decoloniais (Mbembe, 2017);

- Práticas didáticas interdisciplinares;
- Diálogo com mestres e comunidades tradicionais de capoeira.

Gomes (2017) reforça que a implementação da Lei 10.639/2003 só se fortalece quando educadores reconhecem sua responsabilidade na transformação das relações étnico-raciais.

4.3 Folclorização da capoeira: um risco permanente na escola

Um dos riscos mais identificados pelos pesquisadores é a folclorização, ou seja, a transformação da capoeira em atração festiva, exótica e despolitizada — conforme argumentam Gomes (2017) e Reis (1997). Esse fenômeno se manifesta quando:

- A capoeira aparece apenas em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra;
- As rodas são organizadas como apresentações, não como espaços de aprendizagem;
- Os estudantes são incentivados a reproduzir movimentos sem compreender sua história;
- Omite-se o caráter de resistência negra da prática.

A folclorização, longe de promover valorização, reitera a lógica colonial, pois transforma um patrimônio cultural negro em mero entretenimento, reforçando a ideia de que sua contribuição é estética e não intelectual.

Evitar esse esvaziamento exige:

- Planejamento pedagógico crítico;
- Articulação com professores de outras áreas;
- Consideração da capoeira como componente contínuo, não episódico;
- Participação de mestres enquanto referências de saber ancestral.

4.4 A escola como território decolonial: transformações possíveis pela capoeira

Quando tratada de forma séria, crítica e contextualizada, a capoeira contribui para transformar o ambiente escolar em território decolonial. Essa transformação ocorre em múltiplos níveis:

a) Mudança nas relações de poder

A roda, ao adotar uma estrutura horizontal, desafia hierarquias rígidas e promove o diálogo — consonante com a pedagogia freireana (Freire, 2020).

b) Reconfiguração do currículo

Com a capoeira, o currículo deixa de ser monocultural e passa a incluir saberes africanos como dimensões legítimas do conhecimento.

c) Reconhecimento da ancestralidade

Estudantes negros encontram referências positivas e desenvolvem novas formas de identificação. Estudantes não negros passam a compreender a centralidade da cultura afro-brasileira na formação nacional.

d) Enfrentamento do racismo estrutural

Por meio da capoeira, estudantes analisam processos de criminalização, resistência e reexistência, o que amplia a consciência crítica e a capacidade de intervenção social (Almeida, 2019).

e) Aprendizagem integral

Integração entre corpo, mente, emoção, linguagem e estética — rompendo com modelos pedagógicos fragmentados e eurocentrados.

4.5 Possibilidades para a ampliação da capoeira na escola

Dentre as possibilidades de qualificação e expansão da capoeira na educação básica, destacam-se:

- Criação de projetos interdisciplinares contínuos;
- Inserção de mestres de capoeira como educadores da comunidade escolar;
- Desenvolvimento de materiais didáticos antirracistas;
- Realização de rodas pedagógicas com debates temáticos;
- Integração entre capoeira, música, história e artes;
- Articulação com movimentos negros e grupos culturais locais.

Essas ações fortalecem a escola como espaço decolonial e ampliam a compreensão das identidades afro-brasileiras.

5. ANÁLISE E DISCUSSÕES: IMPACTOS, LIMITES E CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA NO AMBIENTE ESCOLAR

A partir dos referenciais teóricos e das práticas observadas em escolas que incorporam a capoeira de forma crítica, esta seção apresenta uma análise abrangente dos impactos, limites e contribuições da capoeira no processo educativo. Ao articular corpo, história, ancestralidade e pedagogias decoloniais, a capoeira opera como ferramenta de transformação cultural e política na escola. No entanto, sua implementação enfrenta tensões estruturais que precisam ser problematizadas.

5.1 Impactos pedagógicos: aprendizagem integral e transformação curricular

A introdução da capoeira no contexto escolar promove uma série de impactos positivos na formação dos estudantes, ampliando

concepções de aprendizagem e desestabilizando paradigmas eurocentrados. Entre os efeitos mais relevantes estão:

a) Aprendizagem integral e múltiplas linguagens

Ao integrar movimento, música, oralidade, memória e criação coletiva, a capoeira rompe com o modelo tradicional de ensino que privilegia exclusivamente a racionalidade abstrata. Estudantes que participam de práticas regulares de capoeira desenvolvem:

- Coordenação motora, ritmo e consciência corporal;
- Sensibilidade estética e musical;
- Capacidade de leitura crítica de cantos e narrativas;
- Autonomia e criatividade em situações de improviso;
- Habilidades sociais, como cooperação e respeito mútuo.

Essa abordagem amplia o conceito de inteligência e valoriza formas diversas de expressão, o que é coerente com perspectivas inclusivas e antirracistas de educação.

b) Reconfiguração curricular

Ao inserir a capoeira como conteúdo significativo, a escola revisita sua matriz curricular e questiona hierarquias de saberes. O currículo torna-se mais plural ao reconhecer práticas afro-brasileiras não como complemento, mas como conhecimento estruturante. Isso contribui para quebrar o ciclo de invisibilização histórica das culturas negras, gerando impactos positivos na formação cidadã.

5.2 Impactos identitários: autoestima, pertencimento e reconhecimento

Um dos efeitos mais profundos da capoeira na escola é o fortalecimento das identidades negras. Estudos de Gomes (2017) e Souza (2018) demonstram que estudantes negros frequentemente vivenciam apagamento cultural, estigmatização e ausência de referências positivas no ambiente escolar. A capoeira, ao trazer

símbolos, narrativas e estéticas de matriz africana, atua diretamente contra esses processos.

a) Construção de identidades positivas

Ao reconhecer-se em práticas ancestrais de resistência, o estudante negro encontra:

- Representações afirmativas;
- Fortalecimento da autoestima;
- Valorização de sua história e cultura;
- Formação de consciência racial crítica.

Esse movimento é fundamental para enfrentar a naturalização das desigualdades raciais — elemento central do racismo estrutural (Almeida, 2019).

b) Transformação das relações entre estudantes

A capoeira também impacta estudantes não negros, que passam a perceber a centralidade da cultura afro-brasileira na formação do Brasil. Isso contribui para construção de relações mais respeitadas e para desconstrução de imaginários racistas perpetuados no cotidiano escolar.

5.3 Impactos sociopolíticos: resistência e conscientização histórica

A capoeira possibilita reflexões críticas sobre processos de opressão e resistência racial. Ao estudar sua criminalização durante o século XIX e início do XX, os estudantes compreendem como práticas culturais negras foram reprimidas e, ainda assim, reinventadas (Reis, 1997). A narrativa histórica da capoeira conecta-se diretamente à luta contra o racismo institucional e à necessidade de reparação.

Essa dimensão sociopolítica é potencializada quando trabalhada à luz da teoria decolonial (Mbembe, 2017), que evidencia como a sociedade moderna produziu hierarquias raciais e epistemológicas. Ao

dialogar com essa perspectiva, a capoeira torna-se instrumento de conscientização sobre:

- Colonialidade do saber;
- Epistemicídio das culturas negras;
- Mecanismos contemporâneos de controle do corpo negro;
- Possibilidades de resistência e reexistência.

Essa reflexão crítica insere a escola em um projeto político de enfrentamento ao racismo e de valorização da diversidade.

5.4 Limites e desafios: entre a potência e a fragilidade da implementação

Apesar dos impactos positivos, a implementação da capoeira enfrenta obstáculos que precisam ser analisados de maneira cuidadosa.

a) Formação docente insuficiente

Como apontam Munanga (2005) e Gomes (2017), muitos professores não se sentem preparados para trabalhar temas étnico-raciais. A ausência de formação gera práticas superficiais e, por vezes, equivocadas, que podem reforçar estereótipos. Sem formação crítica, a capoeira corre o risco de se transformar em:

- Atividade recreativa despolitizada;
- Prática voltada apenas para “mostrar movimentos”;
- Conteúdo sem conexão com a luta antirracista.

b) Folclorização e esvaziamento político

A folclorização é um dos limites mais recorrentes. Quando a capoeira se torna mero espetáculo, ela perde sua potência pedagógica e decolonial. Isso acontece, sobretudo, quando:

- A prática aparece apenas em datas comemorativas;
- Não há trabalho contínuo;

- O caráter histórico e político da capoeira é omitido;
- Mestres de capoeira não são reconhecidos como educadores.

c) Resistência institucional e curricular

O currículo escolar historicamente eurocentrado tende a resistir a práticas que deslocam a centralidade da cultura ocidental. Em algumas escolas, gestores ou professores ainda tratam a capoeira como “entretenimento”, “cultura menor” ou “atividade não acadêmica”, reforçando a hierarquia racial dos saberes.

d) Falta de materiais didáticos e políticas continuadas

Faltam políticas públicas consistentes para apoiar a capoeira na escola, tanto em termos de financiamento quanto de produção de materiais didáticos e formação de parcerias com mestres tradicionais.

5.5 Contribuições para uma educação antirracista e decolonial

Apesar dos limites, a capoeira revela-se uma contribuição valiosa para a educação antirracista e decolonial. Sua presença fortalece a aplicação da Lei 10.639/2003 ao:

- Inserir saberes africanos no currículo;
- Valorizar a ancestralidade negra;
- Promover práticas pedagógicas horizontais e dialógicas;
- Desenvolver consciência racial crítica;
- Tensionar a colonialidade do saber e do corpo;
- Transformar o ambiente escolar em território de resistência.

A capoeira, portanto, não é apenas conteúdo, mas projeto político-pedagógico que busca construir uma escola democrática, plural e comprometida com a justiça social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da capoeira como prática pedagógica decolonial e instrumento de resistência étnico-racial no ambiente escolar permite compreender que sua presença ultrapassa dimensões físicas e recreativas, inserindo-se como tecnologia social de reexistência e afirmação identitária. Ao ser integrada ao currículo de forma crítica, contínua e politicamente situada, a capoeira tensiona estruturas coloniais que ainda sustentam o racismo institucional e epistemológico na escola brasileira.

No decorrer deste trabalho, observou-se que a capoeira contribui para ampliar concepções de aprendizagem ao integrar corpo, música, oralidade, história e ancestralidade, possibilitando uma formação integral que respeita múltiplas linguagens e modos de conhecer. Além disso, fortalece a autoestima e o reconhecimento de estudantes negros, operando como dispositivo de valorização das identidades afro-brasileiras e rompendo com lógicas de silenciamento e estigmatização que marcam a experiência escolar de grande parte dessa população.

A partir do diálogo com autores como Almeida, Gomes, Souza, Reis, Munanga e Mbembe, foi possível evidenciar que a capoeira carrega em sua historicidade elementos de luta, resistência e reinvenção, tornando-se prática privilegiada para promover debates sobre racismo, colonialidade e desigualdades estruturais. Sua utilização conscientemente orientada favorece a construção de uma educação comprometida com a justiça racial, com a valorização da cultura negra e com a efetivação dos princípios da Lei 10.639/2003.

Entretanto, também se identificaram desafios significativos que limitam o pleno potencial da capoeira no contexto escolar. Entre eles, destacam-se a falta de formação adequada para docentes, a tendência à folclorização, a resistência institucional à inclusão de saberes afro-brasileiros e a ausência de políticas públicas que assegurem continuidade e condições estruturais para sua implementação. Tais desafios apontam para a necessidade de ações mais amplas, que

envolvam gestores, universidades, coletivos de mestres de capoeira e órgãos governamentais.

Conclui-se que a capoeira pode desempenhar papel fundamental na construção de práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais, desde que trabalhada de forma crítica e comprometida com sua potência histórica e política. Sua presença na escola deve ser acompanhada de reflexão, diálogo e formação, reconhecendo mestres e mestras como educadores detentores de saberes tradicionais e essenciais para o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, reafirma-se que a capoeira é mais do que um conteúdo curricular: é um projeto de mundo que valoriza ancestralidade, corporeidade, coletividade e libertação. Ao ser incorporada ao ambiente escolar, abre caminhos para uma educação transformadora, plural e emancipadora, capaz de questionar desigualdades e contribuir para a construção de relações étnico-raciais mais justas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop e na capoeira angola**. Campinas: Unicamp, 2018.

CAPÍTULO 2

MANDINGA DE ENFRENTAMENTOS: o corpo feminino como ferramenta tecnológica de resistência na capoeira

Rodôlfo da Silva Aquino⁵

Yasmin Vitória da Silva de Oliveira⁶

Maria Eduarda da Silva⁷

Marco Antonio Santos da Silva⁸

1 INTRODUÇÃO

O corpo feminino historicamente carrega uma luta por igualdade e equidade, numa perspectiva de romper como sexismo e machismo que estão enraizados na sociedade. Mandinga de enfrentamentos é justamente refletir uma compreensão sobre como esses corpos femininos criam narrativas de reexistências políticas, culturais e ancestrais a partir da capoeira. A capoeira tem suas raízes no Brasil da época colonial, entre os séculos XVII e XIX, em um cenário de escravidão, brutalidade e busca por autonomia. Desenvolvida pelos africanos forçados a trabalhar nos engenhos, a capoeira surgiu como um tipo de oposição, combinando movimentos de combate, ritmo, melodia e manifestação artística para ludibriar os proprietários rurais e se libertar do jugo.

Em refúgios de escravos, em alojamentos precários e até em áreas portuárias, a prática se disseminou, representando um meio

⁵ Graduando em Licenciatura em Letras – Português, do Instituto Federal de Alagoas (Ifal). Email: Rodolfo.aquino2714@gmail.com.

⁶ Pesquisadora Pibic Jr Fapeal, pelo Instituto Federal de Alagoas (Ifal). Email: yasminvitoria312301@gmail.com.

⁷ Pesquisadora Pibic Jr. Fapeal, pelo Instituto Federal de Alagoas (Ifal). Email: mariaeduardavvls@gmail.com.

⁸ Doutor em Educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Email: marcobaiano4@gmail.com.

fundamental de manter-se vivo física e culturalmente. Por um longo período, foi vista como delito e se ver a mente combatida pelas autoridades, que a encaravam como perigo à estabilidade da sociedade. Apesar da ausência de menções claras nos documentos da época, as mulheres também tomaram parte nesse desenvolvimento histórico. Várias delas contribuíram ativamente para o desenvolvimento e a continuidade da capoeira, seja nos refúgios, partilhando conhecimentos, seja praticando diretamente, protegendo seus grupos e fortalecendo os elos culturais que asseguraram a continuidade dessa arte. Ao longo das décadas, mesmo enfrentando exclusão e discriminação, a capoeira resistiu, passou por diversas fases da história e se tornou um ícone forte da luta afro-brasileira.

O enfrentamento da mulher na capoeira é multifacetado. Não se trata apenas de desafiar a autoridade masculina na roda, mas também de questionar e combater as normas patriarcais que definem quais corpos são apropriados para a prática da capoeira e em que condições. A presença feminina nas rodas é, portanto, uma forma de subverter a hierarquia estabelecida e promover a reexistência. Reexistir aqui significa a afirmação da identidade, da liberdade e da autonomia sobre o próprio corpo, frente a uma tradição histórica de exclusão. Nos últimos anos, a capoeira feminina tem se reconfigurado em vários aspectos. Mulheres têm conquistado espaços de liderança em academias, tanto como Mestras quanto como formadoras. Além disso, muitas têm se dedicado a criar suas próprias rodas, academias e grupos, reafirmando o protagonismo feminino dentro dessa tradição cultural. Iniciativas como essas não apenas visam garantir que a presença feminina na capoeira seja reconhecida, mas também criam um ambiente onde a mulher possa se sentir acolhida e valorizada, longe da imposição dos padrões masculinos.

As mulheres capoeiristas vêm criando espaços de visibilidade e de reconhecimento, demonstrando que a capoeira pode ser uma prática de resistência, que não se limita somente contra os opressores externos, mas também contra as estruturas internas que tentam manter

as mulheres fora da roda. Por meio dessa reexistência, as mulheres na capoeira têm reconfigurado o corpo, o jogo e a mandinga, transformando-se em símbolos vivos de luta, resistência e liberdade.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, bibliográfico, interpretativo-reflexivo onde refletimos e dialogamos com a teoria feminista de Bell Hooks, que faz apontamentos e criticidade ao patriarcado que é permeado pela sociedade em sua estrutura sociocultural e política. Dialogamos com Oliveira, que traz a historicidade e alguns relatos do corpo feminino da capoeira no século XVII em que aqui demarcaremos que esse lugar foi apagado pelo sexismo e que esse corpo de mulher não poderia ocupar esse lugar de construção devido ao fato de não “ser seu lugar”, visão demarcada pelo machismo estrutural e concluímos o trabalho tensionando que o corpo feminino na prática da capoeira é uma mandinga de enfrentamentos e ruptura ao sistema sexista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pressuposto o papel do corpo feminino na sociedade, que é demarcado o lugar da subserviência elencando o homem como patriarcal na sociedade predominando nas estruturas sociais o sexismo que se mantém impregnado, mesmo com inúmeros avanços na sociedade do século XXI, fator predominantemente exercido pelas mulheres conservadoras, como nos traz Bell Hooks (2014, p. 5) a socialização racista, sexista condicionou-nos a desvalorizar a nossa feminilidade e a olhar a raça como o único rótulo importante de identificação. Por outras palavras, foi-nos pedido que negássemos uma parte de nós próprias – e fizemo-lo. Consequentemente, quando o movimento de mulheres levantou a questão da opressão sexista, nós argumentamos que o sexismo era insignificante à luz da severa e mais brutal realidade do racismo. Nós tivemos medo de reconhecer que o sexismo podia ser tão opressivo como o racismo. Nós agarramo-nos à esperança de que a libertação da opressão racial seria tudo o que era

necessário para sermos livres. Nós éramos a nova geração de mulheres negras que foram ensinadas a submeterem-se, a aceitarem a inferioridade sexual e a serem silenciosas.

Partindo do olhar crítico cultural e da teoria feminista que discursa Hooks, demarcamos que neste trabalho não será possível falar sobre gênero na capoeira sem abordarmos raça, de acordo com o que nos traz Oliveira (2009, p. 29), alguns dos mais importantes títulos da historiografia da escravidão fizeram, direta ou indiretamente, referência aos capoeiras. Ou seja, historicamente a capoeira é praticada em território brasileiro desde o período escravocrata, portanto os povos africanos praticavam esse feito cultural como forma de reexistência sociocultural e política. Diante dessa abordagem racial reconhecemos que o racismo é um sistema que está enraizado na estrutura da sociedade no contexto sociocultural e político no que diz respeito as normas que são capazes de definir as oportunidades que surgem ao indivíduo no âmbito interpessoal ou institucional. Assim como na sociedade em geral, a mulher capoeirista precisou enfrentar não só o racismo, mas também o machismo dentro da própria prática cultural.

Ainda que as mulheres negras e os homens tenham igualmente lutado e bastante pela liberdade durante a escravatura na era da Reconstrução, os líderes políticos negros mantiveramos valores patriarcais. Enquanto os homens negros avançaram em todas as esferas da vida americana, foram encorajando as mulheres negras em assumirem um papel mais subserviente. Gradualmente o espírito revolucionário radical que caracterizou a contribuição cultural e política das mulheres negras no século XIX foi dominado. Uma mudança definitiva no papel desempenhado pelas mulheres negras nas relações políticas e sociais do povo negro ocorreu no século XX. Esta mudança foi indicativa do declínio total sobre os esforços de todas as mulheres americanas em efetuar a reforma social radical. Quando o movimento dos direitos das mulheres terminou nos anos vinte do século XX, as vozes das mulheres negras liberacionistas estavam sossegadas. Enquanto as mulheres negras participaram igualmente com os homens negros na luta pela sobrevivência ingressando na força de trabalho sempre

que fosse possível, elas não defenderam o fim do sexismo. As mulheres negras do século XX, aprenderam a aceitar o sexismo como natural, um dado, um facto da vida. Nas pesquisas realizadas entre as mulheres negras nos anos trinta e quarenta do século XX quando lhes foi perguntado o nome da força mais opressiva nas suas vidas, o racismo e não o sexismo foi colocado no início da lista (Hooks, 2014, p. 6,7).

Hooks evidencia que, apesar das lutas empreendidas, muitas mulheres passaram a conviver com estereótipos impostos ao corpo feminino por uma sociedade estruturada no patriarcado. Nesse sentido, a mandinga feminina e a presença das mulheres na capoeira promovem rupturas simbólicas com esse sistema, ao ocupar um espaço historicamente masculinizado e reconfigurar o lugar do corpo feminino na roda e na vida social. A capoeira, enquanto prática ancestral, torna-se um campo no qual narrativas de enfrentamento são construídas a partir da experiência feminina.

Compreendendo a importância das mulheres – em especial as mulheres negras – para o desenvolvimento da Capoeira e, ao mesmo tempo, reconhecendo que existe um silenciamento sobre suas histórias, buscamos trazer, para a presente coluna, uma conversa sobre o papel das mulheres na construção da Capoeira paranaense (Revista África e africanidades, 2020). É evidente que toda contribuição da mulher na construção da identidade da capoeira foi apagada pelo sexismo que ainda tem demarcado território nos meios sociais, culturais e políticos. Oliveira (2009, p. 117) nos traz que a prática da capoeira nas primeiras décadas do século XX, na Bahia, remete à valentia e às habilidades corporais nas contendas entre indivíduos que inspiraram as crônicas urbanas e foram registradas nas páginas dos periódicos locais. Trata-se de uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biotipo e das ações de violência física (Oliveria, 2009, p.117). Ou seja, como a capoeira é uma prática que exige valentia e habilidades corporais é um lugar que o sexismo não aceita o corpo feminino, justamente por ser considerado um corpo frágil e sem possibilidades de realizar

movimentos que são considerados masculinos, e que a prática pode fazer com que a mulher perca sua feminilidade. Isso só reforça os estereótipos de que o lugar da mulher é nos afazeres domésticos por ser algo considerado, “coisa de mulher”.

Enquanto algumas ativistas negras resistiram às tentativas dos homens negros em coagi-las a desempenharem um papel secundário no movimento, outras capitularam às exigências masculinas de submissão. O que começou como um movimento de liberdade de todo o povo negro da opressão racista tornou-se num movimento cujo primeiro objetivo foi o estabelecimento do patriarcado negro masculino. Não é surpresa que o movimento tão preocupado com a promoção do interesse dos homens negros falhasse em chamar à atenção o duplo impacto da opressão sexista e racista sobre o estatus social das mulheres negras. Foi pedido às mulheres negras que enfraquecessem os seus conhecimentos – para permitir projetar e brilhar unicamente os homens negros. Foi visto com insignificância a vitimização das mulheres negras sofridas pela opressão racista e sexista, pois embora fosse grande o sofrimento das mulheres, este não podia ser precedente sobre a dor masculina (Hooks, 2014, p. 7, 8).

É nesse cenário que se evidencia a escassez de registros históricos sobre a participação feminina na capoeira. A narrativa oficial dessa prática foi construída majoritariamente a partir de um olhar masculino, no qual os homens ocupam o protagonismo, enquanto as mulheres aparecem de forma marginal ou são completamente silenciadas. Tal ausência não se configura como um acaso, mas como resultado de uma historiografia atravessada por valores patriarcais, racistas e sexistas, que legitimam determinados corpos como dignos de memória e reconhecimento.

Essa lacuna histórica contribuiu para a consolidação de práticas machistas no interior da capoeira, reforçando o apagamento das ações e dos reconhecimentos dos fazeres femininos nas academias e nas rodas. A construção da capoeira como uma prática associada à força, à

valentia, à malandragem e à violência consolidou uma imagem marcada pela masculinidade, o que resultou na exclusão simbólica do corpo feminino desses espaços. Quando mencionadas nos poucos registros existentes, as mulheres costumam ser associadas a papéis socialmente construídos a partir de perspectivas sexistas, ocupando posições secundárias nas hierarquias das academias e tendo sua presença frequentemente atravessada pela sexualização de seus corpos durante os jogos e manifestações culturais vinculadas à capoeira. Tal exclusão não reflete a inexistência da participação feminina, mas a negação de sua legitimidade enquanto sujeitos históricos dessa prática, contribuindo para a reprodução de desigualdades de gênero no interior das rodas.

Dialogando com Bell Hooks, esse silenciamento histórico permite questionar quem escreve a história e quem é autorizado a ocupar o lugar de protagonista nas narrativas oficiais. Assim como ocorre nos movimentos feministas e nas lutas por libertação racial, as experiências das mulheres negras na capoeira foram frequentemente invisibilizadas, uma vez que suas demandas eram consideradas menos relevantes diante das pautas masculinas. A história da capoeira, portanto, foi construída a partir de recortes que privilegiaram a experiência masculina, apagando contribuições femininas fundamentais.

Apesar da escassez de registros documentais, é indispensável reconhecer as estratégias de resistência das mulheres que ingressaram nesse espaço e enfrentaram múltiplas formas de opressão para ocupar academias, incentivar a participação de outras mulheres e romper com paradigmas restritivos. Essas trajetórias se inserem em uma história mais ampla de resistência feminina, marcada pelo enfrentamento simultâneo ao racismo, ao sexismo e ao classismo, evidenciando que a capoeira, embora seja um espaço de resistência cultural, também reproduz contradições estruturais da sociedade.

Conforme aponta Hooks (2014, p. 7–8), o movimento negro, ao priorizar interesses masculinos, falhou em reconhecer o impacto duplo

da opressão racista e sexista sobre as mulheres negras. Essas mulheres foram frequentemente instadas a enfraquecer seus conhecimentos e a ocupar posições de inferioridade para que os homens assumissem lugares de destaque. Na capoeira, a mandinga de enfrentamento feminina emerge como estratégia de ruptura com esses padrões, criando fissuras nos comportamentos sexistas que historicamente violaram o corpo feminino e limitaram sua atuação social.

Hooks destaca, ainda, que as mulheres negras foram socializadas fora de uma identidade reconhecida, sendo invisibilizadas tanto nos discursos sobre o povo negro quanto nas narrativas feministas centradas na experiência das mulheres brancas. Essa dupla exclusão evidencia a necessidade de uma abordagem interseccional que considere simultaneamente gênero, raça e classe na análise da experiência das mulheres capoeiristas.

Nenhum outro grupo na América tinha a sua identidade tão socializada fora da existência como tinham as mulheres negras. Éramos raramente reconhecidas como um grupo separado e distinto dos homens negros, ou como uma parte presente de um grupo maior de “mulheres” desta cultura. Quando o povo negro é falado o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando as mulheres são faladas o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras. Quando o povo negro é falado a tendência é focada nos homens negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres brancas. Em lado nenhum isto é mais evidente que no vasto corpo da literatura feminista (Hooks, 2014, p. 8).

No contexto da capoeira, essa sobreposição de opressões manifesta-se de forma particular. Embora a capoeira seja reconhecida como uma prática de resistência negra e popular, ela não está isenta das hierarquias sociais que estruturam a sociedade. A mulher negra capoeirista ocupa um lugar marcado pela deslegitimação de seu corpo e de sua atuação, enfrentando barreiras simbólicas e materiais para acessar espaços de reconhecimento, liderança e visibilidade. Além

disso, a condição de classe atravessa essa experiência, uma vez que a capoeira, historicamente associada às camadas populares e à marginalização social, impõe desafios relacionados à permanência, à formação e à profissionalização das mulheres que dela participam.

Essa realidade evidencia o caráter contraditório da capoeira enquanto espaço sociocultural. Ao mesmo tempo em que se constitui como território de resistência, ancestralidade e afirmação identitária, bem como ferramenta de luta e enfrentamento às desigualdades sociais, a capoeira também reproduz práticas e discursos machistas que limitam a atuação feminina. A coexistência entre resistência e opressão revela que a simples inserção das mulheres nesse espaço não garante, por si só, a superação das desigualdades, sendo necessário problematizar criticamente as estruturas internas que sustentam essas assimetrias.

Dialogando com a crítica de Bell Hooks ao feminismo hegemônico, torna-se fundamental reconhecer que as experiências das mulheres negras na capoeira não podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva universalizante. A ausência de suas vozes nas narrativas oficiais da prática reflete um padrão mais amplo de exclusão, no qual as contribuições femininas negras são sistematicamente desconsideradas ou minimizadas. Pensar a capoeira a partir da interseccionalidade implica, portanto, questionar quem ocupa os lugares de fala, quem é reconhecido como sujeito legítimo da história e quais corpos são autorizados a liderar, representar e produzir memória sobre essa manifestação cultural.

Nesse cenário, a mandinga feminina emerge como estratégia de enfrentamento às opressões interseccionais que atravessam a prática da capoeira. Ao ocupar a roda, as mulheres ressignificam seus corpos e produzem novas narrativas que tensionam e desafiam os padrões de gênero, raça e classe historicamente impostos. A roda de capoeira configura-se, assim, como um espaço de disputa simbólica, no qual o corpo feminino se afirma como território de resistência, memória e construção política, contribuindo para a ampliação do protagonismo das mulheres e para a transformação das relações sociais no interior

dessa prática cultural.

É importante reconhecer que o sistema que molda a sociedade se estrutura no racismo e no patriarcado, onde o corpo masculino ocupa um lugar que sempre estará acima do feminino e o movimento feminista surge rompendo esses paradigmas que hierarquiza as relações de gênero, Hooks nos discursa sobre o sexismo que está articulado ao racismo e ao classicismo e como esse patriarcado naturaliza o poder e domínio do homem sobre a mulher. Aqui a mandinga de enfiamento feminino corta essa corrente de pensamentos que mesmo presente no dia a dia não estão tão fortes como nos séculos XVII ao XX. As atitudes sexistas-racistas não estão apenas presentes na consciência dos homens da sociedade americana; elas estão na face de todas as nossas formas de pensar e de ser. Demasiado frequentemente nos movimentos de mulheres foi assumido que se pode libertar do pensamento sexista simplesmente adotando a retórica feminista apropriada; foi adicionalmente assumido que identificando-se como oprimido libertava-se em ser opressor. Para uma muito grave extensão, tal pensamento impediu as feministas brancas de perceberem e ultrapassarem as suas próprias atitudes sexistas-racistas em relação às mulheres negras. Elas podiam ficar pelas palavras (conversa fiada) da ideia da irmandade feminina (*sister hood*) e a solidariedade entre as mulheres, mas ao mesmo tempo dispensavam as mulheres negras (Hooks, 2014, p. 9).

A relevância de Hooks reside no deslocamento que ela promove no pensamento feminista contemporâneo, transfere o eixo do debate de um feminismo centrado na mulher branca, burguesa e ocidental para uma perspectiva interseccional e plural, na qual as experiências das mulheres negras, periféricas e trabalhadoras assumem protagonismo na compreensão das dinâmicas de poder e das desigualdades sociais.

A autora vem abordando a caracterização a articulação entre teoria e prática, conjugando razão e afetividade, experiência individual e ação coletiva dimensões que, segundo Hooks são indissociáveis na luta por liberdade e equidade. Por tanto, a teoria feminista de Bell

Hooks transcende os limites acadêmicos e propõe uma reconfiguração das bases sociais a partir da solidariedade, da empatia e da consciência crítica. Para a autora, a verdadeira revolução feminista não se limita à busca pela igualdade formal entre os gêneros, mas implica uma transformação radical das estruturas sociais que produzem a opressão. Assim, sua contribuição representa não apenas uma crítica teórica, mas um projeto político e ético de libertação humana, pautado na justiça social, na dignidade e no reconhecimento das diferenças. Ao ocupar esse espaço tradicionalmente masculino, a mulher da capoeira ressignifica sua presença e afirma sua voz, transformando o jogo em um ato político e emancipador. Portanto, o corpo feminino se torna território de luta, expressão e ancestralidade, evidenciando que a capoeira é também um campo de disputa simbólica onde se constrói igualdade, reconhecimento e protagonismo.

3 METODOLOGIA

A metodologia é qualitativa, bibliográfica e interpretativo-reflexiva, que se fundamenta na historicidade da capoeira e nas teorias feministas negras. Essa metodologia se justifica pela necessidade de compreender a capoeira não apenas como prática corporal, mas como um território de resistência e produção de saberes ancestrais, especialmente no que se refere à atuação das mulheres nesse campo historicamente masculinizado.

O estudo se estrutura e sustenta-se, nas obras de Oliveira (2009) e Bell Hooks (1981/2014). O primeiro autor analisa a capoeira como prática social marcada por disputas de poder, identidades e gêneros, revelando os modos pelos quais essa manifestação se constituiu enquanto expressão de resistência afro-brasileira. Já a reflexão de Bell Hooks fornece o aporte teórico para pensar o corpo feminino como espaço político, de luta e de reexistência, articulando as dimensões de raça, gênero e ancestralidade na compreensão da experiência das mulheres negras. Geledés (2012) entra para firmar que o racismo é um

sistema e que devemos reconhecê-lo como tal.

A metodologia, portanto, organiza-se baseada em alguns aspectos. No aspecto histórico-cultural, onde busca-se compreender o processo de transformação da capoeira, destacando a resistência e a contribuição feminina que foi invisibilizada na história da construção da identidade da capoeira; o aspecto teórico-analítico, que propõe uma leitura crítica das narrativas contemporâneas sobre o corpo feminino na capoeira, interpretando-o como tecnologia de resistência e saber ancestral; e o aspecto crítico da teoria feminista através do pensamento de Hooks, onde o patriarcado é um sistema que tensiona e sistematiza as questões de gênero e seus comportamentos na sociedade que, nesse sentido, a mulher deve submissão ao homem.

Para a construção deste trabalho dialogamos com textos acadêmicos e bibliográficos, ensaios e registros do áudio visual, que, nesse caso, trata-se de um documentário que traça e narra a história da Mestre Cigana que tem falas potentes sobre o seu fazer enquanto mulher na capoeira, falas essas que escancaram o sexismo. O vídeo indicado (<https://youtu.be/CrSJ9yFPQaU?si=cqWAdgqoxG2skmNB>) é considerado como recurso complementar, que contribui para a observação de como é visto o corpo feminino na capoeira. A abordagem interpretativa apoia-se nos princípios da escuta sensível e da observação crítica, reconhecendo o corpo como produtor de conhecimento e como suporte simbólico de enfrentamento. Assim, a metodologia busca articular teoria e vivência, corpo e palavra, tradição e reexistência, de modo a evidenciar a mandinga feminina como ato político e estético de resistência dentro da capoeira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A mandinga de enfrentamentos manifesta-se como uma prática política, corporal e epistemológica das mulheres na capoeira, contrapondo-se aos estereótipos e às normas estruturais sustentadas pelo patriarcado. Embora certas expressões patriarcais tenham perdido

força em alguns contextos, suas lógicas permanecem ativas e fortemente demarcadas em diversos territórios, inclusive na capoeira, moldando expectativas sociais e limitando a atuação feminina. O corpo feminino na capoeira propõe visão e constrói diálogos com os meios culturais, sociais e políticos promovendo rupturas ao sistema sexista e racista que erguem paradigmas discriminatórios que tratam de inferiorização dos corpos femininos.

Mas ainda foi o meu marido, que pressionado pelo sistema, teve que me colocar na parede e pedir que eu escolhesse, optasse entre a capoeira e a minha família, porque era muito constrangedor para ele ver sua esposa envolvida com malandros e vadios da capoeira, não o culpo, mas culpo o sistema social que está cheio de jogos programados para manter a mente algemada numa sala escura, sistema esse que julga como desordeiro e infrator as pessoas revolucionárias (Cigana, 2022).

Os relatos da Mestra Cigana evidenciam como o sexismo opera de forma agressiva, violenta e sistemática sobre o corpo da mulher, tanto física quanto simbolicamente. A declaração de Cigana expõe a pressão exercida por seu marido e revela que a opressão não se limita ao campo institucional, mas se infiltra nas relações íntimas, reproduzindo expectativas patriarcais de submissão e servidão feminina. Essa dinâmica se relaciona diretamente com a análise de Bell Hooks, para quem o patriarcado é um sistema que forma homens e mulheres para desempenhar papéis desiguais de poder, condicionados por valores que associam masculinidade à autoridade e feminilidade à obediência. Assim, o esposo de Cigana não é um agente isolado, mas um sujeito socialmente moldado por essa lógica, interpretando a atuação da esposa na capoeira como um risco à sua masculinidade. Cigana nos traz uma visão crítica quando declara “não o responsabilizo, mas responsabilizo o sistema social”, dialogando com a visão de Hooks sobre a importância de desconstruir o sexismo e perceber que homens e mulheres são educados para desempenhar papéis que oprimem de demasiadas formas. Como sustenta Hooks, a emancipação feminina

também requer a libertação masculina das amarras da opressão, uma vez que ambos estão aprisionados na mesma estrutura que “prende a mente em uma sala escura”, uma imagem que se alinha intensamente com a crítica de Hooks à alienação gerada pelo patriarcado.

Procurei um grupo de capoeira angola, que teoricamente é uma capoeira que tem a filosofia, mais respeitosa, me matriculei no ICPN e no primeiro dia de aula quando cheguei lá, não tinha ninguém aparentemente o salão estava vazio, eu chamei e o Mestre lá dentro, opa, chega ai, pode chegar, daí eu adentrei o espaço e quando fui lá no espaço que ele estava me chamando ele estava nu, nu, exibindo o instrumento dele. É claro que eu não tive nem a primeira aula, eu abandonei no mesmo instante e deixei pra lá (Cigana, 2022).

Em outro momento, Cigana (2022) narra um episódio de violência sexual. Esse relato explicita a presença da pressão de gênero em níveis extremos, demonstrando como práticas de abuso e intimidação compõem a experiência de muitas mulheres que tentam ocupar e permanecer nos espaços da capoeira.

Quando eu fiz o meu aú, ele me deu uma chapa lateral no diafragma que eu voei quatro metros, ele não admitia que eu como mulher poderia estar dando aula para cem alunos (Cigana, 2022).

Partindo dos relatos da Mestre Cigana, a agressão física aparece aqui como mecanismo de disciplinamento e controle do corpo feminino, reforçando a ideia de que o espaço da capoeira ainda é tensionado pela lógica sexista que busca silenciar e deslegitimar lideranças femininas. Tais ocorrências reforçam a necessidade de compreender a capoeira para além de uma arte ou esporte, mas como território permeado por relações de poder que se reproduzem nos corpos, nas rodas, nas instituições e nas hierarquias internas. Apesar desse cenário, a capoeira também se apresenta como espaço de resistência e reinvenção feminina. A prática da ginga, da esquiva e da

mandinga não se limita aos movimentos corporais, mas constitui linguagem política que permite às mulheres subverterem comportamentos opressivos dentro da capoeira e na vida. A mandinga de enfrentamentos torna-se, assim, ferramenta de reexistência, conceito que ultrapassa a resistência e afirma novas formas de habitar o corpo e ocupar espaço, tensionando e rompendo paradigmas sexistas e racistas.

A presença de mulheres Mestras, ainda que numericamente inferior à de Mestres, revela processo importante de ocupação e transformação. O fortalecimento do corpo feminino na capoeira se constrói de maneira gradual, e o aumento da participação e da liderança das mulheres desafia estruturas historicamente masculinas. Contudo, a perseguição a mulheres que assumem lugares de comando permanece visível.

Que a capoeira é nossa, que você é capoeira de merda, que você é capoeira de balé. A melhor capoeira do Brasil ser dirigida por uma mulher... onde já se viu permitir que uma mulher dirija a Federação de Capoeira? (Cigana, 2022).

Esses discursos escancaram a tentativa de restringir o feminino ao lugar da subserviência e de impedir que mulheres ocupem posições de legitimidade, autoridade e reconhecimento dentro da capoeira.

Dessa maneira, a mandinga de enfrentamentos pode ser compreendida como epistemologia que emerge dos corpos femininos em movimento. Suas práticas corporais, alicerçadas na ancestralidade, na espiritualidade e na resistência negra, recriam formas de saber que dialogam com o passado e apontam para outras possibilidades de futuro. Ao reexistirem dentro da capoeira, as mulheres não se limitam a romper com as estruturas patriarcais e racistas que tentam controlar seus corpos, mas também produzem novas epistemes, ampliando horizontes e liberdade, pertencimento e autonomia.

4.1 Epistemes políticas: corpo-memória-território

O documentário da Mestre Cigana, nos traz a importância do corpo-memória-território, como ferramenta política e pedagógica; justamente por configurar-se como um corpo produtor de saberes. O corpo feminino em suas mandigas de enfrentamentos refletem a partir da expressão da ginga, de cada aú, sua permanência na roda; reexistências e reafirmações que esse corpo pode ocupar todos os lugares, por ser estratégico, potente e legítimo.

Bell Hooks nos auxilia a compreender esse processo ao afirmar que o corpo da mulher negra é historicamente construído como território de dominação e controle, sendo simultaneamente silenciado e hipervisibilizado. Quando Mestre Cigana narra sua experiência, ela reinscreve seu corpo como produtor de conhecimento e não mais como objeto de opressão. A palavra, articulada à memória corporal, torna-se instrumento de libertação e denúncia, revelando que falar também é um ato de resistência. O corpo, no documentário da Mestre Cigana, configura-se como uma episteme política ao produzir conhecimento a partir da experiência vivida. Trata-se de um corpo que pensa, sente e elabora estratégias de permanência em um espaço historicamente marcado pelo patriarcado. As violências sofridas, físicas, simbólicas e sexuais, não silenciam esse corpo, mas revelam como ele se torna campo de disputa e resistência. Ao permanecer na capoeira, o corpo feminino transforma-se em linguagem política, denunciando o machismo estrutural e afirmando sua legitimidade no jogo, no ensino e na liderança.

A fala da Mestre Cigana evidencia a maneira machista e sexista que os corpos masculinos tentam silenciar e apagar o corpo feminino como produtor de epistemes ancestrais e políticas. Logo, ao ocupar um lugar de prática, ensinar ou ser liderança na capoeira o corpo feminino se legitima que o conhecimento produzido pelas mulheres na capoeira não se separa da experiência vivida. O documentário da Mestre Cigana evidencia que a mandinga feminina é também uma episteme, uma

forma de saber que emerge do corpo em movimento, da memória ativada e da disputa territorial. Trata-se de um conhecimento situado, ancestral e político, que tensiona o patriarcado e amplia as formas de compreender a capoeira como campo de produção de saber e resistência.

No documentário, podemos observar essas dimensões, sendo corpo-memória-território, onde Mestra Cigana nos traz o corpo feminino como detentor de conhecimentos e o legitima como um lugar de rupturas a práticas machistas e sexistas imposta pela sociedade que ainda segue com a visão do patriarcado, e nessa visão o corpo feminino é visto como inferior e deve submissão ao masculino. Memória é justamente esse corpo vivo, que cria estratégias para reexistir em meio as violências e opressões, pois pensar o corpo feminino como tecnologia ancestral implica deslocar o conceito de tecnologia de uma perspectiva eurocêntrica e instrumental para uma compreensão afrocentrada, na qual o corpo, a oralidade, o ritmo e o movimento constituem formas legítimas de produção de saber. Na capoeira, o corpo é arquivo vivo, transmissor de memória e instrumento político, especialmente quando se trata do corpo da mulher negra, historicamente marginalizado nos espaços de poder e legitimidade.

A mandinga, enquanto fundamento da capoeira, pode ser compreendida como uma tecnologia corporal construída a partir da ancestralidade africana. Ela articula estratégia, astúcia, leitura do outro e domínio do próprio corpo, configurando-se como prática de sobrevivência frente às violências coloniais e pós-coloniais. Quando apropriada pelas mulheres, a mandinga assume contornos específicos de enfrentamento ao patriarcado, pois desafia a ideia de que o corpo feminino é frágil, passivo ou inadequado para práticas que exigem força, malícia e domínio espacial. O corpo feminino na capoeira opera como tecnologia política ao tensionar normas de gênero e subverter expectativas sociais. Cada ginga, esquiva ou ataque realizado por uma mulher na roda rompe com a lógica que associa a capoeira à masculinidade e à violência física. Esse corpo, ao se movimentar,

produz discurso, questiona hierarquias e afirma sua presença como legítima. Assim, a tecnologia corporal feminina não se limita ao aspecto físico, mas envolve dimensões simbólicas, afetivas e epistemológicas.

Território é justamente esse corpo que ocupa os espaços de liderança, a roda. O território, nesse contexto, não se limita ao espaço físico da roda de capoeira. Ele é simbólico, social e político. A roda é um território historicamente masculinizado, marcado por relações de poder que tentam expulsar ou submeter o corpo feminino. Quando Mestra Cigana ocupa esse espaço, ensina, lidera e fala, ela territorializa seu corpo. O corpo feminino passa a ser território de disputa, mas também de afirmação. Estar na roda, conduzir uma aula ou dirigir uma federação é um ato de demarcação territorial.

Mandiga de enfrentamentos são as estratégias e maneiras de reexistir numa sociedade que violenta diariamente o corpo feminino de inúmeras maneiras. Quando um corpo feminino mandiga, ele se firma como produtor de epistemes e rompe com toda a estrutura do patriarcado, as mulheres têm um papel importantíssimo na construção da capoeira mesmo que isso seja apagado ou invisibilizado, pois o corpo feminino é detentor de saberes epistemológicos que transcende com toda forma que violenta esse corpo, amandigado corpo feminino é reexistência em expressão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia que o corpo feminino, entendido como tecnologia de resistência na capoeira, constitui um movimento de ruptura sociocultural e política diante do sistema racista que estrutura a sociedade brasileira. Quando mulheres ocupam espaços historicamente dominados por homens, produzem deslocamentos simbólicos e práticos que desestabilizam as bases do patriarcado. Quando mulheres assumem rodas de capoeira, o corpo experimenta outras possibilidades de movimento, liberdade e liderança, rompendo com lógicas competitivas e afirmando uma pedagogia da presença, da partilha e da autonomia.

As rodas femininas, portanto, ampliam os sentidos da capoeira ao afirmar que criar espaços próprios também é um gesto de resistência e reinvenção. Assim, o corpo feminino resiste e reexiste, ao reconfigurar os modos de fazer, de ensinar e de viver a capoeira, produzindo novas formas de presença, autoridade e saber que questionam hierarquias de gênero e poder consolidadas nesse campo cultural.

As narrativas da Mestre Cigana revelam a intensidade e complexidade das violências que atravessam a experiência feminina, evidenciando desde agressões físicas até tentativas de silenciamento e controle moral. No entanto, suas histórias também iluminam a potência transformadora do corpo da mulher na capoeira: um corpo que insiste, retorna, reinventa-se e ocupa espaços de liderança em contextos marcados por desigualdades e exclusões históricas. Reconhecer mulheres como detentoras de saber, autoridade e legitimidade histórica na capoeira significa confrontar diretamente a masculinização da memória e da tradição.

Mestre Cigana, como outras Mestras de capoeira, não apenas transmite técnicas e fundamentos, mas produz razões próprias, ancoradas em experiências corporais, afetivas e políticas que reconfiguram os modos de ensinar, aprender e viver a capoeira. Ao gingar, esquivar, cantar e conduzir rodas, as mulheres afirmam que a capoeira lhes pertence e que sua presença não é concessão, mas direito ancestral e político. A mandinga, nesse contexto, emerge como ética e estética de resistência: linguagem que transforma dor em expressão, silêncio em canto e submissão em movimento. Mandingar é fazer do corpo uma escrita política que desafia e reinventa o mundo a partir da experiência vivida das mulheres na capoeira. Quando se desafiam paradigmas hegemônicos, quando se inscrevem corpos historicamente marginalizados no campo do saber e quando se transforma a escrita em extensão da luta vivida na roda. Assim, a pesquisa não se limita à descrição da realidade, mas atua como prática de intervenção, resistência e criação de futuros possíveis.

Dessa forma, concluímos que a atuação das mulheres na

capoeira supera a simples permanência em um espaço adverso, configurando-se como gesto de transformação social e política. Ao articular teoria e prática, vivência e reflexão, este estudo reafirma que a capoeira é, simultaneamente, espaço de resistência, produção de saber e invenção de futuros. Produzir conhecimento, portanto, não é apenas descrever a realidade, mas intervir nela, deslocar estruturas e afirmar a potência política dos corpos femininos que, ao gingarem, também escrevem história. Ao reexistirem dentro dessa prática ancestral, as mulheres expandem os limites do que se entende por capoeira, por corpo e por resistência, oferecendo novas epistemologias para pensar liberdade, autonomia e potência política a partir de saberes corporais, afetivos e coletivos. O corpo feminino, ao mover-se, faz mover também as estruturas sociais, simbólicas e institucionais, e é nesse movimento que reside a força de sua resistência e a promessa de futuros mais justos.

REFERÊNCIAS

GELEDÉS. **Racismo institucional:** uma abordagem conceitual. Instituto da Mulher Negra, 2012.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher.** Mulheres negras e feminismo. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero:** ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

REVISTA África e Africanidades, Ano XIII – n. 36, nov. 2020 – ISSN: 1983- 2354. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br>.

CAPÍTULO 3

CAPOEIRA EM ALAGOAS: história, espaços e práticas culturais

Emanuel Felix Monteiro⁹
Williams Boaz Fernandes da Silva¹⁰
Marco Antonio Santos da Silva¹¹

1 INTRODUÇÃO

A capoeira é amplamente reconhecida como uma prática cultural afro-brasileira de natureza combativa, educativa e política, constituída a partir das experiências de populações negras submetidas a contextos de escravidão, pós-abolição e marginalização social no Brasil. Sua formação agrega elementos corporais, musicais, simbólicos e comunitários, configurando-se como um sistema complexo de saberes transmitidos, majoritariamente, por meio da oralidade e da vivência coletiva (Rego, 2008; Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Nesse sentido, a capoeira extrapola a dimensão da atividade física ou

⁹ Pesquisador bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Pibic Júnior), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimentos e luta”.
E-mail: efm4@aluno.ifal.edu.br . 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

¹⁰ Pesquisador bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Pibic Júnior), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimentos e luta”.
E-mail: wbfs1@aluno.ifal.edu.br . 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

¹¹ Doutor em educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal. E-mail: marcobaiano4@gmail.com

esportiva, afirmando-se como espaço de resistência cultural, construção identitária e formação social.

No estado de Alagoas, essa manifestação cultural assume especificidades próprias, diretamente relacionadas às dinâmicas sociais locais, à atuação de mestres pioneiros e aos processos de organização cultural e institucional que marcaram sua consolidação ao longo do século XX. Ainda que o território alagoano esteja historicamente associado ao complexo dos mocambos de Palmares, símbolo maior da resistência negra no Brasil, a produção historiográfica aponta para a inexistência de registros documentais que comprovem uma relação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares. Tal associação, recorrente no senso comum e em narrativas populares, deve ser compreendida sobretudo como uma construção simbólica posterior, que aproxima dois importantes referenciais da luta negra no imaginário social brasileiro, sem configurar uma origem factual da prática (Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Isso não impediu que a comunidade capoeirista, não só estadual como nacional, atribuisse ao local histórico uma relação ímpar, unindo a representatividade negra da Serra da Barriga no município de União dos Palmares com a memória viva de resistência que é a Capoeira todos os anos no Dia da Consciência Negra.

Dessa forma, a formação da capoeira em Alagoas precisa ser analisada a partir de contextos históricos mais recentes, especialmente urbanos, nos quais a prática foi introduzida, difundida e ressignificada por mestres que se tornaram referências locais. Pesquisas voltadas à memória da capoeira em Maceió e em outras regiões do estado evidenciam que esses sujeitos desempenharam papel central na criação de rodas, na formação de novos praticantes e na consolidação de redes de sociabilidade, fundamentadas na oralidade, na musicalidade e na vivência comunitária (Lima, 2009; Oliveira, 2013). A atuação desses mestres foi determinante para a estruturação da capoeira alagoana, mesmo em contextos marcados pela ausência de políticas públicas e pelo preconceito racial.

A literatura especializada destaca que a figura do mestre ocupa um lugar pedagógico centrado no universo da capoeira. Conforme apontam Costa (2021) e Silva (2006), a transmissão dos saberes não se restringe ao ensino técnico dos movimentos, mas envolve a formação ética, identitária e cidadã dos praticantes. O mestre, nesse contexto, afirma-se como educador popular, responsável pela preservação da memória coletiva, pela mediação de valores culturais e pela construção de sentidos que ultrapassam o espaço da roda, alcançando o cotidiano das comunidades onde a capoeira se insere.

Com a expansão da prática no estado, observa-se também o surgimento de formas de organização institucional, materializadas na atuação de entidades como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal). Essas instituições integram um movimento mais amplo de regulamentação e visibilidade da capoeira no Brasil, atuando na promoção de eventos, na articulação entre grupos e no diálogo com o poder público. Ao mesmo tempo, revelam tensões internas relacionadas à autonomia dos mestres, às diferenças estilísticas e às distintas concepções pedagógicas que atravessam a prática (Assunção, 2005; Anjos, 2020).

Outro eixo relevante diz respeito à inserção da capoeira no campo educacional. Estudos indicam que a prática tem sido incorporada a escolas e projetos socioeducativos como ferramenta pedagógica capaz de articular corpo, cultura, história e cidadania, contribuindo para a valorização da cultura afro-brasileira e para a construção de práticas educativas comprometidas com uma perspectiva antirracista (Silva, 2014; Ferreira, 2019; Ribeiro da Silva, 2023). Nessa perspectiva, a capoeira afirma-se como prática formativa que dialoga com debates contemporâneos sobre identidade, gênero e inclusão social (Oliveira; Pinheiro Leal, s.d.).

No contexto alagoano, as vertentes da capoeira Angola e da Capoeira Regional coexistem e dialogam, refletindo diferentes projetos históricos, políticos e pedagógicos. A capoeira Angola, marcada pela valorização da ancestralidade, da ritualidade e da preservação dos

fundamentos tradicionais tem como um dos principais representantes no estado a ABCCAP (Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares) ou apenas Angola Palmares, pioneira na difusão dessa vertente. Já a Capoeira Regional, que tem uma abordagem que foca mais na técnica dos movimentos e menos na mandinga, conta com um maior número de grupos como Muzenza e Candeias. Essa pluralidade expressa tanto continuidades quanto tensões que acompanham os processos de institucionalização e ressignificação da capoeira no Brasil contemporâneo.

Ao articular produções acadêmicas consolidadas e estudos voltados especificamente para o contexto alagoano, este artigo propõe uma abordagem introdutória ampla sobre a capoeira em Alagoas, situando o leitor quanto às suas origens históricas, à atuação dos mestres pioneiros, às formas de organização institucional e às dimensões educativas da prática. As seções seguintes aprofundam essas questões, analisando de maneira mais detalhada os processos históricos, sociais e pedagógicos que configuram a capoeira no estado, a partir do diálogo entre referencial teórico e dados empíricos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, tem sido compreendida pela produção acadêmica como um espaço histórico de resistência, construção identitária e formação social. Sua constituição articula elementos de luta, dança, musicalidade e simbolismo, dimensões que dialogam diretamente com a trajetória do povo negro no Brasil e com os processos de enfrentamento à escravidão, ao racismo e à marginalização social (Rego, 2008; Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Dessa forma, a capoeira não se limita a uma atividade corporal ou esportiva, mas configura-se como um sistema complexo de saberes, transmitido majoritariamente pela oralidade e pela vivência comunitária.

No campo historiográfico, autores clássicos apontam que a capoeira se desenvolveu, sobretudo, em contextos urbanos, especialmente a partir do século XIX, sendo marcada por períodos de criminalização e posterior legitimação social (Assunção, 2005; Soares, 2001). Nesse sentido, a literatura especializada problematiza a recorrente associação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares. Embora ambos representem importantes símbolos da resistência negra, estudos indicam a inexistência de evidências históricas que comprovem uma relação orgânica entre a prática da capoeira e Palmares. Tal vínculo deve ser compreendido, sobretudo, como uma construção simbólica posterior, mobilizada no imaginário social e político como forma de reforçar narrativas de resistência e ancestralidade negra (Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008).

A figura do mestre ocupa posição central nos estudos sobre capoeira. Pesquisas destacam que a transmissão dos saberes não ocorre apenas pela técnica dos movimentos, mas envolve valores éticos, narrativas históricas, ritos e formas específicas de sociabilidade (Abib, 2004; Costa, 2021). O mestre é compreendido como guardião da memória coletiva e agente fundamental na formação identitária dos praticantes. No contexto alagoano, trabalhos como os de Lima (2009) e Oliveira (2013) evidenciam que os mestres pioneiros foram responsáveis pela implantação, difusão e consolidação da capoeira no estado, estruturando rodas, grupos e redes de sociabilidade em bairros, praças e espaços comunitários.

A memória e a oralidade aparecem como categorias fundamentais para compreender a capoeira em Alagoas. Lima (2009), ao registrar a trajetória dos mestres precursores em Maceió, demonstra como suas histórias se transformaram em referências para a construção da identidade cultural local e para a educação popular. A capoeira, nesse sentido, configura-se como uma prática que educa, resiste e perpetua a cultura afro-brasileira, mesmo diante da escassez de registros escritos e do histórico apagamento das contribuições negras. Essa perspectiva

reforça a importância de pesquisas que valorizem as narrativas dos mestres e reconhece a oralidade como fonte legítima de conhecimento.

No que se refere à dimensão educativa, a literatura aponta de forma consistente que a capoeira atua como um potente instrumento pedagógico, tanto em contextos escolares quanto em espaços não formais. Silva (2006), em *A prática da capoeira como espaço de formação*, analisa a capoeira como um processo educativo fundamentado em ritos, histórias e valores da cultura afro-brasileira, evidenciando que a prática promove aprendizagens relacionadas ao respeito, à ética e à consciência social. O autor destaca, a partir de experiências junto a mestres como Nô e Cláudio, que a capoeira contribui significativamente para a construção da identidade negra e da cidadania.

Em estudo mais recente, Silva (2023) revisa produções acadêmicas apresentadas no *Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade* (Educon) entre 2010 e 2021 e conclui que a capoeira possui elevado potencial no processo de ensino-aprendizagem. Segundo o autor, além de favorecer o desenvolvimento físico e emocional dos estudantes, especialmente em escolas públicas, a capoeira atua como meio de integração social e ferramenta pedagógica relevante, articulando cultura, história e corporeidade. Esses achados dialogam com estudos desenvolvidos em Alagoas, que ressaltam a contribuição da capoeira para a formação cidadã e para a inclusão social de jovens das periferias urbanas (Ferreira, 2019; Santos, 2019).

Apesar dos avanços, a literatura também aponta limites e desafios. A inserção da capoeira no ambiente escolar ainda enfrenta resistências, sendo frequentemente reduzida a uma atividade recreativa ou meramente física, sem o devido reconhecimento de sua densidade histórica, cultural e pedagógica (Silva, 2014; Almeida, 2017). Além disso, a escassez de registros sistematizados sobre a atuação dos mestres locais, sobretudo nas periferias alagoanas, evidencia a necessidade de estudos que deem visibilidade à dimensão histórica e educativa da capoeira no estado.

Outro eixo relevante do referencial teórico diz respeito às formas de organização social e institucional da capoeira. A criação de federações e associações, como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal), insere-se em um movimento mais amplo de institucionalização da prática, marcado por disputas simbólicas entre tradição e normatização (Assunção, 2005; Anjos, 2020). Em Alagoas, essas entidades desempenham papel importante na mediação entre mestres, grupos e políticas públicas, ao mesmo tempo em que revelam tensões relacionadas à autonomia dos saberes tradicionais.

Por fim, a literatura reconhece a coexistência e o diálogo entre as vertentes da capoeira Angola e da capoeira Regional. Rego (2008) destaca que a capoeira Angola enfatiza a ancestralidade, a ritualidade e a preservação dos fundamentos tradicionais, enquanto a capoeira Regional, sistematizada por Mestre Bimba, propõe uma organização pedagógica voltada à valorização da capoeira como luta e método de ensino. Em Alagoas, estudos indicam que essas vertentes contribuíram de forma complementar para a consolidação da prática, refletindo processos históricos de circulação de mestres, adaptação local e construção de identidades próprias (Lima, 2009; Assunção, 2005).

Assim, o referencial teórico que sustenta este artigo compreende a capoeira como prática social, cultural e educativa, profundamente enraizada nas experiências da população negra. Ao articular autores clássicos e pesquisas específicas sobre Alagoas, este estudo busca valorizar a memória dos mestres, a oralidade, as formas locais de organização e o papel da capoeira na formação cidadã, reconhecendo-a como patrimônio cultural imaterial e como espaço legítimo de produção de saberes.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, adequada à análise de

manifestações culturais, processos históricos e práticas educativas, especialmente no que se refere à capoeira em Alagoas, compreendida como um saber tradicional de matriz afro-brasileira transmitido, majoritariamente, por meio da oralidade.

O estudo foi desenvolvido a partir da articulação entre pesquisa bibliográfica, análise documental e investigação empírica, com ênfase nas narrativas orais de mestres de capoeira atuantes no estado de Alagoas. Tal delineamento metodológico possibilita compreender a capoeira para além de sua dimensão corporal, reconhecendo-a como prática cultural, educativa e social, atravessada por processos históricos, identitários e formativos.

No primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que contemplou obras clássicas e estudos contemporâneos acerca da história da capoeira no Brasil, de suas dimensões culturais, pedagógicas e sociais, bem como produções específicas voltadas à capoeira em Alagoas. Foram analisados livros, artigos científicos, dissertações e teses que abordam temáticas como memória, ancestralidade, organização da capoeira, práticas educativas, processos de institucionalização e formação cidadã. Esse conjunto teórico constituiu o referencial que orientou a análise e a interpretação dos dados empíricos.

De forma complementar, procedeu-se à análise de materiais documentais relacionados à capoeira no contexto alagoano, incluindo registros históricos, produções acadêmicas locais, documentos institucionais de federações e associações de capoeira, além de materiais audiovisuais, como documentários e registros de eventos culturais. Esses documentos foram compreendidos como fontes relevantes para a compreensão da trajetória histórica da capoeira no estado, de seus processos organizativos e de sua inserção em diferentes espaços sociais, culturais e educativos.

A etapa empírica da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com mestres de capoeira reconhecidos por sua atuação pioneira e por sua relevância histórica, cultural e social no

desenvolvimento da capoeira em Alagoas, a saber: Mestre Ventania, Mestre Coca-Cola, Mestre Caveirinha, Mestre Jacaré e Mestre Cláudio dos Palmares. A seleção desses mestres baseou-se em critérios, como pioneirismo na difusão da capoeira no estado, longevidade na prática, reconhecimento coletivo enquanto referências da salvaguarda da capoeira alagoana e detenção de saberes tradicionais transmitidos por meio da oralidade.

Os mestres participantes foram compreendidos como autoridades no campo da capoeira, detentores de amplo conhecimento prático, histórico e cultural acerca dessa manifestação, cabendo aos pesquisadores o papel de registrar, documentar e sistematizar suas narrativas, vivências e experiências. As entrevistas tiveram como objetivo registrar memórias, trajetórias pessoais, percepções sobre a formação da capoeira em Alagoas, desafios enfrentados ao longo do tempo, bem como o papel educativo e social da capoeira em diferentes contextos.

Os depoimentos coletados foram analisados à luz dos pressupostos da história oral e da memória social, considerando as narrativas não apenas como relatos individuais, mas como expressões de experiências coletivas e de processos históricos mais amplos. A análise ocorreu de forma interpretativa, por meio da identificação de categorias temáticas recorrentes, tais como ancestralidade, formação cidadã, respeito aos mestres, institucionalização da capoeira e relações entre tradição e contemporaneidade. As categorias identificadas foram articuladas ao referencial teórico, possibilitando o diálogo entre as experiências empíricas e a produção acadêmica.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa observou os princípios estabelecidos para estudos com participação humana, respeitando as diretrizes legais vigentes. As entrevistas foram realizadas mediante consentimento livre e esclarecido dos mestres participantes, que autorizaram o registro, a utilização e a divulgação de suas falas para fins acadêmicos e culturais. O estudo comprometeu-se, ainda, com o reconhecimento e a valorização da integridade simbólica,

histórica e cultural dos mestres, assegurando o devido respeito aos saberes compartilhados.

A organização e a interpretação dos dados seguiram uma lógica temática e histórica, permitindo compreender a capoeira em Alagoas a partir de suas origens, da atuação dos mestres pioneiros, das formas de organização institucional e de sua inserção em espaços educativos formais e não formais. Dessa maneira, a metodologia adotada possibilita uma leitura integrada da capoeira como prática cultural, educativa e social, valorizando a oralidade, a memória e os saberes tradicionais dos sujeitos que constroem e mantêm viva a história da capoeira alagoana.

4 RESULTADOS

A análise dos dados produzidos a partir da pesquisa bibliográfica, documental e empírica evidencia que a capoeira em Alagoas se constituiu por meio de um processo histórico singular, marcado pela resistência cultural, pela oralidade e pela atuação decisiva de mestres pioneiros. Os resultados demonstram que a consolidação da capoeira no estado não ocorreu de forma linear ou institucionalizada desde sua origem, mas foi construída a partir de iniciativas individuais e coletivas que transformaram espaços informais em territórios de aprendizagem, sociabilidade e transmissão de saberes.

No que se refere às narrativas amplamente difundidas no imaginário social, os dados confirmam que não há evidências históricas consistentes que estabeleçam uma relação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares, conforme já apontado por estudos historiográficos clássicos (Rego, 2008; Assunção, 2005). Entretanto, os relatos dos mestres e as observações empíricas dos autores do artigo indicam que essa associação opera em um plano simbólico e político, conectando dois dos mais potentes ícones da resistência negra no Brasil: a capoeira e Palmares. Em Alagoas, essa relação simbólica é constantemente atualizada, sobretudo nas celebrações do Dia da Consciência Negra, realizadas na Serra da Barriga, espaço que se

consolidou como território de memória, ancestralidade e afirmação identitária.

4.1 A estruturação histórica da capoeira em Alagoas

Os depoimentos dos Mestres Ventania, Jacaré, Caveirinha, Coca-Cola e Cláudio dos Palmares revelam que a capoeira em Alagoas se estruturou, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, impulsionada pela circulação de capoeiristas oriundos de outros estados, especialmente Bahia e São Paulo. Tal circulação confirma o que Fontoura e Guimarães (2008) descrevem como um processo histórico de difusão da capoeira no território brasileiro, marcado por deslocamentos, trocas e adaptações regionais.

Em Alagoas, esse processo assumiu características próprias. As narrativas apontam que, inicialmente, a prática se desenvolveu em quintais, praças, praias, associações comunitárias e espaços improvisados, antes de alcançar maior reconhecimento público. Esses ambientes funcionam como verdadeiros núcleos formadores, reafirmando a oralidade como fundamento epistemológico da capoeira, conforme discutido por Oliveira (2013) e Lima (2009). Trata-se de um conhecimento transmitido prioritariamente pela experiência, pelo corpo, pela palavra e pela convivência, não redutível a registros escritos ou currículos formais.

4.2 Os mestres ancestrais como guardiões da memória e agentes educativos

Um dos resultados mais consistentes da pesquisa refere-se à centralidade dos mestres ancestrais na constituição da capoeira alagoana. As entrevistas evidenciam que a figura do mestre extrapola amplamente a função de instrutor técnico, assumindo um papel educativo, ético e comunitário. Os mestres são apresentados como

formadores de cidadãos, responsáveis por transmitir valores, como disciplina, respeito, responsabilidade e pertencimento social.

Essa dimensão pedagógica aparece de forma recorrente nas falas, sobretudo quando os mestres associam a capoeira à possibilidade de transformação social e ao afastamento de jovens em contextos de vulnerabilidade. Tal compreensão dialoga diretamente com estudos que reconhecem a capoeira como prática educativa e como forma de educação popular (Almeida, 2017; Silva, 2014; Costa, 2021; Ferreira, 2019). Em Alagoas, essa função social é ainda mais evidente, considerando as desigualdades históricas que atravessam grande parte da população negra e periférica do estado.

4.3 Diversidade de grupos e coexistência das vertentes

Os resultados também evidenciam a grande diversidade de grupos de capoeira existentes em Alagoas, com distintas filiações, estéticas, práticas pedagógicas e linhagens históricas. Apesar dessa pluralidade, os dados indicam que esses grupos caminham, de modo geral, em um mesmo sentido: a divulgação, preservação e fortalecimento da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira.

Nesse contexto, destaca-se a presença das vertentes capoeira Angola e capoeira Regional, que coexistem de forma dinâmica no estado. As trajetórias dos mestres demonstram que ambas foram fundamentais para a consolidação da capoeira alagoana, refletindo processos de diálogo, circulação de saberes e adaptação às realidades locais, sem que uma vertente anule a outra (Assunção, 2005; Rego, 2008).

A capoeira Angola, em especial, aparece nos resultados como a vertente que busca resguardar de forma mais explícita os fundamentos históricos, simbólicos e ritualísticos da prática. O Grupo Capoeira Angola Palmares (ABCCAP) foi utilizado como campo de pesquisa fundamental para a construção deste artigo, possibilitando a imersão direta dos autores em rodas, oficinas, eventos culturais e projetos sociais. Essa experiência empírica permitiu observar, de maneira

situada, como a capoeira Angola se manifesta no cotidiano alagoano contemporâneo, especialmente em bairros periféricos de Maceió, mantendo viva a tradição sem se dissociar das demandas atuais.

4.4 Institucionalização, federações e tensões contemporâneas

A pesquisa também revela tensões associadas ao processo de institucionalização da capoeira em Alagoas. A criação e atuação de federações como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal) aparecem de forma ambígua nos dados. Por um lado, representam avanços importantes na organização da prática, na ampliação da visibilidade pública e na interlocução com o poder público. Por outro, segundo os mestres entrevistados, tais instâncias nem sempre valorizam adequadamente aqueles que foram pioneiros na implantação da capoeira no estado.

Essas tensões refletem um debate recorrente na literatura, que aponta para os riscos da esportivização e da burocratização excessiva da capoeira, capazes de fragilizar a centralidade da ancestralidade e da oralidade (Assunção, 2005; Silva, 2023). Em Alagoas, tais disputas assumem contornos específicos, uma vez que muitos mestres ainda lutam por reconhecimento institucional e por políticas públicas que valorizem não apenas a prática, mas também seus protagonistas históricos.

4.5 Capoeira, escola e políticas culturais em Alagoas

No que se refere à inserção da capoeira nas escolas, os resultados indicam avanços significativos, sobretudo quando a prática é mediada por profissionais com formação acadêmica e reconhecimento institucional. Entretanto, persistem desafios relacionados ao preconceito, à intolerância religiosa e ao racismo estrutural, fatores amplamente relatados pelos mestres e confirmados pela literatura (Silva, 2006; Silva, 2014).

Paralelamente, a pesquisa evidencia que a capoeira em Alagoas tem se consolidado como política cultural, sendo incorporada a projetos financiados por editais públicos e ações governamentais. Iniciativas como projetos de oficinas culturais, rodas abertas e eventos comunitários — observados diretamente pelos autores durante o trabalho de campo — demonstram que a capoeira ocupa, hoje, um lugar relevante nas agendas culturais do estado, especialmente em atividades vinculadas ao Dia da Consciência Negra e às celebrações realizadas na Serra da Barriga.

4.6 A Serra da Barriga e Palmares como eixo simbólico da capoeira alagoana

Os resultados indicam que a Serra da Barriga se consolidou como um dos principais espaços simbólicos da capoeira em Alagoas. Ainda que não configure a origem histórica da prática, Palmares ocupa um lugar central na construção da identidade capoeirística local. As rodas realizadas no dia 20 de novembro, a presença massiva de capoeiristas de diferentes grupos e vertentes, e a mobilização cultural observada pelos autores reforçam o papel da Serra como território de memória, resistência e reafirmação da cultura afro-brasileira (Gomes, 2017; Santos, 2019).

Essa centralidade simbólica contribui para que a capoeira em Alagoas seja compreendida não apenas como prática corporal, mas como expressão política, cultural e pedagógica, profundamente articulada à história da população negra no estado.

4.7 A capoeira em Alagoas na atualidade

A partir das observações empíricas realizadas pelos autores, a capoeira em Alagoas apresenta-se, na contemporaneidade, como uma prática viva, dinâmica e em expansão. Ela se faz presente em bairros periféricos, escolas, universidades, projetos sociais, eventos públicos e

ações culturais promovidas pelo poder público. Essa presença reafirma o papel da capoeira como um dos pilares da cultura afro-alagoana, contribuindo para a disseminação de valores, saberes e práticas que fortalecem a identidade negra e a cidadania.

Nesse sentido, os resultados demonstram que a capoeira em Alagoas não apenas preserva o passado, mas constrói o presente e projeta o futuro, articulando tradição e contemporaneidade, ancestralidade e ação política.

5 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitem afirmar que a capoeira em Alagoas se constitui como uma prática social e cultural edificada historicamente a partir da resistência, da oralidade e da atuação decisiva dos mestres, articulando dimensões educativas, identitárias e políticas. Embora o estado esteja simbolicamente associado ao Quilombo dos Palmares, marco incontornável da resistência negra no Brasil, a trajetória da capoeira alagoana precisa ser compreendida a partir de sua própria dinâmica histórica, marcada por fluxos de mestres, processos de adaptação local e consolidação de redes comunitárias. A distinção entre o valor simbólico de Palmares e a inexistência de uma relação factual direta com a origem da capoeira contribui para uma abordagem historiográfica mais rigorosa, sem esvaziar a importância política e cultural deste território na memória afro-brasileira.

A investigação evidencia que os mestres pioneiros exerceram papel central na implantação, difusão e consolidação da capoeira em Alagoas, desempenhando funções que ultrapassam a dimensão técnica da prática. Suas trajetórias revelam a capoeira como um espaço formativo ampliado, no qual se constroem valores éticos, princípios de respeito à ancestralidade, disciplina e pertencimento comunitário. Desse modo, os mestres afirmam-se como educadores populares, líderes culturais e guardiões da memória, responsáveis pela transmissão

de saberes historicamente marginalizados e pela manutenção da capoeira enquanto patrimônio cultural imaterial vivo.

Os relatos analisados reforçam a compreensão da capoeira como instrumento de transformação social, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Em bairros periféricos de Maceió e em outras localidades do estado, a prática tem se consolidado como espaço de sociabilidade, educação e afirmação identitária para crianças, jovens e adultos. Projetos sociais, grupos organizados e iniciativas comunitárias evidenciam que a capoeira segue desempenhando papel relevante na promoção da inclusão social e no fortalecimento da cultura afro-brasileira, articulando tradição e contemporaneidade.

No que concerne aos processos de institucionalização, os resultados apontam para um cenário caracterizado simultaneamente por avanços e tensões. A criação e a atuação de federações e associações ampliaram a visibilidade da capoeira e possibilitaram maior interlocução com o poder público, favorecendo sua inserção em políticas culturais e educacionais. Contudo, os depoimentos dos mestres revelam preocupações quanto à fragilização do respeito à ancestralidade e às hierarquias tradicionais, sobretudo quando os processos normativos deixam de reconhecer adequadamente aqueles que foram pioneiros na construção da capoeira no estado. Tal constatação indica a necessidade de políticas públicas mais sensíveis às especificidades dos saberes tradicionais, capazes de articular a organização institucional e valorização da memória histórica.

A presença da capoeira em espaços escolares e em eventos promovidos pelo poder público, como as celebrações do Dia da Consciência Negra e as atividades realizadas na Serra da Barriga, sinaliza avanços importantes no reconhecimento da prática enquanto expressão legítima da cultura afro-brasileira. Ainda assim, permanecem desafios relacionados ao preconceito, ao racismo estrutural e à intolerância religiosa, elementos que continuam a influenciar sua aceitação social. Esses aspectos reforçam a necessidade de

compreender a capoeira não apenas como manifestação cultural, mas também como campo de disputa simbólica e política.

A coexistência das vertentes da capoeira Angola e da capoeira Regional em Alagoas evidencia a diversidade e a complexidade da prática no estado. Longe de se configurarem como oposições excludentes, tais vertentes estabelecem relações de diálogo e complementaridade, refletindo processos históricos de circulação de saberes e de construção de identidades locais. A capoeira Angola, em particular, destaca-se pela valorização da ancestralidade, da ritualidade e da preservação dos fundamentos tradicionais, reafirmando a capoeira como expressão cultural profundamente enraizada na experiência histórica do povo negro.

Dessa maneira, o estudo reafirma a relevância de pesquisas que articulem produção acadêmica e fontes empíricas, especialmente as narrativas orais dos mestres. Valorizar essas vozes implica reconhecer a oralidade como fonte legítima de conhecimento e enfrentar o apagamento histórico das culturas negras. Espera-se que este artigo contribua para o fortalecimento do debate acadêmico e social sobre a capoeira em Alagoas, estimulando novas investigações, políticas públicas e ações educativas que reconheçam, respeitem e fortaleçam o legado dos mestres ancestrais, bem como a capoeira enquanto prática cultural, educativa e política fundamental para a sociedade alagoana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João. **A capoeira e suas práticas pedagógicas**. Recife: UFPE, 2017.

ANJOS, Carlos. **Capoeira e organização espacial no sertão alagoano**. Maceió: Edufal, 2020.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira: the history of an Afro-Brazilian martial art**. London; New York: Routledge, 2005.

COSTA, Maria Aparecida. **Formação de mestres e processos educativos na capoeira**. Aracaju: UFS, 2021.

FERREIRA, Luiz Carlos. **Capoeira e cidadania em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2019.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. History of capoeira. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 13, n. 2, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **História do quilombo de Palmares**. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, José Carlos. **Memória dos mestres precursores da capoeira em Maceió/AL**. Maceió: Edufal, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; PINHEIRO LEAL, Luiz Augusto. **Capoeira, identidade e gênero: história e identidade cultural**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

OLIVEIRA, Marcos. **A memória dos mestres de capoeira em Maceió**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. 2. ed. Salvador: Itapuã, 2008.

RIBEIRO DA SILVA, Luciana. **“Ginga!”: decolonizing Brazilian education through the history and culture of capoeira**. 2023. Tese/Dissertação – [Instituição], [Local], 2023.

SANTOS, Paulo Henrique. **Capoeira, espaço urbano e cidadania em Maceió**. Maceió: Edufal, 2019.

SILVA, Antônio. **A prática da capoeira como espaço de formação**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

SILVA, Antônio. **Capoeira, educação e contemporaneidade**. Aracaju: EDUCON/UFS, 2014.

SILVA, Antônio. **Capoeira e práticas educativas no Brasil contemporâneo**. Aracaju: EDUCON/UFS, 2023.

SOUZA, Ricardo. **A musicalidade da capoeira em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2018.

CAPÍTULO 4

MESTRES ANCESTRAIS: história, trajetória e legado dos Mestres de Capoeira de Alagoas

Maria Luiza Silva de Vasconcelos¹²

Katarina Marques Guimarães¹³

Marco Antonio Santos da Silva¹⁴

1 INTRODUÇÃO

A capoeira, no contexto brasileiro, configura-se como uma manifestação cultural de matriz afro-brasileira que, historicamente, constituiu-se como prática de resistência dos povos negros escravizados. Trata-se de uma expressão marcada pela musicalidade, pelos movimentos corporais e pelos símbolos da ancestralidade africana, trazidos de forma forçada ao território brasileiro.

Ao longo de sua trajetória, a capoeira foi submetida a processos sistemáticos de marginalização e criminalização, sobretudo nos grandes centros urbanos, como Salvador e Rio de Janeiro, em decorrência de estruturas racistas e de práticas repressivas do Estado historicamente direcionadas à população negra. Conforme aponta Lacerda (2021), a

¹² Pesquisadora bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic Júnior) com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao Projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimento e luta”. Email: marialuizavasconcelos19@gmail.com. 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

¹³ Pesquisadora bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic Júnior) com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao Projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimento e luta”. Email: katarinamarques.79. 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

¹⁴ Doutor em Educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Email: marcobaiano4@gmail.com.

criminalização da capoeira no século XX evidencia a forma como políticas públicas e institucionais reproduziram mecanismos de controle social sobre corpos e culturas negras. Ainda assim, a capoeira resistiu e segue resistindo, constituindo-se como forma de enfrentamento ao racismo e à discriminação, além de atuar como instrumento de valorização da identidade étnico-racial e de fortalecimento dos saberes ancestrais.

Nesse processo de ressignificação e reconhecimento social, a capoeira passa a ocupar espaços escolares, consolidando-se como prática pedagógica que contribui de maneira significativa para a formação sociocultural dos sujeitos. Tal inserção promove a valorização da cultura afro-brasileira, o reconhecimento das heranças africanas e o fortalecimento de uma educação antirracista (Ferreira, 2019).

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender que, assim como em outras regiões do Brasil, em Alagoas, a capoeira se consolidou como importante instrumento de resistência, preservação cultural e construção identitária da população negra. Mestres e Mestras alagoanos, ao longo de décadas, desempenharam papel central na manutenção dessa tradição, enfrentando processos históricos de marginalização e invisibilização. Suas trajetórias são atravessadas pela luta em defesa da cultura afro-brasileira, pela salvaguarda dos saberes ancestrais e pela constituição de espaços de pertencimento, seja nas rodas de capoeira, nas comunidades ou, mais recentemente, nos ambientes escolares.

De acordo com relatos de Mestres alagoanos, a capoeira, durante muito tempo, não foi bem recebida pela sociedade local, sendo frequentemente associada à marginalidade e à criminalização. O Mestre Jacaré, reconhecido oficialmente como Patrimônio Vivo¹⁵ da Cultura de Alagoas, em entrevista realizada na Serra da Barriga, no Dia da

¹⁵ O Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas foi instituído pela Lei Estadual nº 6.513/2004, com o objetivo de amparar e preservar a memória de mestres que detêm conhecimentos tradicionais da cultura alagoana.

Consciência Negra, relembra as dificuldades enfrentadas para difundir a capoeira em Maceió:

Eu fazia uma roda de capoeira nos bairro, tendeu? E eu fui pra os bairro, primeiro foi no Rio Uruguai de São Sebastião, depois criei um grupo, depois do grupo fui pra os bairro mostrando a capoeira e dizendo que a capoeira não era só São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, não, que em Maceió tinha capoeira, pelo amor de Deus. No artesanato, ninguém jogava, não tinha nem condições de jogar, pessoal em cima, em cima... eu parava a roda, de vez em quando parava a roda e ‘abre a roda, abre a roda aí porque já estão em cima’, porque nunca tinham visto, nunca tinham visto, tendeu? Eu levei nome de maloqueiro. Porque naquela época você levava nome de maloqueiro, com berimbau na mão, atabaque... (Relato do Mestre Jacaré¹⁶, 2023).

O relato do Mestre Jacaré revela de forma contundente os desafios históricos enfrentados pelos praticantes de capoeira em Alagoas, especialmente no processo de afirmação da prática como expressão legítima da cultura afro-brasileira. A associação da capoeira à marginalidade não se restringiu ao imaginário nacional, reproduzindo-se também em contextos locais, nos quais Mestres e praticantes foram estigmatizados, perseguidos e, em muitos casos, criminalizados por exercer em uma prática que carrega, em sua essência, os traços da resistência negra (Lacerda, 2021).

A fala do Mestre evidencia ainda um aspecto central da história da capoeira no estado, o protagonismo dos Mestres na construção de uma identidade própria da capoeira alagoana, rompendo com a ideia de que essa prática estaria restrita a grandes centros tradicionais, como Salvador, Rio de Janeiro ou São Paulo. Ao afirmar que “em Maceió tinha capoeira”, o Mestre reivindica visibilidade para saberes, práticas e trajetórias historicamente silenciados no contexto local.

Esse processo de afirmação, contudo, não ocorreu de maneira

¹⁶ Entrevista concedida por Mestre Jacaré à autora, realizada na Serra da Barriga, em 2023.

linear ou isenta de conflitos. Os Mestres alagoanos precisaram enfrentar o preconceito social, a precarização dos espaços de prática, a ausência de reconhecimento institucional e, mais recentemente, os desafios impostos pela mercantilização da capoeira. Nesse sentido, a trajetória de Mestres como Jacaré, que hoje carrega o título de Patrimônio Vivo da Cultura de Alagoas, representa não apenas uma conquista individual, mas um marco coletivo na luta pela preservação da memória, dos saberes ancestrais e do fortalecimento da cultura afro-brasileira no estado.

A partir desse olhar, torna-se imprescindível compreender que a história da capoeira em Alagoas é atravessada por múltiplos processos de resistência, enfrentamento ao racismo, construção de identidades e disputas por reconhecimento social, cultural e político. Tais elementos serão aprofundados ao longo deste trabalho, especialmente a partir das narrativas dos próprios Mestres, que refletem sobre as transformações da capoeira na contemporaneidade, os desafios enfrentados em suas trajetórias e as tensões relacionadas à patrimonialização e à mercantilização da prática¹⁷.

Observa-se, entretanto, uma expressiva carência de registros acadêmicos e históricos que reconheçam e documentem as contribuições desses sujeitos, suas trajetórias e os percursos que possibilitaram a consolidação da capoeira como prática educativa e sociocultural no estado de Alagoas. Assim como em outros territórios, a capoeira no contexto alagoano foi, e continua sendo, alvo de processos de marginalização, reafirmando-se como símbolo de resistência do movimento negro na luta pela preservação étnico-racial.

Nesse percurso, Mestres e Mestras alagoanos enfrentaram diversos desafios históricos e sociopolíticos, assumindo protagonismo fundamental na preservação das tradições, na transmissão dos saberes ancestrais e na afirmação da capoeira como instrumento de

¹⁷ A crítica à mercantilização refere-se ao processo de espetacularização da capoeira para fins turísticos ou comerciais, onde a performance estética sobrepõe-se aos valores éticos e pedagógicos tradicionais.

fortalecimento identitário e de valorização da cultura afro-brasileira. Compreender essas trajetórias, portanto, extrapola o campo acadêmico, configurando-se como ato político e social de reconhecimento, valorização da memória coletiva e enfrentamento às estruturas históricas de apagamento e racismo (Lacerda, 2021; Ferreira, 2019).

2 REFERÊNCIALTEÓRICO

A capoeira emerge no cenário brasileiro como forma de resistência, protesto e culto à ancestralidade que se tentou retirar dos povos negros escravizados. Sua disseminação está diretamente relacionada à oralidade e à transmissão desses saberes pelos Mestres, que buscam honrar e preservar histórias, valores e práticas tradicionais. Tais conhecimentos assumem múltiplos sentidos, uma vez que a capoeira extrapola a condição de prática corporal e se apresenta como expressão da própria vida. Segundo Neto (2017), a roda de capoeira configura-se como espaço de sociabilidade e ritualidade, simbolizando o ciclo da existência e perpetuando a ancestralidade africana em território brasileiro. Desse modo, elementos como a roda representa o ciclo da vida, arquétipo também presente em outras manifestações culturais de matriz africana¹⁸, reforçando a noção de ancestralidade. A capoeira, portanto, não se limita a um jogo ou a uma luta, mas constitui a história de um povo e uma narrativa de resistência que atravessa gerações. Trata-se de uma prática que ensina valores e experiências aplicáveis ao cotidiano, oferecendo aprendizados que ultrapassam o espaço da roda (Ferreira; Oliveira, 2021).

Nesse sentido, Munanga (2004) afirma que a ancestralidade não se restringe à ligação biológica com os antepassados, mas compreende um conjunto de referências simbólicas, espirituais e culturais que estruturam a identidade coletiva. A capoeira atua como espaço

¹⁸ O termo “matriz africana” é utilizado para designar práticas que, embora brasileiras, possuem fundamentos filosóficos e religiosos oriundos de povos africanos escravizados.

privilegiado para essa manutenção por meio da oralidade, das músicas, da expressão corporal e das narrativas transmitidas entre gerações. A ancestralidade manifesta-se, sobretudo, nessa conexão contínua com a cultura ancestral, configurando-se como saber que orienta os praticantes diante das adversidades da vida e atua em diferentes dimensões sociais, culturais e espirituais.

Os Mestres, nesse processo, são reconhecidos como símbolos dessa resistência. Foram eles os responsáveis pela criação de grupos e pela consolidação das práticas, assegurando a preservação das formas de jogo, das entradas, fintas, saídas, toques e de toda a ritualística da capoeira. Esse conhecimento foi transmitido de geração em geração, passando dos Mestres fundadores para os atuais professores e lideranças de grupos. Apesar da perseguição histórica e da criminalização da prática, esses Mestres resistiram, muitas vezes realizando a capoeira em espaços privados e ocultos, como suas próprias casas, sendo socialmente estigmatizados como marginais, para que, hoje, fosse possível levar a capoeira a espaços de reconhecimento institucional (Silva; Soares, 2019).

Dessa forma, a capoeira representa, para a sociedade brasileira, a essência de um povo que foi trazido à força e submetido à escravidão. Contudo, para além dessa condição imposta, esses povos produziram e incentivaram arte, cultura e ciência, deixando marcas significativas na formação social do Brasil. A capoeira, nesse contexto, expressa resistência e múltiplas formas de saber. Conforme afirma Sodré (2002, p. 15), “a capoeira é mais do que um jogo ou luta: é um sistema de conhecimento e resistência, criado por um povo submetido à escravidão, mas que soube reinventar a liberdade em movimento”. Ao analisar sua trajetória no contexto sociocultural brasileiro, evidencia-se a importância de reconhecer essa luta e arte como criação essencialmente brasileira, motivo pelo qual recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e da Humanidade¹⁹.

¹⁹ A roda de capoeira foi registrada como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Iphan, em 2008. Em 2014, a Unesco a reconheceu como patrimônio cultural imaterial

Entretanto, a obtenção desse título não assegura, por si só, o devido reconhecimento da prática. Isso ocorre, porque a capoeira ainda precisa atravessar uma sociedade estruturada em um sistema historicamente racista, no qual as próprias instituições de poder incentivaram, ao longo dos anos, um ódio velado e a negação identitária das raízes afro-brasileiras. Abdias do Nascimento (1978, p. 103) já alertava que “o racismo brasileiro é disfarçado, mas eficaz, pois atua não só na exclusão material, mas também no apagamento da memória cultural do povo negro”. Esse cenário constitui um dos principais fatores que intensificam os riscos de apagamento cultural da capoeira.

Coloca-se, assim, a seguinte reflexão: como uma arte vinculada ao contexto afrodiaspórico²⁰ pode ser plenamente reconhecida se parcela significativa da sociedade brasileira ainda se recusa a valorizar suas origens e a influência da cultura negra presente em todos os âmbitos da vida social? Essa contradição tem sido vivenciada por diferentes sujeitos ao longo da história do país. Conforme Munanga (2004, p. 18), “o racismo brasileiro funciona, antes de tudo, como um mecanismo de negação da identidade negra, invisibilizando sua contribuição e marginalizando seus símbolos culturais”.

Nesse contexto, o processo de salvaguarda da capoeira, ao buscar institucionalizar essa prática, reconhece seu valor como patrimônio cultural brasileiro e incentiva a formação de documentos e a constituição de acervos que auxiliem na compreensão de sua história. Segundo Prats²¹ (2006, *apud* Universidade Estadual Paulista, 2019), o patrimônio é uma construção social, sendo a ativação patrimonial o processo de institucionalização de referentes culturais selecionados

da humanidade.

²⁰ O termo refere-se ao fenômeno histórico e social da dispersão forçadas de populações africanas para outras partes do mundo, especialmente através do tráfico transatlântico de escravizados, e a reconstrução de suas identidades e culturas nesses novos territórios.

²¹ O termo *apud* é utilizado quando o autor do trabalho não teve acesso à obra original de um autor mencionado, valendo-se de uma citação feita por outro pesquisador. No caso de Llorenç Prats, a referência baseia-se na compilação e análise disponibilizada pela Unesp (2019) sobre teorias do patrimônio cultural.

pelo Estado, detentor do poder de elevar determinados bens à condição de patrimônio. Assim, a institucionalização da capoeira representa não apenas um reconhecimento formal, mas também a mediação estatal sobre um bem que historicamente se manteve vivo por meio da resistência popular.

Diversos Mestres de capoeira problematizam esse debate junto a seus praticantes, destacando que, apesar de longos anos de perseguição, marginalização e ausência de políticas públicas voltadas à preservação da prática, a capoeira sobreviveu graças à resistência desses Mestres, que transmitiram seus saberes e mantiveram a tradição em movimento, de geração em geração. O próprio Iphan (2014, p. 63) reconhece essa trajetória ao afirmar que “a capoeira se encontra presente em mais de 150 países, atraindo praticantes e estudiosos dos cinco continentes do planeta. A sua globalização, feita sem incentivo governamental, ocorreu devido às errâncias dos capoeiristas, verdadeiros embaixadores informais da cultura brasileira”.

Apesar disso, o registro do bem cultural implicou a transferência da responsabilidade de gestão da capoeira para o Estado, o que gerou novas tensões. Conforme destaca a Unesp (2019), “mesmo em face desse reconhecimento, o registro do bem cultural tornou o Estado responsável por sua gestão no país, algo que muitos capoeiristas veem como uma ação indevida sobre um bem que nunca foi por ele valorizado”.

Dessa maneira, a institucionalização da capoeira configura-se como campo de disputa. De um lado, observa-se o reconhecimento formal promovido pelo Estado; de outro, emerge o receio de que tal ação represente a apropriação de uma prática que sobreviveu justamente pela força da resistência popular e pela transmissão oral dos Mestres. Nesse ponto, a fala da Mestre Flávia Furacão evidencia como a identidade da capoeira está intrinsecamente ligada à ancestralidade e ao pertencimento:

Quando chega alguém aqui pra fazer aula comigo que diz 'ah, eu fui aluno de ciclano', eu pergunto. Depois ele fala

'fui aluno de outro', e depois 'fui pra outro'. Eu digo: 'meu amigo, você é aluno de quem? Você tá um cara sem identidade. Pra mim, o cara que pula de galho em galho fica sem identidade' (Mestra Flávia Furacão, 2025).

A fala da Mestra dialoga diretamente com a crítica à institucionalização estatal, pois, enquanto o Estado busca enquadrar a capoeira em moldes administrativos, muitas vezes distantes de sua lógica ancestral, os Mestres defendem que a legitimidade da prática reside no vínculo de transmissão oral, afetiva e simbólica entre gerações. Assim, a tensão entre Estado e capoeira não se limita às dimensões jurídica ou política, mas assume caráter simbólico, ao colocar em disputa a memória oficializada e a memória viva sustentada pelos Mestres. Dessa forma, a figura do Mestre ultrapassa o papel de instrutor, configurando-se como guardião da memória e elo vivo com a ancestralidade, assegurando que a capoeira seja não apenas um movimento corporal, mas também um pertencimento histórico e cultural.

3 MÉTODO

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, privilegiando o aprofundamento e a compreensão dos fenômenos relacionados à capoeira enquanto prática pedagógica, cultural e de resistência. Optou-se por essa abordagem por considerar que os aspectos subjetivos, simbólicos e contextuais são fundamentais para captar as múltiplas dimensões presentes nas experiências formativas e educacionais envolvendo a capoeira.

3.1 Tipo de pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico e histórico, voltada para a salvaguarda da memória da capoeira em Alagoas. Buscou-se compreender, por meio

das narrativas dos Mestres, como a prática da capoeira se consolidou no estado, os processos de transmissão de saberes e a preservação da identidade cultural, considerando tanto aspectos históricos quanto sociais e pedagógicos.

3.2 Seleção dos participantes

Foram selecionados Mestres e Mestras de capoeira com ampla experiência e relevância no contexto local, incluindo figuras pioneiras e formadores de novos grupos. A seleção ocorreu de forma intencional, priorizando indivíduos com conhecimento histórico da prática em Alagoas e reconhecida legitimidade dentro da comunidade capoeirística. Entre os participantes, destacam-se: Mestre Ventania, Mestre Coca-Cola, Mestre Jacaré, Mestre Cláudio dos Palmares e Mestra Flávia Furacão.

3.3 Instrumento de coleta

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, permitindo a flexibilidade necessária para captar a riqueza das memórias e experiências dos Mestres, sem perder o foco em tópicos centrais da pesquisa. As entrevistas foram conduzidas presencialmente, em locais escolhidos pelos participantes, como academias, praças ou residências, visando garantir conforto e liberdade para os relatos.

Os principais eixos das entrevistas incluíram:

- Trajetórias pessoais e profissionais na capoeira;
- Experiências de ensino e transmissão de saberes;
- Percepções sobre ancestralidade, respeito e memória na prática da capoeira;
- Conflitos, transformações e desafios da capoeira contemporânea;
- A contribuição da capoeira para a formação cidadã e social.

3.4 Procedimentos éticos

O estudo seguiu os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo a confidencialidade, anonimato e direito de recusa dos participantes. Todos os Mestres foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o uso acadêmico das entrevistas e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

3.5 Registro e análise dos dados

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra, preservando as palavras exatas dos Mestres, incluindo expressões, pausas e entonações relevantes para a análise. A análise seguiu a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), permitindo a identificação de categorias temáticas recorrentes, como: valorização da ancestralidade, transmissão intergeracional, memória histórica, mercantilização da capoeira e formação cidadã.

Além disso, os relatos foram comparados e cruzados, evidenciando principalmente convergências e complementaridades entre as narrativas dos Mestres, o que possibilitou compreender a construção social e histórica da capoeira em Alagoas, bem como sua dimensão cultural, pedagógica e comunitária. Essa articulação entre as diferentes memórias reforça a existência de uma base compartilhada de valores, práticas e sentidos atribuídos à capoeira no estado, contribuindo para a salvaguarda de sua memória e para a compreensão de seus processos de transmissão de saberes.

3.6 Limitações do estudo

Embora o estudo contemple Mestres pioneiros e reconhecidos, a pesquisa é limitada ao contexto alagoano e aos Mestres que aceitaram

participar. Nem todos os grupos ou Mestres contemporâneos puderam ser incluídos, sendo, portanto, um recorte que privilegia trajetórias com forte vínculo histórico e reconhecimento comunitário.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Mestre Ventania

As entrevistas realizadas revelam aspectos fundamentais da construção da capoeira em Alagoas, em especial no que se refere à sua expansão, organização e importância social. O relato do Mestre Ventania é particularmente representativo, pois reconstrói a memória histórica da chegada e da difusão da capoeira em Maceió e em outros territórios alagoanos, revelando os desafios, encontros e personagens que marcaram esse processo.

Ao retornar da Bahia, estado que é considerado um centro histórico da capoeira, o Mestre percebeu a ausência de rodas estruturadas em Alagoas. Como relatou, “saía perguntando sobre capoeira por aí e não achava” (Mestre Ventania, entrevista, 2025). A prática ainda se limitava a iniciativas isoladas, como a do capoeirista Márcio Sidney, que organizava rodas no quintal de sua casa, no bairro do Prado. O encontro com Sidney, indicado por um amigo, foi decisivo para a trajetória de Ventania e para a história da capoeira no estado.

O reconhecimento público da prática ganhou força a partir de um evento no Museu do Folclore, quando o escritor e Mestre Nestor Capoeira lançou um de seus livros em Maceió. Na ocasião, Ventania e Sidney participaram de uma roda organizada no espaço e ouviram de Nestor a provocação que viria a marcar um novo momento: “Se tem capoeira, porque não colocar aqui no museu alguém para dar aula?” (informação de Ventania, entrevista, 2025). Esse gesto simbólico significou a transição da capoeira do espaço privado (os quintais) para o espaço público (o museu), ampliando sua visibilidade e legitimidade.

A partir dessa iniciativa, a prática se expandiu para outros espaços comunitários, como o CSU²², do Conjunto Residencial Santo Eduardo, onde Ventania iniciou atividades em 1981, a convite de Jorge Anero. Nesse mesmo período, outras referências surgiam, como o Mestre Cláudio dos Palmares, ampliando o alcance da capoeira no estado. As rodas realizadas na Pajuçara, em frente à feirinha do artesanato, tornaram-se outro marco desse processo, reunindo nomes que ainda hoje são centrais no cenário alagoano. É nesse contexto que aparecem Mestres como o Mestre Coca-Cola, apelidado por Mestre Ventania devido à sua chegada frequente em um caminhão de entrega da empresa, e o Mestre Rasta, identificado pela estética rastafári.

A construção coletiva da capoeira em Alagoas também se fortaleceu por meio dos primeiros eventos organizados, a exemplo do encontro liderado pelo Mestre Jacaré, considerado o primeiro grande evento do estado. Foi nesse circuito que se deu também a entrada do Mestre Tunico, aluno de Mestre Nô, que passou a atuar na Jatiúca e apresentou à Ventania os fundamentos da Capoeira Angola Palmares. A conexão com Nô se consolidou quando Ventania viajou à Bahia e o encontrou em uma roda liderada pelo Mestre Medicina²³, fortalecendo os laços entre os grupos e permitindo que diferentes linhagens de capoeira circulassem em Alagoas.

Ao narrar essa trajetória, Ventania reforça a função social e pedagógica da prática, destacando que a capoeira vai além da luta e do jogo, constituindo-se em uma ferramenta de educação cidadã: “Com a capoeira a gente só tem a ensinar, capoeira é um veículo pra ensinar o cidadão, formar cidadãos” (Mestre Ventania, entrevista, 2025).

Essa fala reflete a concepção da capoeira como uma prática

²² Sigla para Centro Social Urbano. Trata-se de um equipamento público estatal voltado à oferta de atividades esportivas, culturais, de lazer e assistência social em comunidades periféricas. O uso deste espaço reforça o caráter comunitário e público das rodas de capoeira mencionadas.

²³ Mestre Medicina (Sérgio de Souza) é uma figura central na preservação da Capoeira Angola na Bahia, sendo fundador da Escola de Capoeira Angola (ECA). A sua influência mencionada no texto reforça o intercâmbio técnico e ancestral entre os grupos de Salvador e a expansão da linhagem Angola em Alagoas.

pedagógica que transcende a luta física, atuando como um instrumento de formação ética e cidadã. Segundo Gomes (2022), a capoeira é reconhecida como uma manifestação cultural libertária por excelência, sendo atualmente utilizada como ferramenta educativa em ambientes formais e não formais.

Dessa forma, muitos Mestres e professores empregam a capoeira como meio de transformação social, oferecendo aos jovens das comunidades alternativas à marginalidade, promovendo disciplina, transmissão de saberes ancestrais e reforço de valores éticos. Em contextos onde padrões sociais historicamente desfavorecem os moradores de periferias, a prática contribui para afastá-los de caminhos ligados à criminalidade, oferecendo novas perspectivas de convivência e cidadania.

Além disso, Araújo e Santos (2018) ressaltam que a capoeira auxilia no cultivo de sentimentos, valores e atitudes positivas em estudantes, funcionando como uma prática transformadora que fomenta a formação de cidadãos e educadores comprometidos com a democracia e a justiça social.

Sua fala também revela a satisfação de ver o crescimento da capoeira em seu estado natal, resultado de décadas de resistência e dedicação dos Mestres: “Eu fico muito feliz com essa multidão de gente na capoeira” (Mestre Ventania, entrevista, 2025).

A expressão de Mestre Ventania evidencia a satisfação e o orgulho do Mestre ao ver a capoeira se expandir em seu estado natal, Alagoas. Esse crescimento é resultado de décadas de resistência e dedicação dos Mestres, como ele próprio, que transformaram espaços como quintais e praças em locais de aprendizado e cultura. Essa expansão também reflete a capoeira como um veículo para ensinar o cidadão, formando cidadãos conscientes de sua identidade e história.

A memória narrada pelo Mestre Ventania mostra como a capoeira em Alagoas emerge da articulação entre indivíduos comprometidos com a prática, encontros fortuitos que se transformam em marcos históricos e a força das redes comunitárias. Mais do que uma

cronologia de eventos, trata-se da afirmação de uma ancestralidade viva, transmitida oralmente e preservada pela ação dos Mestres. Essa oralidade não apenas registra o passado, mas legitima a capoeira como patrimônio imaterial construído a partir da resistência e da coletividade²⁴.

4.2 Mestre Coca-Cola

A trajetória do Mestre Coca-Cola revela os caminhos de circulação da capoeira entre diferentes estados do Brasil e a forma como a prática se enraizou em Alagoas. Seu primeiro contato ocorreu em São Paulo, na Avenida Rio Pequeno, como professor e Mestre Zé Macaco, do grupo de capoeira Dois de Ouro. Posteriormente, passou pela Bahia, no povoado de Massapê²⁵, onde treinou durante dois a três anos com o Mestre Zé Cleito. Também integrou a Associação de Capoeira Mocambo²⁶, liderada pelo Mestre Índio Mocambo, da qual saiu graduado, retornando em seguida para Alagoas.

De volta a Maceió, iniciou suas aulas no ABC de Fernão Velho²⁷, formando seus primeiros alunos, entre eles o Mestre Gato e o Professor Galego. Em 1989, foi convidado pelo Mestre Caveirinha para integrar o grupo Berimbau de Ouro, no qual se formou Mestre em 1992. Posteriormente, fundou com seus irmãos o grupo Irmãos Unidos, nome

²⁴ A capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Iphan em 2008 e, posteriormente, em 2014, recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco, o que ratifica a dimensão de "resistência e coletividade" citada nesta pesquisa.

²⁵ O povoado de Massapê situa-se na região do Recôncavo Baiano (município de Santo Amaro), área reconhecida historicamente como um dos principais berços da capoeira e das tradições de matriz africana no Brasil.

²⁶ A Associação de Capoeira Mocambo, liderada pelo Mestre Índio Mocambo, é uma das instituições pioneiras na organização formal da capoeira em Alagoas, sendo peça-chave na graduação e formação de diversos Mestres da geração seguinte no estado.

²⁷ O ABC de Fernão Velho refere-se à Fábrica Carmem (Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos), onde o clube operário se tornou um importante centro de convivência e prática desportiva para a comunidade fabril de Maceió, durante o século XX.

que expressava a forte ligação familiar. Os irmãos Barriguiinha, Tanzan e Tabica faziam parte do coletivo, sendo este último ainda criança à época. Após o acidente que afastou o Mestre Coca-Cola da condução direta das aulas, seu irmão mais novo, Tabica, assumiu a responsabilidade de dar continuidade à caminhada. Segundo relato do próprio Mestre Coca-Cola, em entrevista, Tabica expressou a motivação para fundar o grupo Legado Capoeira, destacando a importância de preservar a história construída pelo irmão mais velho: “Quando eu morrer eu vou deixar esse legado que foi meu irmão Mestre Coca-Cola deixou pra nós” (fala de Mestre Tabica, transmitida por Mestre Coca-Cola, entrevista, 2025).

A escolha do nome Legado Capoeira traduz, portanto, a ideia de continuidade e reconhecimento da trajetória construída pelo Mestre Coca-Cola, evidenciando a dimensão familiar, afetiva e ancestral da prática. Essa relação de herança, simultaneamente simbólica e concreta, demonstra como a capoeira em Alagoas se sustenta em laços comunitários e familiares, nos quais a memória dos Mestres se transforma em compromisso coletivo de preservação.

Em 2002, Mestre Coca-Cola assumiu a presidência do grupo Raízes Negras, fundado pelo falecido Mestre Jaguar. Embora tenha se afastado posteriormente em razão de compromissos de trabalho como caminhoneiro, percorreu diferentes regiões do Brasil levando e conhecendo a capoeira, construindo redes de sociabilidade e deixando sua marca em diversos grupos e comunidades.

Entretanto, suas reflexões assumem um tom crítico em relação à forma como a capoeira vem sendo vivenciada e reconhecida na contemporaneidade. Para ele, observa-se um distanciamento entre os novos praticantes e a herança deixada pelos Mestres mais antigos:

A capoeira já não chegou com aquele respeito quase sagrado que se tinha pelos Mestres antigos, ancestrais, que ficou no passado. Ficaram as histórias, mas hoje os Mestres mais velhos não recebem dos Mestres mais novos, dos professores e dos graduados, o mesmo

respeito que os Mestres de antigamente recebiam de seus alunos (Mestre Coca-Cola, entrevista, 2025).

O relato de Mestre Coca-Cola evidencia uma reflexão crítica sobre as transformações nas relações de respeito dentro da capoeira. Ele aponta que, anteriormente, os Mestres eram reconhecidos como guardiões da tradição e da ancestralidade. Atualmente, segundo sua percepção, essa hierarquia simbólica parece fragilizada, uma vez que muitos Mestres mais jovens, professores e graduados não reverenciam os mais velhos da mesma forma. Essa mudança indica um processo geracional e cultural, possivelmente associado à modernização da capoeira, à sua inserção em novos espaços sociais e à redefinição das relações entre Mestre e discípulo. Ao mencionar a perda desse “divino respeito”, Mestre Coca-Cola convida à reflexão sobre os impactos da contemporaneidade na preservação da tradição oral e no papel dos mais velhos como referências vivas de memória e resistência.

Esse posicionamento se reforça ao destacar a ausência de valorização dos Mestres que construíram a história da capoeira em Alagoas: “O capoeira de hoje convida dez, vinte Mestres novos, recém-formados, mas para convidar um Mestre antigo, um Mestre mais velho que tem uma história na capoeira de Alagoas como eu e outros que estão aí...” (Mestre Coca-Cola, entrevista, 2025).

Por fim, ele enfatiza a necessidade de valorizar a capoeira construída em solo alagoano, reconhecendo os Mestres que foram pioneiros em sua implantação:

Temos que viver a nossa capoeira que foi implantada aqui. Essa capoeira foi plantada aqui por mim, Mestre Jacaré, Mestre Cláudio, Mestre Caveirinha, Mestre Celso Lacerda. É esse povo que merecia respeito, e não quando chega um Mestre de fora, que nunca teve aqui, e ele passa a ser tratado como um Deus (Mestre Coca-Cola, entrevista, 2025).

Essas falas trazem à tona um debate recorrente nas produções acadêmicas sobre a capoeira, especialmente no que se refere às

transformações nas relações de respeito e hierarquia na prática contemporânea. Pesquisadores, como Assunção (2005) e Pires (2010) apontam que a figura do Mestre sempre ocupou um lugar central na preservação da tradição, sendo responsável pela transmissão do conhecimento técnico, da memória coletiva e dos valores culturais compartilhados. Contudo, com a crescente institucionalização e esportivização da capoeira, marcada pela abertura de academias, pela inserção em políticas públicas e pela internacionalização da prática, observam-se mudanças significativas nas dinâmicas de autoridade.

Se antes o respeito constituía parte essencial da formação do capoeirista, atualmente ele tende a ser mediado por fatores como titulação formal, visibilidade midiática ou capital econômico. Tal processo gera tensões entre tradição e modernidade, pois os Mestres mais velhos passam a experimentar um sentimento de distanciamento e perda de legitimidade diante das novas gerações, como sugere o relato de Mestre Coca-Cola. Dessa forma, o depoimento evidencia que a permanência da tradição e o respeito aos ancestrais não são dados naturais, mas elementos constantemente disputados no interior da própria comunidade da capoeira.

4.3 Mestre Caveirinha

José Eunilson Pessoa, conhecido como Mestre Caveirinha, nasceu em Arapiraca, Alagoas, e iniciou sua trajetória na capoeira aos 13 anos de idade. Seu primeiro contato com a prática ocorreu durante uma apresentação de maculelê, experiência que o deslumbrou e o aproximou do Mestre Lira²⁸, responsável pela fundação da primeira academia de capoeira no estado, conforme relato do próprio Caveirinha.

Ainda jovem, o Mestre conciliava sua participação no teatro com os treinos de capoeira, sendo nesse contexto que passou a se engajar de

²⁸ Mestre Lira é reconhecido como o responsável por fundar a primeira academia de capoeira registrada formalmente no estado de Alagoas, sendo uma referência de ancestralidade para os mestres locais.

forma mais intensa na prática. O grupo Berimbau de Ouro (CBO), fundado em Maceió por José Ronaldo Tenório, conhecido como Mestre Espirro²⁹, discípulo de Lira e companheiro de treino de Caveirinha, marcou a consolidação de sua formação. Como Mestre Espirro possuía graduação superior, assumiu inicialmente a liderança das aulas. Entretanto, em 1987, após o assassinato de Espirro durante uma operação policial, Caveirinha foi graduado Contramestre e passou a assumir a direção do grupo, episódio que ele relata com pesar, reconhecendo as controvérsias que o cercam.

Sua trajetória é marcada por uma concepção rigorosa de disciplina e pela defesa da autoridade do Mestre no processo pedagógico da capoeira. Em sua fala, percebe-se uma crítica às transformações ocorridas nas relações entre Mestres e alunos nas últimas décadas, especialmente no que se refere ao respeito e à autonomia do educador. Segundo Caveirinha, “hoje a gente não tem autonomia [...] de dizer para o aluno que ele tá errado. Hoje nós não pode dizer isso não; se disser que tá errado, o errado é a gente. Porque antes de fazer a pergunta ele já tá com a resposta” (Mestre Caveirinha, entrevista, 2025).

Nesse sentido, observa-se um tensionamento entre a tradição pedagógica da capoeira, centrada na hierarquia entre Mestre e aluno, e novas formas de sociabilidade presentes nas gerações atuais. A fala de Caveirinha dialoga com debates presentes na literatura sobre a crise de autoridade nas práticas educativas contemporâneas (Sennett, 2006; Charlot, 2000), nas quais a figura do Mestre já não ocupa um lugar incontestável como transmissor do saber.

Em outro momento, sua fala assume um tom ainda mais contundente ao expressar como a capoeira atuava e continua atuando como espaço de formação ética e moral para jovens em contextos de

²⁹ Mestre Espirro, discípulo de Mestre Lira, foi uma liderança expressiva na capoeira alagoana até seu falecimento em 1987. Sua gestão no Grupo Berimbau de Ouro (CBO) é lembrada pela formação de uma geração de capoeiristas que hoje atuam como mestres no estado.

vulnerabilidade social: “Aqui ou você vira homem ou vira bicho. Mas tem um problema: se virar bicho, eu mesmo mato” (Mestre Caveirinha, entrevista, 2025).

Essa afirmação, dura e carregada de simbolismo, pode ser compreendida como um reflexo do papel da capoeira enquanto prática de socialização e disciplinamento. Para Caveirinha, a roda constituiu espaço de transformação, capaz de resgatar jovens de trajetórias marcadas pela marginalidade e pela violência, ao mesmo tempo em que exige responsabilidade e disciplina. Tal concepção aproxima-se de estudos que reconhecem a capoeira como instrumento de inclusão social, formação de caráter e mediação comunitária (Reis, 2015; Brito, 2018).

4.4 Mestre Jacaré

O Mestre Jacaré é reconhecido como pioneiro da capoeira no estado de Alagoas, tendo chegado ao estado em 1984 e sendo atualmente reconhecido como Patrimônio Vivo da Cultura Alagoana. Foi responsável pela formação do primeiro grupo de capoeira no estado e por levar, pela primeira vez, um grupo de capoeiristas à Serra da Barriga³⁰. Em sua fala, expressa a emoção de presenciar, no dia 20 de novembro, a Serra ocupada por capoeiristas vestidos de branco, praticando e celebrando a arte da capoeira em um espaço marcado por profunda memória ancestral. Ao relembrar sua chegada a Alagoas, destaca a quase inexistência da prática no estado: “Cheguei aqui e só encontrei eu mesmo... porque não existia, não existia um berimbau” (Mestre Jacaré, entrevista, 2025).

Segundo o Mestre, a capoeira passou a ganhar corpo em Arapiraca como graduado Lira, discípulo do Mestre Grande, que também foi Mestre do próprio Jacaré em São Paulo. Juntos, Mestre

³⁰ Localizada em União dos Palmares/AL, a Serra da Barriga foi o principal reduto do Quilombo dos Palmares e é considerada um símbolo de resistência negra no Brasil, sendo tombada pelo Iphan, em 1985.

Jacaré e Mestre Lira realizaram o primeiro batizado em Palmeira dos Índios e, posteriormente, em Maceió, consolidando a presença da capoeira em território alagoano.

Para Jacaré, sempre esteve claro que seu papel na capoeira vai além da prática corporal, tratando-se, sobretudo, da formação de cidadãos. Ensinando a capoeira regional, percorreu bairros e comunidades onde muitas pessoas nunca haviam tido contato com a prática, levando a capoeira como expressão de cultura, identidade e inclusão social. Após permanecer oito anos em São Paulo, retornou a Alagoas reforçando a necessidade de aprimoramento contínuo da prática e da valorização de seus Mestres.

Apesar de ser uma referência no estado, Jacaré ressalta um ponto sensível em sua trajetória: a ausência de reconhecimento e respeito por parte de alguns setores da comunidade capoeirística. Como afirma: “A única coisa que eu gostaria que tivesse é mais respeito com a minha pessoa” (Mestre Jacaré, entrevista, 2025).

Sua fala revela, tanto a importância histórica de sua atuação quanto as tensões contemporâneas presentes na capoeira alagoana, nas quais o reconhecimento da ancestralidade e da memória dos Mestres locais ainda se mostra insuficiente.

O Mestre Jacaré enfatiza que sempre esteve vinculado à capoeira regional, cultivando a prática como um espaço de formação cidadã. Em sua perspectiva, o papel do Mestre não se limita à transmissão de golpes, movimentos ou cantos, mas envolve a formação integral dos sujeitos, resgatando a dimensão pedagógica da capoeira. Essa visão dialoga com a compreensão da capoeira como uma prática cultural que, ao mesmo tempo em que se configura como luta e arte, constitui-se como educação popular e instrumento de transformação social (Brito, 2016; Freire, 1987).

Sua trajetória é marcada pela itinerância, pois “levava a capoeira pelos bairros”, promovendo rodas e apresentações em locais onde a população, muitas vezes, nunca havia presenciado a prática. Esse

movimento evidencia a função social dos Mestres de capoeira na popularização e difusão da arte, especialmente em regiões onde ela ainda não estava consolidada. Tal dimensão remete ao papel histórico dos Mestres em Alagoas, que atuaram na resistência cultural e no enraizamento da capoeira como prática comunitária (Abib, 2004; Rego, 1968).

O Mestre destaca ainda sua passagem por São Paulo, onde permaneceu por oito anos praticando capoeira. Essa experiência representa não apenas a continuidade de sua formação, mas também a inserção da capoeira no contexto das grandes metrópoles brasileiras, espaços nos quais a prática passou a adquirir maior visibilidade e reconhecimento social. A circulação de Mestres pelo território nacional constitui um fenômeno relevante para compreender a expansão e consolidação da capoeira regional, dialogando com os processos de diáspora interna da cultura afro-brasileira (Soares, 2001).

Outro ponto central na fala do Mestre Jacaré é a reivindicação por respeito, tanto à sua trajetória quanto ao trabalho dos Mestres de capoeira em geral. Essa demanda evidencia uma tensão histórica, pois, mesmo após a legitimação da capoeira como patrimônio cultural brasileiro (Iphan, 2008), os Mestres ainda enfrentam processos de desvalorização social e ausência de reconhecimento institucional. Sua fala alinha-se a críticas recorrentes feitas por Mestres e pesquisadores sobre a urgência de políticas públicas que valorizem não apenas a prática da capoeira, mas também a figura dos Mestres enquanto guardiões de saberes tradicionais (Abib, 2004; Assunção, 2005).

4.5 Mestre Cláudio dos Palmares

O relato do Mestre Cláudio dos Palmares traz à tona dimensões importantes sobre a presença e a aceitação da capoeira em diferentes espaços sociais. Ele destaca que, ao introduzir a capoeira em uma escola particular, não enfrentou preconceito direto, uma vez que sua formação como professor de Educação Física lhe conferiu legitimidade

institucional: “as portas se abriam com mais facilidade”. Esse ponto revela como a formação acadêmica e a profissionalização podem, em alguns contextos, atenuar preconceitos historicamente dirigidos à capoeira, associada durante muito tempo à marginalidade (Soares, 2001; Rego, 1968). O Mestre chega a relatar que em suas turmas na Pajuçara³¹ alcançou cerca de 60 alunos, o que demonstra a expansão da prática em contextos de classe média urbana.

Entretanto, para o Mestre Cláudio, o maior obstáculo que a capoeira enfrenta atualmente é a intolerância religiosa. Ele observa que, com o crescimento de denominações evangélicas, tornou-se comum que práticas afro-brasileiras, como a capoeira, sejam estigmatizadas como “macumba”³². O próprio Mestre relata que, ao levar atabaques para apresentações em espaços acadêmicos, ouviu de colegas comentários preconceituosos como “começou a macumba”. Esse tipo de associação revela a persistência de um racismo religioso que atinge não apenas religiões de matriz africana, mas também manifestações culturais que compartilham elementos musicais, corporais e simbólicos dessas tradições (Prandi, 1996; Silva, 2007).

O Mestre também ressalta a dimensão racial e de classe na aceitação da capoeira nos espaços sociais: ele percebe que, se fosse negro e sem formação acadêmica, não teria tido a mesma facilidade para entrar em escolas particulares. Esse dado é revelador, pois aponta para a intersecção entre racismo estrutural e elitização da educação (Nascimento, 2019; Carneiro, 2003). A capoeira, nesse sentido, torna-se um campo de disputa simbólica, no qual a legitimidade é frequentemente condicionada a fatores externos ao saber tradicional, como o diploma e o pertencimento racial.

³¹ Bairro nobre situado na orla marítima de Maceió/AL. A referência a esta localidade denota a inserção da capoeira em espaços de maior poder aquisitivo e visibilidade turística, contrastando com a origem periférica da prática e corroborando o argumento sobre a expansão para a classe média.

³² O termo 'macumba', embora designe originalmente um instrumento musical e certas variantes de cultos afro-brasileiros, é frequentemente utilizado de forma pejorativa e reducionista para estigmatizar qualquer manifestação cultural de matriz africana, configurando o que pesquisadores como Silva (2007) definem como racismo religioso.

Além disso, o Mestre Cláudio reforça sua participação ativa nas celebrações do 20 de novembro na Serra da Barriga, lugar sagrado da memória da resistência negra no Brasil. Ele denuncia a falta de reconhecimento a Zumbi dos Palmares, relatando que “quando a gente faz a homenagem ao único negro, herói nacional, Zumbi dos Palmares, tem um minuto de silêncio e ninguém para”. Essa crítica evidencia a contradição entre o discurso oficial de valorização da memória negra e a prática social cotidiana, ainda marcada por negligência e desrespeito (Gomes, 2017).

Sendo assim, o Mestre critica a superficialidade de alguns que desejam ensinar capoeira sem conhecimento da história, dos fundamentos e dos Mestres ancestrais. Essa fala conecta-se à noção de ancestralidade como fundamento da prática da capoeira: conhecer quem foram os Mestres, suas histórias e fundamentos é condição para a continuidade legítima da tradição (Abib, 2004). Assim, sua fala reafirma a capoeira como espaço de memória, herança e resistência cultural.

De tal modo, a fala de Mestre Cláudio traz à tona uma reflexão essencial sobre como a capoeira é, ao mesmo tempo, um espaço de resistência e um reflexo das estruturas sociais que a marginalizaram ao longo da história. Ao apontar para a necessidade de valorizar os Mestres ancestrais e os saberes transmitidos por eles, o Mestre denuncia um problema que vai além da própria roda: trata-se da reprodução do racismo estrutural na sociedade brasileira.

O racismo estrutural, conforme Silvio Almeida (2019), não se limita a práticas individuais de discriminação, mas organiza instituições, discursos e práticas sociais de modo a perpetuar a marginalização do povo negro e de suas expressões culturais. Nesse sentido, o apagamento ou a desvalorização da memória dos Mestres ancestrais da capoeira é uma manifestação desse sistema: enquanto a capoeira é reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade, muitos dos seus Mestres permanecem invisibilizados, sem reconhecimento social ou apoio institucional.

Além disso, a fala de Mestre Cláudio se conecta à noção de ancestralidade enquanto categoria fundamental para a cultura afro-brasileira. A ancestralidade não é apenas a lembrança dos que vieram antes, mas um princípio de orientação, de ética e de pertencimento. Como afirma Santos (2019), a ancestralidade é a base de uma cosmovisão africana e afro-brasileira que organiza as práticas sociais e culturais em torno do respeito aos mais velhos, da transmissão oral e da coletividade.

Quando Mestre Cláudio enfatiza a falta de valorização da ancestralidade na capoeira, ele evidencia como o racismo estrutural tenta romper esses laços, promovendo o esquecimento e a descaracterização das raízes negras da prática. Esse movimento de apagamento é parte de uma lógica colonial que buscou, historicamente, deslegitimar os saberes africanos e suas expressões no Brasil, transformando-os em “folclore” ou “espetáculo” e retirando deles o caráter de ciência, filosofia e resistência.

Assim, discutir as falas do Mestre à luz do racismo estrutural é fundamental para compreender que não se trata apenas de um problema interno da capoeira, mas de um reflexo da própria estrutura social brasileira. Reconhecer os Mestres ancestrais e seus ensinamentos é, portanto, um ato político de enfrentamento ao racismo e de fortalecimento da ancestralidade como prática viva e transformadora.

4.6 Mestre Flávia Furacão

A fala da Mestre Flávia Furacão evidencia como a capoeira, mesmo sendo uma prática cultural viva, enfrenta tensões entre tradição e modernidade, memória e mercantilização. Ela relata que os encontros eram amplamente distribuídos, ocorrendo em mercados, na feirinha de artesanato³³ da Pajuçara ou no CSU, sempre acompanhando as rodas

³³ A Feira ou Mercado de Artesanato da Pajuçara é um dos principais pontos turísticos de Maceió. A realização de rodas neste local indica uma aproximação da capoeira com a indústria do turismo e a exposição da cultura como atrativo para visitantes, em

do Mestre Jacaré. A prática era ainda nova na cidade e dependia fortemente da presença e orientação de Mestres e professores que carregavam consigo a história e os saberes ancestrais.

Segundo a Mestre Flávia, a capoeira contemporânea funciona, em grande parte, como um jogo de pergunta e resposta. Entretanto, no passado, os confrontos eram mais intensos, e havia forte presença de discriminação e marginalização entre os grupos. Essa mudança reflete uma transição na forma como a capoeira se estrutura socialmente, mas também sinaliza uma lacuna no reconhecimento da memória e da experiência dos Mestres ancestrais.

Ela observa que muitos praticantes mais jovens buscam se destacar rapidamente, querendo “saber mais que o Mestre” ou antecipar o aprendizado, sem passar pelo processo de formação gradual que caracteriza a tradição da capoeira. Essa dinâmica evidencia uma desvalorização dos Mestres mais antigos, que construíram o caminho da prática e que possuem legitimidade histórica e cultural.

Esse fenômeno dialoga com o que outros Mestres já relataram, como Mestre Coca-Cola, Mestre Jacaré e Mestre Cláudio dos Palmares: a capoeira contemporânea, muitas vezes, prioriza a visibilidade imediata e o reconhecimento rápido, em detrimento do respeito à ancestralidade e ao percurso histórico. Essa lógica é reforçada pela necessidade de “vender” a capoeira, tornando-a atrativa para apresentações e espaços de mercado, sem garantir a preservação do conhecimento ancestral.

Como aponta Souza (2018), a mercantilização da capoeira e de outras manifestações culturais afro-brasileiras tende a reduzir sua dimensão crítica e educativa, transformando saberes transmitidos por gerações em produto cultural descontextualizado. Assim, a crítica da Mestre Flávia aponta para a urgência de resgatar e valorizar a história dos Mestres ancestrais, reconhecendo não apenas suas habilidades técnicas, mas também seu papel social, ético e formativo dentro das comunidades.

contraste com as rodas tradicionais de comunidade.

Portanto, o relato da Mestre Flávia evidencia que, para além do jogo e da performance, a capoeira é uma prática de resistência, transmissão cultural e formação cidadã. Negligenciar o percurso dos Mestres ancestrais e os fundamentos históricos da prática representa um empobrecimento do patrimônio cultural imaterial, corroendo vínculos de memória e identidade construídos ao longo de décadas em Alagoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a capoeira em Alagoas a partir das narrativas de Mestres e Mestras que atuaram diretamente em sua implantação, difusão e consolidação histórica, reconhecendo-a como prática de resistência, formação cidadã, educação popular e salvaguarda da memória afro-brasileira. Partindo de uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico e histórico, o estudo buscou não apenas descrever fatos, mas compreender sentidos, valores e disputas simbólicas que atravessam a capoeira enquanto manifestação cultural viva. Essa escolha metodológica mostrou-se plenamente adequada, uma vez que permitiu captar dimensões subjetivas, pedagógicas, políticas e espirituais que não seriam apreendidas por métodos quantitativos, além de valorizar a oralidade como eixo central da produção de conhecimento.

A metodologia adotada, fundamentada em entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, possibilitou que os Mestres fossem compreendidos como sujeitos históricos e produtores legítimos de saberes. As falas não foram tratadas como dados ilustrativos, mas como núcleos de sentido, revelando trajetórias individuais que, quando articuladas, constroem uma narrativa coletiva sobre a história da capoeira em Alagoas. Nesse sentido, a pesquisa também se insere no campo da salvaguarda da memória, uma vez que registra experiências que, em grande parte, permanecem ausentes dos registros oficiais.

A análise das entrevistas permitiu a construção de uma linha do

tempo analítica da capoeira em Alagoas, elaborada a partir da memória viva dos Mestres, principal forma de transmissão desse saber tradicional. Em um primeiro momento histórico, os relatos apontam para um cenário marcado pela ausência de espaços estruturados, pela marginalização social e pela invisibilidade da prática. Mestres como Ventania e Jacaré descrevem um período inicial em que a capoeira era rara no estado, ocorrendo de forma esporádica em quintais, praças e espaços improvisados, sendo frequentemente associada à criminalidade, à desordem ou à vadiagem³⁴. Nesse contexto, praticar capoeira significava, muitas vezes, enfrentar repressões simbólicas e materiais, o que evidencia o caráter de resistência presente desde os primórdios da sua prática em Alagoas.

Nessa fase inicial, a permanência da capoeira esteve diretamente ligada à iniciativa individual e à coragem dos Mestres que ousaram ocupar o espaço público com seus corpos, instrumentos e cantos. A transmissão dos saberes acontecia majoritariamente pela oralidade, pela observação e pela vivência na roda, reafirmando a centralidade da ancestralidade e da experiência como fundamentos do aprendizado. A figura do Mestre, desde então, assume um papel que ultrapassa o ensino técnico, configurando-se como referência ética, cultural e comunitária.

Em um segundo momento histórico, observa-se um processo de expansão e consolidação da capoeira em Alagoas, marcado pela criação dos primeiros grupos organizados, pela realização de batizados, encontros, oficinas e rodas em espaços públicos e comunitários. A atuação de Mestres pioneiros, como Jacaré, Caveirinha, Ventania, Cláudio e Coca-Cola, foi decisiva para esse avanço, promovendo a circulação da capoeira entre bairros, municípios e diferentes públicos sociais. Esse período representa uma transição importante, na qual a capoeira passa gradualmente do espaço privado e marginalizado para o espaço público legitimado.

³⁴ A associação da capoeira à vadiagem remete ao Código Penal de 1890, que no seu Capítulo XIII previa penas de prisão para os praticantes de 'capoeiragem', contexto que reforça o caráter de resistência da prática.

A entrada da capoeira em instituições culturais, como museus, centros comunitários e, posteriormente, em escolas e projetos sociais, constitui um marco relevante dessa etapa. Tal inserção ampliou o alcance da prática e contribuiu para seu reconhecimento social, ao mesmo tempo em que reforçou sua dimensão pedagógica. As narrativas dos Mestres evidenciam que a capoeira passou a ser compreendida como instrumento de formação ética, disciplina e cidadania, sobretudo para crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade social. A roda consolidou-se, assim, como espaço educativo, de sociabilidade, pertencimento e transmissão de valores ancestrais, reafirmando o Mestre como educador popular e liderança comunitária.

Contudo, a linha do tempo construída a partir das entrevistas também revela que esse processo de consolidação não ocorreu de forma linear ou isenta de conflitos. Em um terceiro momento, mais recente, emergem tensões contemporâneas associadas ao reconhecimento institucional da capoeira como patrimônio cultural, à sua expansão internacional e à crescente inserção no mercado cultural. Mestres como Coca-Cola, Cláudio dos Palmares e a Mestre Flávia Furacão apontam para conflitos entre tradição e modernidade, ancestralidade e mercantilização, destacando mudanças nos critérios de reconhecimento e legitimação dentro da própria capoeira.

Entre os aspectos mais recorrentes nas falas está a crítica à perda ou ao enfraquecimento do respeito aos Mestres mais velhos e às hierarquias simbólicas construídas historicamente. Segundo esses relatos, a valorização excessiva de títulos formais, visibilidade midiática e retorno financeiro tem, em alguns casos, se sobre posto à legitimidade construída pela trajetória, pela vivência e pelo compromisso com a ancestralidade. Esse fenômeno evidencia um conflito geracional e simbólico, no qual a rapidez dos processos formativos e a lógica mercadológica entram em choque com os tempos tradicionais de aprendizado da capoeira.

Outro elemento central identificado nos resultados é a persistência do racismo estrutural e da intolerância religiosa. O relato

do Mestre Cláudio dos Palmares explicita como manifestações culturais de matriz africana continuam sendo estigmatizadas, associadas à marginalidade ou demonizadas, mesmo após o reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural brasileiro e da humanidade. Tal contradição revela que a patrimonialização, embora represente um avanço importante, não é suficiente para eliminar preconceitos historicamente construídos nem para garantir o reconhecimento pleno dos sujeitos que sustentam essa prática. A fala da Mestra Flávia Furacão aprofunda essa reflexão ao abordar os impactos da mercantilização da capoeira, apontando para o risco de esvaziamento simbólico da prática. Segundo a Mestra, a busca por reconhecimento rápido e visibilidade imediata compromete a transmissão gradual dos saberes, fragiliza os vínculos de pertencimento e enfraquece o respeito às linhagens e aos Mestres ancestrais. Esse cenário evidencia a ambiguidade do processo de institucionalização, que, ao mesmo tempo em que amplia o alcance da capoeira, impõe novas formas de controle e padronização.

Ao longo de toda a linha do tempo reconstruída nesta pesquisa, a figura do Mestre permanece como elemento central e contínuo. Seja no período de marginalização, na fase de expansão e consolidação ou no contexto contemporâneo de disputas, Mestres e Mestras emergem como guardadores da memória, transmissores da ancestralidade e mediadores entre passado, presente e futuro. Suas trajetórias demonstram que a capoeira em Alagoas não foi construída prioritariamente a partir de políticas públicas estruturadas, mas pela resistência cotidiana, pela oralidade e pelo compromisso coletivo com a preservação da cultura afro-brasileira.

Conclui-se, portanto, que a história da capoeira em Alagoas constitui um processo dinâmico, marcado por continuidades, rupturas e disputas simbólicas, no qual a memória dos Mestres desempenha papel fundamental. Registrar, analisar e valorizar essas narrativas configura-se não apenas como produção de conhecimento acadêmico, mas como um ato político de reconhecimento e enfrentamento ao apagamento

histórico e ao racismo estrutural. Ao integrar uma linha do tempo construída a partir da oralidade e da experiência vivida, este trabalho reafirma a capoeira como patrimônio vivo, cuja permanência depende do respeito à ancestralidade, da valorização dos Mestres e da compreensão de que cultura, resistência e educação caminham de forma indissociável.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: Autores Associados, 2004.

ALMEIDA, Bira. **Capoeira: a Brazilian art form**. Berkeley: North Atlantic Books, 1986.

ARAÚJO, Maria L.; SANTOS, João P. **A capoeira como prática educativa transformadora: desenvolvimento de valores e atitudes em contextos escolares**. Rio de Janeiro: Realize, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/sinafro/2018/TRABALHO_EV118_MD2_SA9_ID229_09042018214155.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira: The history of an Afro-Brazilian martial art**. London: Routledge, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70, 2011.

BRITO, Anderson Ribeiro de. **Capoeira e educação: saberes e práticas na formação cidadã**. Salvador: EDUFBA, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CORDEIRO, A. A. S. Capoeira, do crime à legalização. **Revista TH Desafio**, v. -, p. -, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Ana F. Capoeira: uma manifestação cultural libertária e sua dimensão pedagógica. **Revista Building the Way**, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/buildingtheway/article/view/13229/9255>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, L. F. C.; FOSTER, E. L. S.; CUSTÓDIO, E. S. Da criminalização à Patrimônio Cultural: uma análise da história da capoeira no Brasil. **Veredas: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 5, n. 9, p. 95–115, jun. 2022.

IPHAN. **Dossiê IPHAN 7: Capoeira**. Brasília: IPHAN, 2008.

IPHAN. **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília, 2014. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieCapoeiraWeb.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional *versus* identidade negra.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NETO, N. P. **O ritual da roda de capoeira na vida dos mestres e mestras: significados e tradições.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiros da fé: os novos pentecostais.** São Paulo: Edusp, 1996.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico.** Salvador: Itapoã, 1968.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 1990.

SANTOS, N. R. Uma abordagem etnoecológica da Capoeira Angola em Feira de Santana–BA. **Ethnoscintia**, Belém, n. –, p. –, 20--.

SILVA, Danilo Kuhn. O conceito de patrimônio cultural de Llorenç Prats e o contexto da comunidade pomerana da Serra dos Tapes: algumas relações possíveis. **Revista Memória e Patrimônio**, v. 15, n. 2, p. 335-373, jul.-dez. 2019. Disponível em: https://portalojs.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/3290?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: USP, 2007.

SIQUEIRA, Andressa Marques; ZANIRATO, Silvia Helena. Reflexões sobre a gestão compartilhada do patrimônio cultural imaterial: uma década do registro da capoeira. **Revista Memória e Patrimônio**, v. 15, n. 1, p. 388-407, jan.-jun. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39788446/Reflex%C3%B5es_sobre_a_gest%C3%A3o_compartilhada_do_patrim%C3%B4nio_cultural_imaterial_uma_d%C3%A9cada_do_registro_da_Capoeira?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 ago. 2025.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negra da instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890.** Rio de Janeiro: Access, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

UNESP. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). **Revista do CEDAP**, Assis, v. 15, n. 1, p. 388-407, jan./jun. 2019.

CAPÍTULO 5

CAPOEIRA EM ALAGOAS: história, espaços e práticas culturais

Emanuel Felix Monteiro³⁵

Williams Boaz Fernandes da Silva³⁶

Marco Antonio Santos da Silva³⁷

1 INTRODUÇÃO

A capoeira é amplamente reconhecida como uma prática cultural afro-brasileira de natureza combativa, educativa e política, constituída a partir das experiências de populações negras submetidas a contextos de escravidão, pós-abolição e marginalização social no Brasil. Sua formação agrega elementos corporais, musicais, simbólicos e comunitários, configurando-se como um sistema complexo de saberes transmitidos, majoritariamente, por meio da oralidade e da vivência coletiva (Rego, 2008; Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Nesse sentido, a capoeira extrapola a dimensão da atividade física ou esportiva, afirmando-se como espaço de resistência cultural, construção identitária e formação social.

³⁵ Pesquisador bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Pibic Júnior), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimentos e luta”.

E-mail: efm4@aluno.ifal.edu.br . 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

³⁶ Pesquisador bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Pibic Júnior), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), vinculada ao projeto “A prática da capoeira, cultura, resistência popular: músicas, cantos, movimentos e luta”.

E-mail: wbfsl@aluno.ifal.edu.br . 2025. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Santos da Silva.

³⁷ Doutor em educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal. E-mail: marcobaiano4@gmail.com

No estado de Alagoas, essa manifestação cultural assume especificidades próprias, diretamente relacionadas às dinâmicas sociais locais, à atuação de mestres pioneiros e aos processos de organização cultural e institucional que marcaram sua consolidação ao longo do século XX. Ainda que o território alagoano esteja historicamente associado ao complexo dos mocambos de Palmares, símbolo maior da resistência negra no Brasil, a produção historiográfica aponta para a inexistência de registros documentais que comprovem uma relação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares. Tal associação, recorrente no senso comum e em narrativas populares, deve ser compreendida sobretudo como uma construção simbólica posterior, que aproxima dois importantes referenciais da luta negra no imaginário social brasileiro, sem configurar uma origem factual da prática (Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Isso não impediu que a comunidade capoeirista, não só estadual como nacional, atribuísse ao local histórico uma relação ímpar, unindo a representatividade negra da Serra da Barriga no município de União dos Palmares com a memória viva de resistência que é a Capoeira todos os anos no Dia da Consciência Negra.

Dessa forma, a formação da capoeira em Alagoas precisa ser analisada a partir de contextos históricos mais recentes, especialmente urbanos, nos quais a prática foi introduzida, difundida e ressignificada por mestres que se tornaram referências locais. Pesquisas voltadas à memória da capoeira em Maceió e em outras regiões do estado evidenciam que esses sujeitos desempenharam papel central na criação de rodas, na formação de novos praticantes e na consolidação de redes de sociabilidade, fundamentadas na oralidade, na musicalidade e na vivência comunitária (Lima, 2009; Oliveira, 2013). A atuação desses mestres foi determinante para a estruturação da capoeira alagoana, mesmo em contextos marcados pela ausência de políticas públicas e pelo preconceito racial.

A literatura especializada destaca que a figura do mestre ocupa um lugar pedagógico centrado no universo da capoeira. Conforme

apontam Costa (2021) e Silva (2006), a transmissão dos saberes não se restringe ao ensino técnico dos movimentos, mas envolve a formação ética, identitária e cidadã dos praticantes. O mestre, nesse contexto, afirma-se como educador popular, responsável pela preservação da memória coletiva, pela mediação de valores culturais e pela construção de sentidos que ultrapassam o espaço da roda, alcançando o cotidiano das comunidades onde a capoeira se insere.

Com a expansão da prática no estado, observa-se também o surgimento de formas de organização institucional, materializadas na atuação de entidades como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal). Essas instituições integram um movimento mais amplo de regulamentação e visibilidade da capoeira no Brasil, atuando na promoção de eventos, na articulação entre grupos e no diálogo com o poder público. Ao mesmo tempo, revelam tensões internas relacionadas à autonomia dos mestres, às diferenças estilísticas e às distintas concepções pedagógicas que atravessam a prática (Assunção, 2005; Anjos, 2020).

Outro eixo relevante diz respeito à inserção da capoeira no campo educacional. Estudos indicam que a prática tem sido incorporada a escolas e projetos socioeducativos como ferramenta pedagógica capaz de articular corpo, cultura, história e cidadania, contribuindo para a valorização da cultura afro-brasileira e para a construção de práticas educativas comprometidas com uma perspectiva antirracista (Silva, 2014; Ferreira, 2019; Ribeiro da Silva, 2023). Nessa perspectiva, a capoeira afirma-se como prática formativa que dialoga com debates contemporâneos sobre identidade, gênero e inclusão social (Oliveira; Pinheiro Leal, s.d.).

No contexto alagoano, as vertentes da capoeira Angola e da Capoeira Regional coexistem e dialogam, refletindo diferentes projetos históricos, políticos e pedagógicos. A capoeira Angola, marcada pela valorização da ancestralidade, da ritualidade e da preservação dos fundamentos tradicionais tem como um dos principais representantes no estado a ABCCAP (Associação Brasileira e Cultural de Capoeira

Angola Palmares) ou apenas Angola Palmares, pioneira na difusão dessa vertente. Já a Capoeira Regional, que tem uma abordagem que foca mais na técnica dos movimentos e menos na mandinga, conta com um maior número de grupos como Muzenza e Candeias. Essa pluralidade expressa tanto continuidades quanto tensões que acompanham os processos de institucionalização e ressignificação da capoeira no Brasil contemporâneo.

Ao articular produções acadêmicas consolidadas e estudos voltados especificamente para o contexto alagoano, este artigo propõe uma abordagem introdutória ampla sobre a capoeira em Alagoas, situando o leitor quanto às suas origens históricas, à atuação dos mestres pioneiros, às formas de organização institucional e às dimensões educativas da prática. As seções seguintes aprofundam essas questões, analisando de maneira mais detalhada os processos históricos, sociais e pedagógicos que configuram a capoeira no estado, a partir do diálogo entre referencial teórico e dados empíricos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, tem sido compreendida pela produção acadêmica como um espaço histórico de resistência, construção identitária e formação social. Sua constituição articula elementos de luta, dança, musicalidade e simbolismo, dimensões que dialogam diretamente com a trajetória do povo negro no Brasil e com os processos de enfrentamento à escravidão, ao racismo e à marginalização social (Rego, 2008; Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008). Dessa forma, a capoeira não se limita a uma atividade corporal ou esportiva, mas configura-se como um sistema complexo de saberes, transmitido majoritariamente pela oralidade e pela vivência comunitária.

No campo historiográfico, autores clássicos apontam que a capoeira se desenvolveu, sobretudo, em contextos urbanos, especialmente a partir do século XIX, sendo marcada por períodos de

criminalização e posterior legitimação social (Assunção, 2005; Soares, 2001). Nesse sentido, a literatura especializada problematiza a recorrente associação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares. Embora ambos representem importantes símbolos da resistência negra, estudos indicam a inexistência de evidências históricas que comprovem uma relação orgânica entre a prática da capoeira e Palmares. Tal vínculo deve ser compreendido, sobretudo, como uma construção simbólica posterior, mobilizada no imaginário social e político como forma de reforçar narrativas de resistência e ancestralidade negra (Assunção, 2005; Fontoura; Guimarães, 2008).

A figura do mestre ocupa posição central nos estudos sobre capoeira. Pesquisas destacam que a transmissão dos saberes não ocorre apenas pela técnica dos movimentos, mas envolve valores éticos, narrativas históricas, ritos e formas específicas de sociabilidade (Abib, 2004; Costa, 2021). O mestre é compreendido como guardião da memória coletiva e agente fundamental na formação identitária dos praticantes. No contexto alagoano, trabalhos como os de Lima (2009) e Oliveira (2013) evidenciam que os mestres pioneiros foram responsáveis pela implantação, difusão e consolidação da capoeira no estado, estruturando rodas, grupos e redes de sociabilidade em bairros, praças e espaços comunitários.

A memória e a oralidade aparecem como categorias fundamentais para compreender a capoeira em Alagoas. Lima (2009), ao registrar a trajetória dos mestres precursores em Maceió, demonstra como suas histórias se transformaram em referências para a construção da identidade cultural local e para a educação popular. A capoeira, nesse sentido, configura-se como uma prática que educa, resiste e perpetua a cultura afro-brasileira, mesmo diante da escassez de registros escritos e do histórico apagamento das contribuições negras. Essa perspectiva reforça a importância de pesquisas que valorizem as narrativas dos mestres e reconhece a oralidade como fonte legítima de conhecimento.

No que se refere à dimensão educativa, a literatura aponta de forma consistente que a capoeira atua como um potente instrumento

pedagógico, tanto em contextos escolares quanto em espaços não formais. Silva (2006), em *A prática da capoeira como espaço de formação*, analisa a capoeira como um processo educativo fundamentado em ritos, histórias e valores da cultura afro-brasileira, evidenciando que a prática promove aprendizagens relacionadas ao respeito, à ética e à consciência social. O autor destaca, a partir de experiências junto a mestres como Nô e Cláudio, que a capoeira contribui significativamente para a construção da identidade negra e da cidadania.

Em estudo mais recente, Silva (2023) revisa produções acadêmicas apresentadas no *Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade* (Educon) entre 2010 e 2021 e conclui que a capoeira possui elevado potencial no processo de ensino-aprendizagem. Segundo o autor, além de favorecer o desenvolvimento físico e emocional dos estudantes, especialmente em escolas públicas, a capoeira atua como meio de integração social e ferramenta pedagógica relevante, articulando cultura, história e corporeidade. Esses achados dialogam com estudos desenvolvidos em Alagoas, que ressaltam a contribuição da capoeira para a formação cidadã e para a inclusão social de jovens das periferias urbanas (Ferreira, 2019; Santos, 2019).

Apesar dos avanços, a literatura também aponta limites e desafios. A inserção da capoeira no ambiente escolar ainda enfrenta resistências, sendo frequentemente reduzida a uma atividade recreativa ou meramente física, sem o devido reconhecimento de sua densidade histórica, cultural e pedagógica (Silva, 2014; Almeida, 2017). Além disso, a escassez de registros sistematizados sobre a atuação dos mestres locais, sobretudo nas periferias alagoanas, evidencia a necessidade de estudos que deem visibilidade à dimensão histórica e educativa da capoeira no estado.

Outro eixo relevante do referencial teórico diz respeito às formas de organização social e institucional da capoeira. A criação de federações e associações, como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal), insere-

se em um movimento mais amplo de institucionalização da prática, marcado por disputas simbólicas entre tradição e normatização (Assunção, 2005; Anjos, 2020). Em Alagoas, essas entidades desempenham papel importante na mediação entre mestres, grupos e políticas públicas, ao mesmo tempo em que revelam tensões relacionadas à autonomia dos saberes tradicionais.

Por fim, a literatura reconhece a coexistência e o diálogo entre as vertentes da capoeira Angola e da capoeira Regional. Rego (2008) destaca que a capoeira Angola enfatiza a ancestralidade, a ritualidade e a preservação dos fundamentos tradicionais, enquanto a capoeira Regional, sistematizada por Mestre Bimba, propõe uma organização pedagógica voltada à valorização da capoeira como luta e método de ensino. Em Alagoas, estudos indicam que essas vertentes contribuíram de forma complementar para a consolidação da prática, refletindo processos históricos de circulação de mestres, adaptação local e construção de identidades próprias (Lima, 2009; Assunção, 2005).

Assim, o referencial teórico que sustenta este artigo compreende a capoeira como prática social, cultural e educativa, profundamente enraizada nas experiências da população negra. Ao articular autores clássicos e pesquisas específicas sobre Alagoas, este estudo busca valorizar a memória dos mestres, a oralidade, as formas locais de organização e o papel da capoeira na formação cidadã, reconhecendo-a como patrimônio cultural imaterial e como espaço legítimo de produção de saberes.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, adequada à análise de manifestações culturais, processos históricos e práticas educativas, especialmente no que se refere à capoeira em Alagoas, compreendida como um saber tradicional de matriz afro-brasileira transmitido, majoritariamente, por meio da oralidade.

O estudo foi desenvolvido a partir da articulação entre pesquisa bibliográfica, análise documental e investigação empírica, com ênfase nas narrativas orais de mestres de capoeira atuantes no estado de Alagoas. Tal delineamento metodológico possibilita compreender a capoeira para além de sua dimensão corporal, reconhecendo-a como prática cultural, educativa e social, atravessada por processos históricos, identitários e formativos.

No primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que contemplou obras clássicas e estudos contemporâneos acerca da história da capoeira no Brasil, de suas dimensões culturais, pedagógicas e sociais, bem como produções específicas voltadas à capoeira em Alagoas. Foram analisados livros, artigos científicos, dissertações e teses que abordam temáticas como memória, ancestralidade, organização da capoeira, práticas educativas, processos de institucionalização e formação cidadã. Esse conjunto teórico constituiu o referencial que orientou a análise e a interpretação dos dados empíricos.

De forma complementar, procedeu-se à análise de materiais documentais relacionados à capoeira no contexto alagoano, incluindo registros históricos, produções acadêmicas locais, documentos institucionais de federações e associações de capoeira, além de materiais audiovisuais, como documentários e registros de eventos culturais. Esses documentos foram compreendidos como fontes relevantes para a compreensão da trajetória histórica da capoeira no estado, de seus processos organizativos e de sua inserção em diferentes espaços sociais, culturais e educativos.

A etapa empírica da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com mestres de capoeira reconhecidos por sua atuação pioneira e por sua relevância histórica, cultural e social no desenvolvimento da capoeira em Alagoas, a saber: Mestre Ventania, Mestre Coca-Cola, Mestre Caveirinha, Mestre Jacaré e Mestre Cláudio dos Palmares. A seleção desses mestres baseou-se em critérios, como pioneirismo na difusão da capoeira no estado, longevidade na prática,

reconhecimento coletivo enquanto referências da salvaguarda da capoeira alagoana e detenção de saberes tradicionais transmitidos por meio da oralidade.

Os mestres participantes foram compreendidos como autoridades no campo da capoeira, detentores de amplo conhecimento prático, histórico e cultural acerca dessa manifestação, cabendo aos pesquisadores o papel de registrar, documentar e sistematizar suas narrativas, vivências e experiências. As entrevistas tiveram como objetivo registrar memórias, trajetórias pessoais, percepções sobre a formação da capoeira em Alagoas, desafios enfrentados ao longo do tempo, bem como o papel educativo e social da capoeira em diferentes contextos.

Os depoimentos coletados foram analisados à luz dos pressupostos da história oral e da memória social, considerando as narrativas não apenas como relatos individuais, mas como expressões de experiências coletivas e de processos históricos mais amplos. A análise ocorreu de forma interpretativa, por meio da identificação de categorias temáticas recorrentes, tais como ancestralidade, formação cidadã, respeito aos mestres, institucionalização da capoeira e relações entre tradição e contemporaneidade. As categorias identificadas foram articuladas ao referencial teórico, possibilitando o diálogo entre as experiências empíricas e a produção acadêmica.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa observou os princípios estabelecidos para estudos com participação humana, respeitando as diretrizes legais vigentes. As entrevistas foram realizadas mediante consentimento livre e esclarecido dos mestres participantes, que autorizaram o registro, a utilização e a divulgação de suas falas para fins acadêmicos e culturais. O estudo comprometeu-se, ainda, com o reconhecimento e a valorização da integridade simbólica, histórica e cultural dos mestres, assegurando o devido respeito aos saberes compartilhados.

A organização e a interpretação dos dados seguiram uma lógica temática e histórica, permitindo compreender a capoeira em Alagoas a

partir de suas origens, da atuação dos mestres pioneiros, das formas de organização institucional e de sua inserção em espaços educativos formais e não formais. Dessa maneira, a metodologia adotada possibilita uma leitura integrada da capoeira como prática cultural, educativa e social, valorizando a oralidade, a memória e os saberes tradicionais dos sujeitos que constroem e mantêm viva a história da capoeira alagoana.

4 RESULTADOS

A análise dos dados produzidos a partir da pesquisa bibliográfica, documental e empírica evidencia que a capoeira em Alagoas se constituiu por meio de um processo histórico singular, marcado pela resistência cultural, pela oralidade e pela atuação decisiva de mestres pioneiros. Os resultados demonstram que a consolidação da capoeira no estado não ocorreu de forma linear ou institucionalizada desde sua origem, mas foi construída a partir de iniciativas individuais e coletivas que transformaram espaços informais em territórios de aprendizagem, sociabilidade e transmissão de saberes.

No que se refere às narrativas amplamente difundidas no imaginário social, os dados confirmam que não há evidências históricas consistentes que estabeleçam uma relação direta entre a origem da capoeira e o Quilombo dos Palmares, conforme já apontado por estudos historiográficos clássicos (Rego, 2008; Assunção, 2005). Entretanto, os relatos dos mestres e as observações empíricas dos autores do artigo indicam que essa associação opera em um plano simbólico e político, conectando dois dos mais potentes ícones da resistência negra no Brasil: a capoeira e Palmares. Em Alagoas, essa relação simbólica é constantemente atualizada, sobretudo nas celebrações do Dia da Consciência Negra, realizadas na Serra da Barriga, espaço que se

consolidou como território de memória, ancestralidade e afirmação identitária.

4.1 A estruturação histórica da capoeira em Alagoas

Os depoimentos dos Mestres Ventania, Jacaré, Caveirinha, Coca-Cola e Cláudio dos Palmares revelam que a capoeira em Alagoas se estruturou, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, impulsionada pela circulação de capoeiristas oriundos de outros estados, especialmente Bahia e São Paulo. Tal circulação confirma o que Fontoura e Guimarães (2008) descrevem como um processo histórico de difusão da capoeira no território brasileiro, marcado por deslocamentos, trocas e adaptações regionais.

Em Alagoas, esse processo assumiu características próprias. As narrativas apontam que, inicialmente, a prática se desenvolveu em quintais, praças, praias, associações comunitárias e espaços improvisados, antes de alcançar maior reconhecimento público. Esses ambientes funcionam como verdadeiros núcleos formadores, reafirmando a oralidade como fundamento epistemológico da capoeira, conforme discutido por Oliveira (2013) e Lima (2009). Trata-se de um conhecimento transmitido prioritariamente pela experiência, pelo corpo, pela palavra e pela convivência, não redutível a registros escritos ou currículos formais.

4.3 Os mestres ancestrais como guardiões da memória e agentes educativos

Um dos resultados mais consistentes da pesquisa refere-se à centralidade dos mestres ancestrais na constituição da capoeira alagoana. As entrevistas evidenciam que a figura do mestre extrapola amplamente a função de instrutor técnico, assumindo um papel educativo, ético e comunitário. Os mestres são apresentados como

formadores de cidadãos, responsáveis por transmitir valores, como disciplina, respeito, responsabilidade e pertencimento social.

Essa dimensão pedagógica aparece de forma recorrente nas falas, sobretudo quando os mestres associam a capoeira à possibilidade de transformação social e ao afastamento de jovens em contextos de vulnerabilidade. Tal compreensão dialoga diretamente com estudos que reconhecem a capoeira como prática educativa e como forma de educação popular (Almeida, 2017; Silva, 2014; Costa, 2021; Ferreira, 2019). Em Alagoas, essa função social é ainda mais evidente, considerando as desigualdades históricas que atravessam grande parte da população negra e periférica do estado.

4.3 Diversidade de grupos e coexistência das vertentes

Os resultados também evidenciam a grande diversidade de grupos de capoeira existentes em Alagoas, com distintas filiações, estéticas, práticas pedagógicas e linhagens históricas. Apesar dessa pluralidade, os dados indicam que esses grupos caminham, de modo geral, em um mesmo sentido: a divulgação, preservação e fortalecimento da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira.

Nesse contexto, destaca-se a presença das vertentes capoeira Angola e capoeira Regional, que coexistem de forma dinâmica no estado. As trajetórias dos mestres demonstram que ambas foram fundamentais para a consolidação da capoeira alagoana, refletindo processos de diálogo, circulação de saberes e adaptação às realidades locais, sem que uma vertente anule a outra (Assunção, 2005; Rego, 2008).

A capoeira Angola, em especial, aparece nos resultados como a vertente que busca resguardar de forma mais explícita os fundamentos históricos, simbólicos e ritualísticos da prática. O Grupo Capoeira Angola Palmares (ABCCAP) foi utilizado como campo de pesquisa fundamental para a construção deste artigo, possibilitando a imersão

direta dos autores em rodas, oficinas, eventos culturais e projetos sociais. Essa experiência empírica permitiu observar, de maneira situada, como a capoeira Angola se manifesta no cotidiano alagoano contemporâneo, especialmente em bairros periféricos de Maceió, mantendo viva a tradição sem se dissociar das demandas atuais.

4.4 Institucionalização, federações e tensões contemporâneas

A pesquisa também revela tensões associadas ao processo de institucionalização da capoeira em Alagoas. A criação e atuação de federações como a Federação Alagoana de Capoeira (Falc) e a Federação de Capoeira do Estado de Alagoas (Feceal) aparecem de forma ambígua nos dados. Por um lado, representam avanços importantes na organização da prática, na ampliação da visibilidade pública e na interlocução com o poder público. Por outro, segundo os mestres entrevistados, tais instâncias nem sempre valorizam adequadamente aqueles que foram pioneiros na implantação da capoeira no estado.

Essas tensões refletem um debate recorrente na literatura, que aponta para os riscos da esportivização e da burocratização excessiva da capoeira, capazes de fragilizar a centralidade da ancestralidade e da oralidade (Assunção, 2005; Silva, 2023). Em Alagoas, tais disputas assumem contornos específicos, uma vez que muitos mestres ainda lutam por reconhecimento institucional e por políticas públicas que valorizem não apenas a prática, mas também seus protagonistas históricos.

4.5 Capoeira, escola e políticas culturais em Alagoas

No que se refere à inserção da capoeira nas escolas, os resultados indicam avanços significativos, sobretudo quando a prática é mediada por profissionais com formação acadêmica e reconhecimento institucional. Entretanto, persistem desafios relacionados ao

preconceito, à intolerância religiosa e ao racismo estrutural, fatores amplamente relatados pelos mestres e confirmados pela literatura (Silva, 2006; Silva, 2014).

Paralelamente, a pesquisa evidencia que a capoeira em Alagoas tem se consolidado como política cultural, sendo incorporada a projetos financiados por editais públicos e ações governamentais. Iniciativas como projetos de oficinas culturais, rodas abertas e eventos comunitários — observados diretamente pelos autores durante o trabalho de campo — demonstram que a capoeira ocupa, hoje, um lugar relevante nas agendas culturais do estado, especialmente em atividades vinculadas ao Dia da Consciência Negra e às celebrações realizadas na Serra da Barriga.

4.8 A Serra da Barriga e Palmares como eixo simbólico da capoeira alagoana

Os resultados indicam que a Serra da Barriga se consolidou como um dos principais espaços simbólicos da capoeira em Alagoas. Ainda que não configure a origem histórica da prática, Palmares ocupa um lugar central na construção da identidade capoeirística local. As rodas realizadas no dia 20 de novembro, a presença massiva de capoeiristas de diferentes grupos e vertentes, e a mobilização cultural observada pelos autores reforçam o papel da Serra como território de memória, resistência e reafirmação da cultura afro-brasileira (Gomes, 2017; Santos, 2019).

Essa centralidade simbólica contribui para que a capoeira em Alagoas seja compreendida não apenas como prática corporal, mas como expressão política, cultural e pedagógica, profundamente articulada à história da população negra no estado.

4.9 A capoeira em Alagoas na atualidade

A partir das observações empíricas realizadas pelos autores, a capoeira em Alagoas apresenta-se, na contemporaneidade, como uma prática viva, dinâmica e em expansão. Ela se faz presente em bairros periféricos, escolas, universidades, projetos sociais, eventos públicos e ações culturais promovidas pelo poder público. Essa presença reafirma o papel da capoeira como um dos pilares da cultura afro-alagoana, contribuindo para a disseminação de valores, saberes e práticas que fortalecem a identidade negra e a cidadania.

Nesse sentido, os resultados demonstram que a capoeira em Alagoas não apenas preserva o passado, mas constrói o presente e projeta o futuro, articulando tradição e contemporaneidade, ancestralidade e ação política.

5 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitem afirmar que a capoeira em Alagoas se constitui como uma prática social e cultural edificada historicamente a partir da resistência, da oralidade e da atuação decisiva dos mestres, articulando dimensões educativas, identitárias e políticas. Embora o estado esteja simbolicamente associado ao Quilombo dos Palmares, marco incontornável da resistência negra no Brasil, a trajetória da capoeira alagoana precisa ser compreendida a partir de sua própria dinâmica histórica, marcada por fluxos de mestres, processos de adaptação local e consolidação de redes comunitárias. A distinção entre o valor simbólico de Palmares e a inexistência de uma relação factual direta com a origem da capoeira contribui para uma abordagem historiográfica mais rigorosa, sem esvaziar a importância política e cultural deste território na memória afro-brasileira.

A investigação evidencia que os mestres pioneiros exerceram papel central na implantação, difusão e consolidação da capoeira em Alagoas, desempenhando funções que ultrapassam a dimensão técnica da prática. Suas trajetórias revelam a capoeira como um espaço formativo ampliado, no qual se constroem valores éticos, princípios de respeito à ancestralidade, disciplina e pertencimento comunitário.

Desse modo, os mestres afirmam-se como educadores populares, líderes culturais e guardiões da memória, responsáveis pela transmissão de saberes historicamente marginalizados e pela manutenção da capoeira enquanto patrimônio cultural imaterial vivo.

Os relatos analisados reforçam a compreensão da capoeira como instrumento de transformação social, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Em bairros periféricos de Maceió e em outras localidades do estado, a prática tem se consolidado como espaço de sociabilidade, educação e afirmação identitária para crianças, jovens e adultos. Projetos sociais, grupos organizados e iniciativas comunitárias evidenciam que a capoeira segue desempenhando papel relevante na promoção da inclusão social e no fortalecimento da cultura afro-brasileira, articulando tradição e contemporaneidade.

No que concerne aos processos de institucionalização, os resultados apontam para um cenário caracterizado simultaneamente por avanços e tensões. A criação e a atuação de federações e associações ampliaram a visibilidade da capoeira e possibilitaram maior interlocução com o poder público, favorecendo sua inserção em políticas culturais e educacionais. Contudo, os depoimentos dos mestres revelam preocupações quanto à fragilização do respeito à ancestralidade e às hierarquias tradicionais, sobretudo quando os processos normativos deixam de reconhecer adequadamente aqueles que foram pioneiros na construção da capoeira no estado. Tal constatação indica a necessidade de políticas públicas mais sensíveis às especificidades dos saberes tradicionais, capazes de articular a organização institucional e valorização da memória histórica.

A presença da capoeira em espaços escolares e em eventos promovidos pelo poder público, como as celebrações do Dia da Consciência Negra e as atividades realizadas na Serra da Barriga, sinaliza avanços importantes no reconhecimento da prática enquanto expressão legítima da cultura afro-brasileira. Ainda assim, permanecem desafios relacionados ao preconceito, ao racismo estrutural e à intolerância religiosa, elementos que continuam a influenciar sua

aceitação social. Esses aspectos reforçam a necessidade de compreender a capoeira não apenas como manifestação cultural, mas também como campo de disputa simbólica e política.

A coexistência das vertentes da capoeira Angola e da capoeira Regional em Alagoas evidencia a diversidade e a complexidade da prática no estado. Longe de se configurarem como oposições excludentes, tais vertentes estabelecem relações de diálogo e complementaridade, refletindo processos históricos de circulação de saberes e de construção de identidades locais. A capoeira Angola, em particular, destaca-se pela valorização da ancestralidade, da ritualidade e da preservação dos fundamentos tradicionais, reafirmando a capoeira como expressão cultural profundamente enraizada na experiência histórica do povo negro.

Dessa maneira, o estudo reafirma a relevância de pesquisas que articulem produção acadêmica e fontes empíricas, especialmente as narrativas orais dos mestres. Valorizar essas vozes implica reconhecer a oralidade como fonte legítima de conhecimento e enfrentar o apagamento histórico das culturas negras. Espera-se que este artigo contribua para o fortalecimento do debate acadêmico e social sobre a capoeira em Alagoas, estimulando novas investigações, políticas públicas e ações educativas que reconheçam, respeitem e fortaleçam o legado dos mestres ancestrais, bem como a capoeira enquanto prática cultural, educativa e política fundamental para a sociedade alagoana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João. **A capoeira e suas práticas pedagógicas**. Recife: UFPE, 2017.

ANJOS, Carlos. **Capoeira e organização espacial no sertão alagoano**. Maceió: Edufal, 2020.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira**: the history of an Afro-Brazilian martial art. London; New York: Routledge, 2005.

COSTA, Maria Aparecida. **Formação de mestres e processos educativos na capoeira**. Aracaju: UFS, 2021.

FERREIRA, Luiz Carlos. **Capoeira e cidadania em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2019.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. History of capoeira. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 13, n. 2, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **História do quilombo de Palmares**. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, José Carlos. **Memória dos mestres precursores da capoeira em Maceió/AL**. Maceió: Edufal, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; PINHEIRO LEAL, Luiz Augusto. **Capoeira, identidade e gênero**: história e identidade cultural. [S.l.: s.n.], [s.d.].

OLIVEIRA, Marcos. **A memória dos mestres de capoeira em Maceió**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. 2. ed. Salvador: Itapuã, 2008.

RIBEIRO DA SILVA, Luciana. **“Ginga!”**: decolonizing Brazilian education through the history and culture of capoeira. 2023. Tese/Dissertação – [Instituição], [Local], 2023.

SANTOS, Paulo Henrique. **Capoeira, espaço urbano e cidadania em Maceió**. Maceió: Edufal, 2019.

SILVA, Antônio. **A prática da capoeira como espaço de formação**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

SILVA, Antônio. **Capoeira, educação e contemporaneidade**. Aracaju: EDUCON/UFS, 2014.

SILVA, Antônio. **Capoeira e práticas educativas no Brasil contemporâneo**. Aracaju: EDUCON/UFS, 2023.

SOUZA, Ricardo. **A musicalidade da capoeira em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2018.

CAPÍTULO 6

A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA, CULTURAL E DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Adryan Kauã Macena dos Santos Lima³⁸

Venicio Benigno da Silva³⁹

Fernanda Luiza dos Santos Silva⁴⁰

Marco Antonio Santos da Silva⁴¹

INTRODUÇÃO

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que transcende sua dimensão corporal e lúdica, configurando-se como um complexo sistema de saberes, práticas e significados. Mais do que uma atividade física ou expressão artística isolada, trata-se de uma prática cultural que integra movimento, musicalidade e interação social, assumindo papel relevante na construção de identidades e na transmissão de valores coletivos.

Originada em contextos de opressão e resistência durante o período colonial brasileiro, especialmente entre os povos africanos escravizados, a capoeira constituiu-se como uma forma singular de luta, expressão artística e organização social. Em meio às violências

³⁸ Técnico em Química pelo instituto federal de Alagoas – IFAL. E-mail: akmsl1@aluno.ifal.edu.br 2026.

³⁹ Técnico em Edificações pelo instituto federal de Alagoas – IFAL. E-mail: vbs13@aluno.ifal.edu.br

⁴⁰ Acadêmica do curso de Química do instituto federal de Alagoas – IFAL. E-mail: flss1@aluno.ifal.edu.br

⁴¹ Doutor em educação pela Universidade Del Mar. Chile. Validado e reconhecido pela Universidade

Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: marcobaiano4@gmail.com

impostas pelo sistema escravista, a prática possibilitou a preservação de elementos culturais africanos e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento simbólico e físico às condições de dominação.

Sua trajetória histórica está profundamente marcada pela violência do regime escravista e pela luta contínua pela liberdade e pela preservação cultural, o que confere à capoeira um significado simbólico e político de resistência⁴² que se mantém até os dias atuais (POLITIZE!, 2021). Mesmo diante de processos de perseguição e marginalização, a capoeira sobreviveu e se reinventou, consolidando-se como patrimônio cultural e expressão da memória coletiva afro-brasileira.

Além disso, a capoeira desenvolveu-se como estratégia de sobrevivência e socialização, permitindo que comunidades marginalizadas fortalecessem vínculos sociais, transmitissem valores coletivos e construíssem redes de apoio. Ao longo do tempo, especialmente em contextos urbanos, a prática passou a desempenhar papel importante na organização comunitária, contribuindo para a preservação cultural e para a resistência frente à marginalização social.

Nesse sentido, a capoeira não pode ser reduzida a uma simples prática física ou jogo. Ela constitui um patrimônio imaterial carregado de memória, ancestralidade e saberes transmitidos de geração em geração. Ao longo do tempo, a capoeira consolidou-se como um espaço de formação humana integral, capaz de articular corpo, música, oralidade, narrativa histórica e coletivo em um processo pedagógico que desafia os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem.

Essa pedagogia singular valoriza o conhecimento experiencial, afetivo e relacional, rompendo com as dicotomias clássicas que separam teoria e prática, sujeito e objeto, razão e emoção. Nesse contexto, a capoeira torna-se uma prática educativa que integra dimensões cognitivas, socioemocionais e culturais, promovendo a

⁴² Entende-se resistência cultural como o conjunto de práticas simbólicas por meio das quais grupos subalternizados preservam identidades, valores e formas de organização social frente a processos de dominação histórica.

construção de valores como solidariedade, respeito, autoconfiança e cooperação (EDUCAÇÃO PÚBLICA, 2019).

A incorporação da capoeira nos espaços educacionais contemporâneos, especialmente nas escolas públicas brasileiras, surge como um ato de afirmação cultural e política que busca reconhecer e valorizar as culturas negras historicamente marginalizadas. Tal processo insere a capoeira como prática decolonial⁴³, ao deslocar paradigmas eurocêntricos e promover a inclusão, a diversidade e o protagonismo de grupos socialmente excluídos.

Por meio da capoeira, educadores e educandos são convidados a refletir sobre as relações de poder, identidade, memória e cidadania, estabelecendo uma pedagogia crítica e transformadora. Ao mesmo tempo, a prática da capoeira nas escolas contribui para o desenvolvimento da consciência histórica e da valorização de narrativas que foram silenciadas ou sub-representadas, fortalecendo o senso de pertencimento e identidade cultural entre os estudantes (REDALYC, 2018).

Além de seu reconhecimento cultural, a capoeira encontra respaldo legal no campo educacional brasileiro. A Lei nº 10.639/2003⁷, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, cria um campo fértil para a inserção da capoeira como prática pedagógica interdisciplinar.

Ao articular história, corporeidade, musicalidade e memória coletiva, a capoeira contribui para o cumprimento dessa legislação, ampliando as possibilidades didáticas e fortalecendo uma educação comprometida com o enfrentamento do racismo estrutural. Nesse sentido, sua presença no ambiente escolar não se configura como atividade complementar, mas como estratégia pedagógica alinhada às diretrizes curriculares nacionais.

⁴³ A perspectiva decolonial critica a centralidade dos saberes eurocêntricos e propõe a valorização de conhecimentos historicamente marginalizados, especialmente os de origem indígena e afrodescendente. ⁷ A Lei nº 10.639/2003 altera a LDB (Lei nº 9.394/1996), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todo o currículo escolar.

Para além do cumprimento legal, a inserção da capoeira no ambiente escolar possibilita a ampliação do conceito de currículo, compreendido não apenas como um conjunto de conteúdos formais, mas como um espaço de disputas simbólicas, culturais e políticas. Nesse horizonte, o currículo torna-se território de afirmação identitária, no qual práticas culturais de matriz afro-brasileira tensionam narrativas hegemônicas e promovem novas formas de produzir e legitimar conhecimentos. Ao ocupar esse espaço, a capoeira contribui para a construção de um currículo vivo, contextualizado e socialmente referenciado, capaz de dialogar com as realidades e experiências dos sujeitos escolares.

Nesse sentido, a presença da capoeira na escola favorece a construção de uma educação sensível às diferenças, ao reconhecer o corpo, a oralidade e a musicalidade como linguagens legítimas de aprendizagem. Essa perspectiva amplia as possibilidades pedagógicas, sobretudo para estudantes que apresentam dificuldades de adaptação aos modelos tradicionais de ensino, ao integrar múltiplas formas de expressão e promover a democratização do acesso ao conhecimento, bem como a valorização de trajetórias culturais diversas.

Em contextos urbanos periféricos, a capoeira desempenha ainda um papel social relevante, funcionando como espaço de proteção, socialização e desenvolvimento para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, econômica e cultural. Projetos sociais baseados nessa prática têm demonstrado impactos positivos no fortalecimento da autoestima, na construção de redes comunitárias solidárias e na oferta de alternativas educativas e de lazer, contribuindo para a inclusão social e a redução de diferentes formas de exclusão. Em âmbito internacional, a capoeira também tem sido mobilizada como instrumento de mediação intercultural, promoção da paz e valorização da diversidade cultural, reforçando seu potencial educativo, transformador e emancipatório (LALAUE, 2020).

Nessa perspectiva, a capoeira pode ser compreendida como uma linguagem cultural capaz de articular passado e presente, tradição e

contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que preserva elementos históricos e rituais herdados de matrizes africanas, a prática se reinventa continuamente, dialogando com distintas realidades sociais e educacionais. Enquanto manifestação viva, expressa dinâmicas sociais complexas relacionadas ao pertencimento, à territorialidade e à construção coletiva de sentidos, configurando as rodas como espaços simbólicos nos quais valores são transmitidos, identidades são reafirmadas e hierarquias são constantemente negociadas.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a capoeira enquanto prática pedagógica, cultural e de resistência, enfatizando suas dimensões formativas, interculturais e inclusivas. A análise fundamenta-se em revisão bibliográfica e relatos etnográficos, buscando compreender a capoeira como espaço vivo de ensinoaprendizagem, memória e emancipação social.

Abordam-se questões relativas à formação identitária, à pedagogia do corpo e da música, à inclusão social e de gênero, à saúde integral, à interdisciplinaridade curricular e à contribuição da capoeira para o fortalecimento de práticas educativas antirracistas, demonstrando que essa manifestação ultrapassa o caráter cultural ou esportivo e se consolida como instrumento pedagógico capaz de ampliar horizontes educacionais e promover a justiça social (UFPB, 2022).

Ao longo do texto, pretende-se demonstrar que a capoeira constitui uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento de competências socioemocionais, cognitivas e culturais, capazes de fomentar a construção de uma escola plural, antirracista e comprometida com a justiça social. Reconhecer a capoeira como prática pedagógica legítima implica valorizar saberes ancestrais e populares, ampliar o conceito de educação e democratizar o acesso aos processos formativos. Além disso, o estudo da capoeira proporciona reflexões sobre gênero, raça, cidadania e direitos culturais, permitindo que educadores e educandos compreendam de forma crítica as

desigualdades e fortaleçam práticas de inclusão, respeito à diversidade e valorização das culturas afro-brasileiras (UNEMAT, 2021).

A estrutura do trabalho organiza-se em três grandes eixos: a investigação de sua trajetória histórica e sociocultural; a compreensão de suas potencialidades formativas e pedagógicas; e a análise de como a capoeira influencia e transforma realidades sociais, culturais e educacionais em distintos contextos.

Essa organização visa proporcionar uma compreensão integrada da capoeira como fenômeno multifacetado, que articula tradição e inovação, memória e contemporaneidade, corpo e cultura. A proposta é demonstrar que a capoeira é simultaneamente uma herança cultural histórica e uma prática contemporânea que se adapta e dialoga com os desafios da sociedade moderna, consolidando-se como um importante instrumento educativo e social (UFMT, 2020).

Dessa forma, espera-se contribuir para o fortalecimento do debate acadêmico e prático sobre a capoeira, evidenciando seu papel como prática de resistência, instrumento pedagógico e espaço de inclusão social. O reconhecimento da capoeira enquanto patrimônio cultural e educacional é fundamental para a construção de políticas públicas e práticas educativas que respeitem a diversidade, promovam a equidade e valorizem a riqueza das culturas afro-brasileiras. Ao valorizar a capoeira, reconhece-se a importância de práticas culturais ancestrais na formação cidadã e na construção de sociedades mais justas, pluralistas e inclusivas (EDITORA REALIZE, 2018).

MÉTODO

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, privilegiando o aprofundamento e a compreensão dos fenômenos relacionados à capoeira enquanto prática pedagógica, cultural e de resistência. Optou-se por essa abordagem por considerar que os aspectos subjetivos, simbólicos e contextuais são fundamentais para

captar as múltiplas dimensões presentes nas experiências formativas e educacionais envolvendo a capoeira.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A seleção das fontes bibliográficas seguiu critérios de relevância temática, reconhecimento acadêmico e diversidade epistemológica. Foram priorizadas produções que abordam a capoeira a partir de perspectivas históricas, pedagógicas, culturais e decoloniais, buscando contemplar tanto autores clássicos quanto estudos contemporâneos. Essa escolha metodológica visou garantir uma análise plural, capaz de dialogar com diferentes campos do conhecimento e evitar leituras reducionistas da capoeira enquanto fenômeno exclusivamente esportivo ou folclórico.

A revisão bibliográfica foi conduzida de forma sistemática, envolvendo leitura exploratória, analítica e interpretativa dos materiais selecionados. Inicialmente, realizou-se uma leitura superficial, com o objetivo de identificar conceitos centrais e categorias recorrentes. Em seguida, procedeu-se à leitura aprofundada, buscando estabelecer relações entre os diferentes autores e correntes teóricas. Esse processo permitiu a construção de um quadro analítico consistente, que fundamentou a interpretação dos dados empíricos e das experiências analisadas.

Como primeira etapa, realizou-se uma ampla pesquisa bibliográfica, fundamentada em obras clássicas e contemporâneas referentes à capoeira, educação popular, pedagogia decolonial, história afro-brasileira e políticas públicas de educação e cultura. Essa pesquisa foi instrumental para construir o referencial teórico que sustenta a análise, permitindo situar a capoeira em seu contexto histórico, social e educativo. As fontes incluíram livros, artigos acadêmicos, teses, documentos oficiais do Ministério da Educação e da Cultura, além de publicações de instituições reconhecidas na área.

A organização e sistematização das referências permitiram identificar convergências e divergências teóricas acerca da capoeira enquanto prática pedagógica e cultural. Observou-se que parte da literatura enfatiza sua dimensão histórica e simbólica, enquanto outros estudos privilegiam seus efeitos educacionais e sociais. Essa diversidade de abordagens contribuiu para uma leitura crítica do campo, possibilitando a construção de uma análise que articula diferentes perspectivas sem reduzi-las a interpretações únicas.

O diálogo entre autores nacionais e internacionais também foi fundamental para compreender como a capoeira é percebida em diferentes contextos culturais. Essa articulação ampliou o horizonte analítico da pesquisa, permitindo situar a capoeira não apenas como fenômeno local, mas como prática cultural que circula globalmente, mantendo vínculos com sua origem afro-brasileira.

ANÁLISE INTERPRETATIVA E HERMENÊUTICA CRÍTICA

A opção pela hermenêutica ⁴⁴ crítica mostrou-se adequada por permitir a compreensão das práticas educativas da capoeira como fenômenos historicamente situados e atravessados por relações de poder. Essa abordagem possibilitou analisar não apenas os discursos explícitos, mas também os sentidos implícitos presentes nas narrativas dos participantes, considerando aspectos como silenciamentos, resistências e estratégias de afirmação cultural. Dessa forma, a análise ultrapassa a descrição factual, alcançando uma leitura crítica e contextualizada das experiências investigadas.

Para a análise dos dados coletados, adotou-se o método da hermenêutica crítica, que busca interpretar os significados subjacentes às práticas educativas e culturais, considerando seus aspectos históricos, sociais e políticos. A hermenêutica crítica possibilita ir além

⁴⁴ A hermenêutica crítica é uma abordagem interpretativa que busca compreender os sentidos dos fenômenos sociais considerando seus contextos históricos, políticos e relações de poder.

da descrição superficial, alcançando uma compreensão profunda das relações de poder, resistência e identidade que permeiam a capoeira enquanto espaço formativo. Essa perspectiva está alinhada aos princípios das pedagogias críticas e decoloniais, valorizando o diálogo entre teoria e prática, corpo e cultura.

COLETA E ANÁLISE DE RELATOS E VIVÊNCIAS

Além da pesquisa bibliográfica, foram incorporados relatos e experiências práticas coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e produções audiovisuais disponíveis em documentários, reportagens e registros de grupos de capoeira. Os entrevistados incluíam Mestres, Mestras, instrutores e praticantes de diferentes gerações, cujas narrativas foram fundamentais para compreender as dimensões pedagógicas e políticas da capoeira no cotidiano.

Esses relatos permitiram captar as nuances da transmissão oral, as práticas ritualísticas, os desafios enfrentados pelos grupos e as transformações contemporâneas da capoeira no ambiente escolar e social. A triangulação entre fontes escritas e orais enriqueceu a análise e garantiu maior rigor interpretativo.

A utilização de relatos e vivências permitiu acessar dimensões subjetivas da prática da capoeira que dificilmente seriam captadas apenas por meio de documentos escritos. As narrativas dos participantes evidenciam percepções, sentimentos e significados atribuídos à prática, enriquecendo a compreensão de seu papel formativo e social. Essa escuta qualificada revelou a capoeira como espaço de aprendizagem contínua, marcado por experiências de pertencimento, disciplina coletiva e construção identitária.

As rodas de conversa configuraram-se como momentos privilegiados de troca de saberes, nos quais os participantes puderam compartilhar experiências pessoais e reflexões sobre a presença da capoeira em suas trajetórias de vida. Esses espaços favoreceram a

emergência de discursos que relacionam a prática à autoestima, à superação de dificuldades sociais e à valorização da cultura afro-brasileira.

A análise dessas narrativas foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar categorias recorrentes e sentidos compartilhados. Esse procedimento possibilitou compreender como a capoeira é vivenciada no cotidiano e como seus significados extrapolam o âmbito da atividade física, alcançando dimensões educativas, culturais e políticas.

ESTUDOS DE CASO

Cabe destacar que os contextos institucionais analisados apresentam particularidades que influenciam a implementação da capoeira como prática educativa.

Questões como carga horária reduzida, ausência de profissionais especializados e limitações estruturais impactam diretamente a continuidade das ações. Essas condições reforçam a necessidade de compreender os resultados à luz das especificidades locais, evitando generalizações e valorizando a análise qualitativa situada.

Para uma aproximação mais concreta e contextualizada, selecionaram-se estudos de caso em experiências educacionais que incorporam a capoeira como componente central ou complementar em seus projetos político-pedagógicos. Os casos analisados abrangem escolas públicas localizadas nos estados de Alagoas, Bahia, São Paulo e Pernambuco, regiões com forte tradição e prática capoeirista.

Esses estudos contemplam programas como “Capoeira na Escola” e “Ginga Cidadã”, que apresentam metodologias específicas para o uso da capoeira na promoção de aprendizagens significativas, inclusão social e desenvolvimento integral dos estudantes. A análise desses casos foi realizada a partir da observação documental, análise de relatórios pedagógicos, entrevistas com educadores e feedback dos estudantes e familiares envolvidos.

- Limitações e Considerações Éticas

Reconhece-se que a pesquisa qualitativa possui limitações relacionadas à generalização dos resultados, dada a especificidade dos contextos estudados. Entretanto, o objetivo principal é aprofundar o entendimento das potencialidades pedagógicas da capoeira em contextos diversos, oferecendo contribuições para práticas educativas e políticas públicas.

Foram observados todos os cuidados éticos necessários na utilização de dados provenientes de entrevistas e produções audiovisuais, respeitando os direitos de imagem, anonimato e consentimento dos participantes quando aplicável. A pesquisa valoriza a escuta ativa e o respeito às vozes das comunidades capoeiristas, reconhecendo-as como protagonistas e coautoras do conhecimento produzido.

RESULTADOS

As rodas de conversa realizadas no IFAL possibilitaram discussões sobre identidade cultural, ancestralidade e cidadania, criando momentos de reflexão coletiva entre estudantes e professores. Embora não tenham sido realizadas atividades regulares em todas as instituições, os relatos indicaram que a capoeira estimulou o interesse por práticas culturais, música e movimento, mostrando que mesmo intervenções pontuais podem gerar abertura para o diálogo sobre diversidade cultural e inclusão social.

Em termos pedagógicos, as observações indicam que a capoeira contribuiu para a articulação de conhecimentos corporais, musicais e históricos, integrando aspectos lúdicos e educativos. Alunos demonstraram curiosidade e participação durante as atividades, enquanto professores reconheceram o potencial da prática para trabalhar valores como cooperação, respeito e disciplina. Ainda que os efeitos observados não possam ser generalizados, os resultados sugerem que a capoeira funciona como recurso pedagógico capaz de

enriquecer o currículo e aproximar os estudantes de temas relacionados à cultura afro-brasileira.

Do ponto de vista dos estudantes, os relatos indicaram que a capoeira favoreceu a expressão corporal, a participação ativa e o sentimento de pertencimento ao espaço escolar. Muitos participantes destacaram a possibilidade de aprender de forma dinâmica e coletiva, rompendo com a rotina tradicional das aulas expositivas. Essa percepção sugere que a prática contribui para a ressignificação da escola como espaço de vivência cultural e diálogo, especialmente para estudantes que historicamente se sentem pouco representados no currículo formal.

Observou-se, ainda, que a capoeira despertou interesse mesmo entre estudantes que inicialmente se mostravam pouco participativos nas atividades escolares. A possibilidade de aprender por meio do movimento, da música e da interação coletiva contribuiu para a quebra de barreiras simbólicas associadas ao fracasso escolar. Esse aspecto sugere que a capoeira pode funcionar como estratégia de engajamento pedagógico, especialmente em contextos marcados por desmotivação e distanciamento entre estudantes e escola.

Em relação à dimensão social, foi apontado que a capoeira atua como espaço de convivência e socialização, mesmo que limitado em escala. A prática permitiu interações respeitadas entre estudantes de diferentes idades e origens, estimulando a percepção de diversidade e a valorização da cultura local. A pesquisa documental e entrevistas com educadores também evidenciaram que a capoeira pode servir como instrumento para reflexão sobre cidadania e identidade cultural, especialmente quando combinada com rodas de conversa e atividades educativas complementares.

Os registros também indicaram que a prática favoreceu o reconhecimento da diversidade cultural presente no próprio grupo de estudantes. Durante as atividades, surgiram relatos espontâneos sobre experiências familiares, tradições locais e vivências comunitárias relacionadas à cultura afro-brasileira. Esses momentos ampliaram o

repertório cultural dos participantes e fortaleceram o diálogo intercultural no espaço escolar.

Outro aspecto relevante observado refere-se à percepção dos professores sobre a capoeira como ferramenta pedagógica complementar. Muitos educadores relataram que a prática possibilitou novas formas de abordagem de conteúdos curriculares, especialmente aqueles relacionados à história e cultura afro-brasileira. A capoeira foi percebida como elemento facilitador do diálogo em sala de aula, estimulando a participação e o interesse dos estudantes.

Em alguns contextos, a prática também contribuiu para a melhoria do clima escolar, reduzindo conflitos e fortalecendo relações interpessoais. A vivência coletiva proporcionada pelas rodas favoreceu atitudes de respeito, cooperação e escuta, aspectos frequentemente apontados como desafios no cotidiano escolar.

Embora os resultados observados sejam predominantemente qualitativos e situados, eles indicam possibilidades concretas de integração da capoeira ao projeto pedagógico das instituições. Esses indícios reforçam seu potencial como prática educativa significativa, mesmo quando aplicada de forma pontual ou experimental.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados permite compreender a capoeira como uma prática que estabelece pontes consistentes entre a educação formal e a educação não formal⁴⁵, mesmo quando implementada de maneira pontual e limitada no contexto escolar. Nas escolas participantes, observou-se que a presença da capoeira favoreceu o reconhecimento de

⁴⁵ Educação formal refere-se aos processos educativos institucionalizados, regulados por sistemas oficiais de ensino, enquanto a educação não formal compreende práticas educativas desenvolvidas fora do sistema escolar, geralmente vinculadas a movimentos sociais, projetos comunitários e manifestações culturais. ⁹ O eurocentrismo curricular caracteriza-se pela centralidade de referenciais epistemológicos europeus na organização do conhecimento escolar, em detrimento de saberes produzidos por povos colonizados ou racializados.

culturas historicamente marginalizadas, contribuindo para aprendizagens significativas e despertando o interesse dos estudantes por temas relacionados à ancestralidade, identidade e diversidade cultural. Esses achados corroboram as reflexões de Gomes (2011) e Walsh (2009), ao evidenciarem que práticas educativas fundamentadas em saberes afro-brasileiros possuem potencial para tensionar estruturas curriculares eurocêntricas⁹ e promover processos formativos mais inclusivos.

Ao integrar corpo, música e história, a capoeira amplia as possibilidades de aprendizagem ao articular dimensões cognitivas, afetivas e culturais. Tal integração fortalece a compreensão de valores sociais e culturais, ainda que em estágio inicial, permitindo que os estudantes construam sentidos a partir da experiência vivida. Nesse aspecto, a prática dialoga com concepções contemporâneas de educação que reconhecem o corpo como linguagem pedagógica e o conhecimento como processo relacional e situado, superando dicotomias tradicionais entre teoria e prática.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados indicam que a capoeira contribui de maneira significativa para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação, respeito mútuo e escuta sensível, especialmente durante atividades coletivas e rodas de conversa. Mesmo na ausência de intervenções contínuas, os dados sugerem que ações pontuais são capazes de sensibilizar professores e estudantes quanto à importância de uma educação culturalmente significativa e socialmente comprometida. Essa constatação reforça a perspectiva de Paulo Freire (1987), para quem a educação deve ser compreendida como prática da liberdade, baseada no diálogo, na problematização da realidade e no reconhecimento dos sujeitos como produtores de conhecimento.

Sob essa perspectiva freiriana, a capoeira aproxima-se da noção de educação como prática social transformadora, na medida em que promove a leitura crítica da realidade e valoriza saberes populares historicamente subalternizados. A roda de capoeira configurase como

espaço pedagógico horizontal ⁴⁶, no qual educadores e educandos constroem conhecimentos de forma coletiva, rompendo com hierarquias rígidas e promovendo relações educativas mais democráticas. Essa dinâmica reforça princípios fundamentais da pedagogia crítica, como a escuta, o respeito às diferenças e a construção coletiva do saber, aspectos essenciais para a consolidação de práticas educativas emancipadoras.

Os achados desta pesquisa dialogam diretamente com estudos que compreendem a capoeira como tecnologia social e educativa, capaz de produzir impactos simbólicos e formativos mesmo em contextos de curta duração. Silva (2006) e Gomes (2011) destacam que a potência educativa da capoeira não reside apenas na frequência das atividades, mas sobretudo na qualidade das interações estabelecidas, na valorização da ancestralidade e na construção de vínculos coletivos. Dessa forma, a capoeira atua como mediadora de processos identitários e formativos que extrapolam o espaço escolar, alcançando dimensões comunitárias e culturais mais amplas.

No campo social, os projetos analisados demonstram que a capoeira pode funcionar como espaço de convivência, diálogo intercultural e socialização, ainda que de forma restrita. As atividades realizadas contribuíram para o fortalecimento de vínculos entre estudantes e professores, promovendo experiências de respeito à diversidade e de valorização da cultura afro-brasileira. Além disso, a prática apresentou potencial para a mediação de conflitos e o estímulo à cooperação, elementos fundamentais para a melhoria do clima escolar e para a construção de relações interpessoais mais solidárias.

Contudo, os resultados também evidenciam que os impactos mais amplos da capoeira — como a redução de vulnerabilidades sociais, o fortalecimento comunitário e a transformação estrutural do ambiente escolar — dependem da continuidade das ações e de sua

⁴⁶ Espaço pedagógico horizontal refere-se a ambientes educativos nos quais as relações entre educadores e educandos são mediadas pelo diálogo e pela participação coletiva, reduzindo hierarquias rígidas.

institucionalização. A ausência de políticas públicas específicas, a limitação de recursos materiais e a falta de formação docente adequada configuram obstáculos significativos para a consolidação da capoeira como prática pedagógica permanente. Muitos professores ainda desconhecem metodologias que articulem a capoeira aos conteúdos curriculares, o que reforça a necessidade de programas de formação continuada que dialoguem com saberes acadêmicos e populares.

Esses desafios apontam para a urgência de políticas públicas intersetoriais que articulem educação, cultura e esporte, reconhecendo a capoeira como patrimônio cultural e prática educativa legítima. A institucionalização da capoeira no ambiente escolar exige não apenas vontade pedagógica, mas também investimentos estruturais, valorização profissional dos Mestres e Mestras e a elaboração de diretrizes curriculares que orientem sua aplicação de forma contextualizada e respeitosa à tradição. Tal reconhecimento contribui para romper com processos históricos de marginalização dos saberes afrobrasileiros e fortalecer uma educação comprometida com a equidade e a justiça social.

Por fim, mesmo quando desenvolvida de forma pontual, a capoeira deve ser compreendida como uma pedagogia decolonial, na medida em que valoriza saberes ancestrais, questiona hierarquias epistemológicas e promove reflexões críticas sobre identidade, cultura e diversidade. A presença da capoeira nas escolas analisadas ampliou a percepção de cidadania, fortaleceu laços sociais e reafirmou a importância de reconhecer culturas historicamente marginalizadas no âmbito da educação formal. Esses resultados confirmam o potencial da capoeira como prática educativa transformadora, alinhada às propostas de uma educação antirracista, intercultural e socialmente referenciada (SILVA, 2006; GOMES, 2011; WALSH, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira revela-se como uma prática cultural viva, complexa e profundamente transformadora, que transcende suas manifestações

estéticas e performativas para se consolidar como um poderoso vetor de resistência, educação e reconstrução identitária. Sua história é marcada por trajetórias de luta contra a opressão, onde o corpo, a música e a oralidade se entrelaçam para produzir saberes ancestrais que resistem ao apagamento imposto pelos processos coloniais e pelas estruturas de poder hegemônicas.

Mais do que um espetáculo, a capoeira é um espaço de afetos coletivos e transmissão intergeracional, que desafia as lógicas excludentes e autoritárias da escola tradicional. Ao ser incorporada ao ambiente educativo, ela promove uma pedagogia que valoriza a experiência vivida, o corpo em movimento, o diálogo intercultural e a consciência crítica, proporcionando aos sujeitos um processo de aprendizagem que é ao mesmo tempo político, cultural e emocional.

O potencial da capoeira como instrumento de transformação social é inegável. Ela fomenta o pertencimento, a autoestima e o protagonismo de populações historicamente marginalizadas, especialmente jovens negros das periferias urbanas. Por meio da capoeira, esses sujeitos encontram um espaço de acolhimento, fortalecimento comunitário e construção de cidadania ativa, rompendo com as barreiras impostas pelo racismo estrutural e pela exclusão social.

Diante disso, torna-se urgente e imprescindível que o Estado brasileiro reconheça formalmente a capoeira como prática educativa legítima e estratégica para a promoção da equidade e da justiça social. A formulação de políticas públicas específicas é fundamental para garantir a presença efetiva da capoeira nas escolas, assegurando infraestrutura adequada, recursos pedagógicos e valorização dos Mestres e Mestras enquanto educadores populares.

Nesse processo, a escola assume papel estratégico como espaço de mediação entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais. Ao abrir-se para práticas como a capoeira, a instituição escolar contribui para a construção de uma educação mais plural, capaz de reconhecer diferentes formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento. Essa

abertura não implica a negação dos saberes científicos, mas sua ampliação por meio do diálogo intercultural.

A valorização dos Mestres e Mestras é especialmente crucial, pois eles carregam o saber vivo e tradicional que fundamenta a prática, sendo os guardiões de uma memória e ética coletivas que precisam ser preservadas e respeitadas no ambiente escolar e na sociedade em geral. O reconhecimento desses agentes culturais deve se traduzir em condições dignas de trabalho, remuneração justa e inclusão nos processos de formação docente e elaboração curricular.

Além do papel do Estado, a academia tem um papel estratégico ao se abrir para o diálogo com os saberes da roda, com a musicalidade do berimbau e com a ética do jogo. É necessário que os estudos sobre a capoeira transcendam abordagens superficiais ou exotizantes, adotando perspectivas críticas, interdisciplinares e decoloniais que reconheçam sua complexidade e potência educativa.

A pesquisa acadêmica deve contribuir para a produção de conhecimento que fortaleça as práticas pedagógicas da capoeira, respeitando sua historicidade e diversidade, ao mesmo tempo em que apoia a construção de políticas públicas e práticas inclusivas. O compromisso ético com a justiça social deve orientar todo esse processo, valorizando as vozes e experiências dos próprios praticantes.

Como desdobramento desta investigação, sugere-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem a inserção contínua da capoeira em contextos escolares, possibilitando avaliar seus impactos a médio e longo prazo. Pesquisas futuras também podem explorar a formação docente para o trabalho com a capoeira, bem como suas articulações com outras práticas pedagógicas de matriz afro-brasileira, ampliando o debate sobre educação intercultural e decolonial.

Finalmente, é importante destacar que a capoeira é um campo aberto e em constante transformação. Suas múltiplas expressões culturais, sociais e educativas refletem a dinâmica das comunidades que a praticam, exigindo sensibilidade e abertura para novas interpretações e práticas. Ao reconhecer a capoeira como patrimônio cultural e

educacional, promovemos a pluralidade de saberes e o direito à diversidade, pilares essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

REFERÊNCIAS

EDUCAÇÃO PÚBLICA. A capoeira como prática educativa transformadora. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/32/acapoeiracomo-praacutetica-educativa-transformadora>. Acesso em: 15 ago. 2025.

EDITORA REALIZE. A capoeira como instrumento de inclusão social nas aulas de educação física na educação básica. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA9_ID140_24102018144953.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Berenice. Capoeira: cultura, resistência e educação. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

LALAUE. Capoeira's Social Impact. Disponível em: <https://www.lalaue.com/learncapoeira/capoeiras-social-impact/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

POLITIZE!. Capoeira: um ato de resistência. Disponível em: <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

REDALYC. O jogo capoeira: uma pedagogia decolonial? Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/715/71557480009/html/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVA, Maria Lúcia. Capoeira: práticas, saberes e resistência cultural. Salvador: EDUFBA, 2006.

UFPB. A capoeira como prática educativa para o ensino da educação étnico-racial. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25660/1/FL26122022.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

UNEMAT. Capoeira: contribuições pedagógicas para educação e inclusão. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/download/9334/5243>. Acesso em: 14 ago. 2025.

UFMT. Capoeira na educação física escolar. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/19230>. Acesso em: 25 ago. 2025.

WALSH, Catherine. Pedagogia decolonial: desafios e possibilidades na educação. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

SABER CAPOEIRA ANGOLA: Música, Cantos, Momentos e Luta – Uma Coletânea de Artigos Científicos



A Capoeira Angola é mais que uma luta, uma dança ou um jogo. É uma complexa manifestação cultural afro-brasileira, um "corpo-escrevivência" que carrega em si a memória, a ancestralidade e a inabalável capacidade de resistência

de um povo. Esta coletânea de artigos científicos convida o leitor a mergulhar nas múltiplas dimensões desse saber ancestral, revelando sua profunda relevância pedagógica, política e social na contemporaneidade.

Desmistificando a visão folclórica e esvaziada, a obra explora a Capoeira como uma potente pedagogia decolonial, capaz de tensionar o racismo estrutural e as narrativas eurocêntricas no ambiente escolar. Os artigos investigam a Capoeira em Alagoas – seus espaços, práticas e a fundamental atuação de Mestres pioneiros que, com oralidade e vivência, forjaram uma identidade capoeirística local.

Um destaque especial é dado à *mandinga de enfrentamentos* do corpo feminino na Capoeira, analisando como mulheres capoeiristas desafiam as estruturas de poder e criam narrativas de reexistência frente ao machismo e ao sexismo. Você descobrirá como a roda de Capoeira se configura como um espaço pedagógico libertador, onde a musicalidade, os cantos, os movimentos e a história se entrelaçam para construir identidades positivas e fomentar a conscientização histórica.

Esta coletânea é um convite irrecusável para educadores, pesquisadores, capoeiristas e todos aqueles interessados em compreender a Capoeira não apenas como patrimônio cultural, mas como um projeto vivo de transformação social, capaz de questionar desigualdades e fortalecer uma educação antirracista, plural e emancipadora.

Descubra a força, a sabedoria e a resistência que ecoam em cada toque de berimbau e em cada ginga da Capoeira.



FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE ALAGOAS



ISBN: 978-85-83366-23-8



978-85-83366-23-8

Kattleya
EDITORA

